



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE ESTUDOS DE GÊNERO E FEMINISMOS**  
**BACHARELADO EM ESTUDOS DE GÊNERO E DIVERSIDADE**

**SÔNIA MARIA SANTOS SOARES**

**ASSASSINATOS DE PESSOAS LGBT NA BAHIA (2014): DINÂMICAS DE  
GÊNERO, RAÇA E CLASSE NA VIOLÊNCIA LETAL HOMOFÓBICA**

Salvador

2019

**SÔNIA MARIA SANTOS SOARES**

**ASSASSINATOS DE PESSOAS LGBT NA BAHIA (2014): DINÂMICAS DE  
GÊNERO, RAÇA E CLASSE NA VIOLÊNCIA LETAL HOMOFÓBICA**

Monografia apresentada à Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia como requisito para a conclusão do Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade.

Orientador: Prof. Dr. Felipe Bruno Martins Fernandes

Salvador

2019

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA),  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Soares, Sônia Maria Santos

Assassinatos de pessoas LGBT na Bahia (2014):  
dinâmicas de gênero, raça e classe na violência letal  
homofóbica / Sônia Maria Santos Soares. -- Salvador,  
2019.

88 f.

Orientador: Felipe Bruno Martins Fernandes.

TCC (Graduação - Bacharelado em Estudos de Gênero e  
Diversidade) -- Universidade Federal da Bahia,  
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2019.

1. Violência. 2. Homofobia. 3. LGBT. 4.  
Assassinatos. 5. Bahia. I. Fernandes, Felipe Bruno  
Martins. II. Título.

**SÔNIA MARIA SANTOS SOARES**

**ASSASSINATOS DE PESSOAS LGBT NA BAHIA (2014): DINÂMICAS DE  
GÊNERO, RAÇA E CLASSE NA VIOLÊNCIA LETAL HOMOFÓBICA**

Monografia apresentada à Faculdade de  
Filosofia e Ciências Humanas da  
Universidade Federal da Bahia como  
requisito para a conclusão do Bacharelado  
em Estudos de Gênero e Diversidade.

Aprovada em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2019.

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof. Dr. Felipe Bruno Martins Fernandes  
Universidade Federal da Bahia  
(Orientador)

---

Prof. Dra. Maise Caroline Zucco  
Universidade Federal da Bahia

---

Ma. Anne Alencar Monteiro  
Universidade Federal da Bahia

---

Prof. Dr. Luiz de Barros Mott  
Universidade Federal da Bahia

**SÔNIA MARIA SANTOS SOARES**

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais, Davina Santos e Manoel Romão dos Santos, ambos (em memória) pelo amor incondicional.

À minha amada filha Melina e querido esposo Wilians, que sempre estiveram ao meu lado, me incentivando, e nunca me deixaram desistir.

Às minhas irmãs, irmãos e sobrinhas que, apesar da distância, sempre torceram por mim.

Às colegas e aos colegas de turma, principalmente, Bruna, Débora e Eloíde, que sempre me deram força, pelas quais tenho grande carinho e admiração.

Ao Grupo Gay da Bahia (GGB), na pessoa de Luiz Mott, que permitiu iniciar meu estágio na instituição, no qual resultou no meu trabalho de conclusão de curso. Às professoras e professores do curso do Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade e da banca de defesa, cujos ensinamentos foram fundamentais para meu aprendizado.

Por fim, mas não menos importante, a Felipe Bruno Martins Fernandes meu professor e Orientador, que durante todo esse tempo não me abandonou, não desistiu de mim e me fez acreditar em mim mesma, ao qual serei eternamente grata.

## RESUMO

Nos últimos anos, os crimes contra a população lésbica, gay, bissexual, travestis, transexuais e transgêneros (LGBT) vem aumentando consideravelmente no Brasil, chamando a atenção de pesquisadores e coletivos de luta contra a homofobia. O Grupo Gay da Bahia (GGB) contribui com essas pesquisas e lutas com um site chamado, “Quem a homotransfobia matou hoje?”, em que são postadas diariamente notícias dos crimes letais que atingem essa população em todo o Brasil. No site é possível identificar, não apenas o quantitativo, mas também, descobrir se a vítima é gay, lésbica, travesti ou transexual, além da classificação por estado/cidade, e o ano em que aconteceram os crimes. Analisando os dados do site, percebe-se que a violência letal que atinge essa população é um problema crônico, na medida em que ocorre com frequência e não se observa a resolução dos mesmos pelas autoridades competentes. A manutenção/atualização do banco de dados do site visa chamar a atenção da sociedade como um todo, mas principalmente do poder público, no sentido de pensar em criar mecanismos jurídicos para a punição dos assassinos. A violência explícita contra a população LGBT indica a falta de política pública, principalmente a criminalização da homofobia. A intolerância religiosa, também contribui para o aumento da violência contra gays, lésbicas, travestis e transexuais, uma vez que os discursos fundamentalistas religiosos, cujas abordagens não levam em conta temas que para eles fogem da “normalidade”. Os dados mostram que os crimes raramente, ou nunca, são associados à homofobia, indicando que essa população não é percebida na sua especificidade. O presente trabalho apresentará como resultado uma análise dos assassinatos de LGBT ocorridos na Bahia em 2014, baseado no meu trabalho de campo junto ao GGB e de monitoramento do site, cujo objetivo é identificar as regularidades e tendências desses “homicídios”, fornecendo pistas para a comunidade LGBT, evitar situações de risco, e para o poder público, implementar políticas públicas que garantam a segurança dessa população.

**Palavras chave:** Violência. Homofobia. LGBT. Assassinatos. GGB. Bahia.

## **ABSTRACT**

In recent years, crimes against the LGBT population have been increasing considerably in Brazil, attracting the attention of researchers and collectives to the fight against homophobia. The Grupo Gay da Bahia (GGB) contributes to these investigations and struggles with a website called, “Who homotransphobia killed today?”, in which daily reports of the lethal crimes against this population are published. On the website it is possible to identify not only the quantitative, but also to find out if the victim is gay, lesbian, transvestite or transsexual, besides different classifications such as state/city and the year in which the crimes happened. Analyzing the data of the website, it is perceived that the lethal violence that reaches this population is a chronic problem, since it occurs frequently and do not achieve resolution by the competent authorities. The maintenance of this database aims to draw the attention of society as a whole, but mainly of the government, in the sense of creating legal mechanisms for the punishment of murderers. Explicit violence against the LGBT population indicates the lack of policy, especially the law that criminalizes homophobia in Brazil. Religious fundamentalism in Brazil also contributes to the increasing violence against LGBT, since those discourses attack those who escape from “sexual and gender normality”. The data collected show that crimes rarely, if ever, are associated with homophobia, indicating that this population is not perceived in its specificity. The present work will present an analysis of the LGBT murders that took place in Bahia in 2014, based on my fieldwork with the GGB and with monitoring the website, trying to identify regularities and tendencies of these “homicides”, providing clues to the LGBT community to avoid situations of risk, and offer knowledge for the government to implement policies that guarantee the safety of this population.

**Keywords:** Violence. Homophobia. LGBT. Murders. GGB. Bahia.



## LISTA DE FIGURAS

- FIGURA 1 Fotografia de Pepê, dançarino negro do Balé Folclórico da Bahia, assassinado em 2015.
- FIGURA 2 Fotografia de Wallyson Santana de Castro, assassino do bailarino Pepê.
- FIGURA 3 Encaminhamento de Genivaldo Barreto Gomes ao Distrito Integrado de Segurança Pública (DISEP), em Vitória da Conquista, pelo assassinato de André Luiz Oliveira Silva.
- FIGURA 4 Professor é encontrado morto dentro de residência.
- FIGURA 5 Homem pelado é assassinado com 11 tiros.
- FIGURA 6 Homem é morto a pedradas na zona rural de Santa Cruz do Capibaribe.
- FIGURA 7 A facadas, gay é assassinado no Parque do Ibirapuera.
- FIGURA 8 Corpo de travesti é encontrado em Igarapé na BR-364.

## LISTA DE QUADROS

- QUADRO 1 CASO 1 – 11/01/2014 – Ricardo Santos da Silva – 27 anos/ Gay/Suicídio/BA, Teixeira de Freitas.
- QUADRO 2 CASO 2 – 29/01/2014 – Sarita/Trans – 35 anos/Tiros/BA, Itabela.
- QUADRO 3 CASOS 3 e 4 – 16/02/2014 – Betto Coelho/Gay/Tiros/BA e Adson Orleans/Gay/Tiros/BA, São Felipe.
- QUADRO 4 CASO 5 – 28/02/2014 – A.S.S./Trans – 16 anos/Tiros/BA, Vitória da Conquista.
- QUADRO 5 CASO 6 – 09/03/2014 – Lismar Santos Silva/Gay – 34 anos/ Tiros/BA, Vitória da Conquista.
- QUADRO 6 CASO 7 – 18/03/2014 – Agamenon/Trans – Facadas/BA, Itaberaba.
- QUADRO 7 CASO 8 – 22/03/2014 – Paulo Sérgio do Nascimento/GAY – 45 anos/Facadas/BA, Morro do Chapéu.
- QUADRO 8 Notícia da prisão do acusado de matar Paulo Sérgio do Nascimento em Morro do Chapéu/BA.
- QUADRO 9 CASO 9 – 13/04/2014 – Nilton Cezar Carreira dos Santos/Gay – 46 anos/Facadas/BA, Feira de Santana.
- QUADRO 10 CASO 10 – 15/05/2014 – S.J.N.L./Trans – 39 anos/Facadas/BA, Salvador.
- QUADRO 11 CASO 11 – 20/07/2014 – Luiz Antônio de Souza Santos/Gay – 46 anos/Tiros/DT/BA, Inhambupe.
- QUADRO 12 CASO 12 – 27/07/2014 – André Luiz Oliveira Silva/Gay – 51 Anos/Asfixia/BA, Vitória da Conquista.
- QUADRO 13 CASO 13 – 03/08/2014 – Aécio da Cruz Silva/Gay – 29 anos/ Asfixia/DH/BA, Feira de Santana.
- QUADRO 14 CASO 14 – 25/08/2014 – Reginaldo Pereira Costa/Gay/ Suspeita de Suicídio/BA, Vitória da Conquista.
- QUADRO 15 CASO 15 – 28/09/2014 – Maurício Souza da Silva/18 anos/

Gay/Tiros/BA, Salvador.

- QUADRO 16 CASO 16 – 05/10/2014 – Francisco de Souza/Gay – 50 anos/  
Golpes de Chuço/1ª D.H./BA, Salvador.
- QUADRO 17 CASO 17 – 12/10/2014 – Sara/Trans – 27 anos/Tiros/BA,  
Camaçari.
- QUADRO 18 CASO 18 – 16/10/2014 – Arlinda Santos Ferreira/Lésbica – 37  
anos/Apedrejamento/BA, Itabela.
- QUADRO 19 Notícia do assassinato do acusado de matar a alfabetizadora  
Arlinda Santos Ferreira no município de Itabela/BA.
- QUADRO 20 CASO 19 – 18/10/2014 – Valnei/Gay/Tiros/8ª COORPIN/BA,  
Teixeira de Freitas.
- QUADRO 21 CASO 20 – 19/10/2014 – Cleude Alves Pereira/Lésbica – 48  
anos/Estrangulamento/BA, Teixeira de Freitas.
- QUADRO 22 CASO 21 – 28/10/2014 – Higor Rocha Silva/Gay – 28 anos/  
Tiros/BA, Jeremoabo.
- QUADRO 23 CASOS 22, 23 e 24 – 12/11/2014 – José Filho do Nascimento/  
Gay – 24 anos/Tiros/BA | Alessandro Santos Souza Júnior/Gay/  
Tiros/BA | José Antônio Pereira Silva/34 anos/Tiros/BA, Santa  
Brígida.
- QUADRO 24 CASO 25 – 16/11/2014 – Ramona/Trans – 31 anos/Tiros/BA,  
Valença.

## LISTA DE GRÁFICOS

|           |                                     |
|-----------|-------------------------------------|
| GRÁFICO 1 | Local do Crime                      |
| GRÁFICO 2 | Vítima por Cor.                     |
| GRÁFICO 3 | Assassinatos LGBT na Bahia em 2014. |
| GRÁFICO 4 | Morte X Idade.                      |
| GRÁFICO 5 | Número de Mortes por Município.     |
| GRÁFICO 6 | Causa Mortis.                       |
| GRÁFICO 7 | Profissões das Vítimas.             |
| GRÁFICO 8 | Acompanhamento dos Casos.           |
| GRÁFICO 9 | Mortes por Categoria.               |

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO.....</b>   | <b>13</b> |
| <b>1 MATERIALIZAÇÃO DA HOMOFOBIA.....</b>  | <b>19</b> |
| 1.1 CONCEITUANDO A HOMOFOBIA.....  | 19        |
| 1.2 AS VÍTIMAS DA VIOLÊNCIA: LÉSBICAS, GAYS, BISSEXUAIS, TRAVESTIS<br>TRANSEXUAIS E TRANSGÊNEROS – LGBT.....                                       | 23        |
| 1.2 COMO A VIOLÊNCIA SE MANIFESTA ENTRE AS VÍTIMAS.....  | 25        |
| 1.4 NATURALIZAÇÃO DA HOMOFOBIA.....  | 27        |
| <b>2 OS MARCADORES SOCIAIS DA DIFERENÇA E SEU PAPEL NA<br/>VIOLÊNCIA LETAL HOMOFÓBICA.....</b>   | <b>30</b> |
| 2.1 O ASSASSINATO DE PEPÊ: UM CASO ATÍPICO.....  | 30        |
| 2.2 CONCEITUANDO RACISMO, CLASSISMO E SEXISMO.....   | 32        |
| 2.3 IDENTIDADE DE GÊNERO E IDENTIDADE SEXUAL.....  | 35        |
| <b>3 RELAÇÕES E DINÂMICAS DE GÊNERO, RAÇA E CLASSE NA VIOLÊNCIA<br/>LETAL HOMOFÓBICA: OS ASSASSINATOS DE LGBT NA BAHIA NO ANO DE<br/>2014.....</b> | <b>39</b> |
| 3.1 DESCRIÇÃO DOS CRIMES NA BAHIA NO ANO DE 2014.....  | 39        |
| <b>CONCLUSÃO: A RESOLUÇÃO DOS CRIMES ESTÁ ASSOCIADA AO<br/>PERTENCIMENTO SOCIAL DA VÍTIMA.....</b>   | <b>65</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>  | <b>67</b> |
| <b>APÊNDICES.....</b>  | <b>73</b> |

|   |    |
|---|----|
| APÊNDICE I – TABELA DOS ASSASSINATOS OCORRIDOS NA BAHIA EM<br>2014..... | 74 |
| APÊNDICE II – SISTEMATIZAÇÃO DOS DADOS.....                             | 75 |
| APÊNDICE III – SISTEMATIZAÇÃO DOS DADOS.....                            | 80 |

## INTRODUÇÃO

Esta monografia, intitulada “Assassinatos de pessoas LGBT na Bahia (2014): dinâmicas de gênero, raça e classe na violência letal homofóbica”, realizada como requisito para a conclusão do Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade (BEGD) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), tem como objetivo propor um debate sobre a violência letal contra pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais (LGBT) na Bahia no ano de 2014, “ano em que iniciei meu Estágio Supervisionado”, ao mesmo tempo em que busca dar visibilidade a esse tipo de violência, cujas vítimas são alvo de crimes brutais. Para tal, me proponho refletir sobre as teorias que nos auxiliam a compreender os dados estatísticos dos assassinatos de homossexuais no Brasil, além de analisar individualmente cada um dos 25 casos de assassinatos ocorridos na Bahia no ano de 2014 e um caso atípico ocorrido no início de 2015.

É frequente a mídia televisiva e os jornais impressos noticiarem o aumento no número de crimes cujo alvo são mulheres e jovens. Dentro desse cenário, porém, não são divulgados os crimes contra pessoas LGBT, os quais permanecem fora das estatísticas oficiais, uma vez que, apesar dos avanços em relação aos direitos LGBT no Brasil, o homossexual ainda é visto como diferente: aquele/a que destoa do “normal”. A divulgação dos crimes contra a população LGBT é feita pelos movimentos sociais que utilizam mídias paralelas para sistematizarem, em tempo real, os crimes contra essa população. Esses crimes vêm aumentando consideravelmente nos últimos anos no Brasil, chamando a atenção de pesquisadores e grupos que lutam contra a homofobia.

O Grupo Gay da Bahia (GGB) contribui com um site chamado “Quem a homotransfobia matou hoje? ”, em que são postados diariamente crimes letais que atingem essa população em todo o Brasil. Meu contato com este site, deu-se através da disciplina Estágio Supervisionado Obrigatório no BEGD.

A violência letal começa a ser documentada no país através da ação pioneira do GGB<sup>1</sup>, sob a liderança do antropólogo Luiz Mott, no início dos anos 1980

---

<sup>1</sup> O **Grupo Gay da Bahia** é a mais antiga associação de defesa dos direitos humanos dos homossexuais no

(FERNANDES, 2011; 2013). O site “Quem a homotransfobia matou hoje?”, que tem o GGB como principal mantenedor, está subdividido nos itens:

- “Página inicial”, onde temos uma visão geral do site;
- “Homofobia”, onde, entre outros tópicos, conceitua homofobia e discute os crimes no Brasil e no mundo;
- “Estatísticas”, onde são registrados os crimes contra LGBT (incluindo o suicídio), ocorridos no Brasil, com as respectivas fontes, e os relatórios anuais com os dados mais relevantes sobre as vítimas e seus agressores;
- “Cenas fortes”, composto por fotos tiradas das vítimas no momento do crime e;
- Completando os itens, estão “Livros, Noticiário, Desaparecidos e Denúncia”.

A postagem dos casos no banco de dados do GGB se baseia em notícias publicadas em jornais, internet e informações enviadas pelas ONGs LGBT e informações pessoais, a subnotificação desses crimes é notória, indicando que tais números representam apenas a ponta do iceberg da violência e do sangue LGBT derramado no Brasil (MOTT, 2015).

Durante o Estágio Supervisionado Obrigatório em Gênero e Diversidade<sup>2</sup>,

---

Brasil. Fundado em 1980, registrou-se como sociedade civil sem fins lucrativos em 1983, sendo declarado de utilidade pública municipal em 1987. É membro da ILGA, LLEGO, e da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis ( ABGLT). Em 1988 foi nomeado membro da Comissão Nacional de Aids do Ministério da Saúde do Brasil e desde 1995 faz parte do comitê da Comissão Internacional de Direitos Humanos de Gays e Lésbicas ( IGLHRC) . Ocupa desde 1995 a Secretaria de Direitos Humanos da ABGLT, e desde 1998 a Secretaria de Saúde da mesma. O GGB é uma entidade guarda-chuva que oferece espaço para outras entidades da sociedade civil que trabalham em áreas similares especialmente no combate a homofobia e prevenção do HIV e aids entre a comunidade e a população geral. O Centro Baiano Anti-Aids (CBAA), Grupo Gay Negro da Bahia Quimbanda Dudu, Associação de Travestis de Salvador (ATRAS), entidades que estão relacionadas a entidade com base em seu estatuto social, independentes, mas ligadas na luta da prevenção e combate ao preconceito. (GGB, 2019).

<sup>2</sup> Fazendo referência à disciplina Estágio Supervisionado I “2014.2”, a escolha da Instituição se deu pelo fato do meu regime de trabalho, não me permitir dispor de muito tempo para estar em campo. A princípio meu estágio seria de visita à instituição uma vez por semana, para acompanhar os atendimentos psicológicos, que consistem em ouvir / orientar os transexuais que pretendem fazer cirurgia para mudança de sexo, qualquer outro assunto, como violência, por exemplo, não é discutido com esse profissional. As duas vezes que estive na sede do GGB, não encontrei o psicólogo, pois, devido à problemas pessoais, este precisou se ausentar. Diante disso, percebi que talvez tivesse que desistir e procurar outro campo de estágio. Dividindo essa angustia com o professor Felipe, este contactou Luiz Mott, que pediu que o procurasse. Luiz propôs que eu acompanhasse através do site “Quem a Homotransfobia matou hoje” a violência letal contra a população LGBT na Bahia nos anos de 2011, 2012, 2013 e 2014, ou seja, meu estágio consistia em pesquisar, no site, citado acima, todas as informações referentes aos assassinatos da população LGBT na Bahia. Cada assassinato registrado me remetia a questionamentos, que estou buscando responder em minha monografia, pois cada vítima de homofobia traz consigo uma história de discriminação e preconceito que os acompanham



realizado nos anos de 2014 e 2015 no GGB, sob a supervisão de campo do professor Luiz Mott, minha atividade consistiu em compilar em tabelas o maior número de informações possíveis sobre vítimas e agressores envolvidos em crimes de ódio letais contra LGBT. Os dados compilados possibilitaram criar um perfil da vítima e do assassino, visando compreender a motivação do crime, além de criar um banco de dados mostrando a frequência de ocorrência dos crimes, e o perfil social, econômico e racial das vítimas.

No decorrer do Estágio surgiram alguns questionamentos que me instigaram ampliar a investigação, tornando-a objeto da minha monografia de conclusão do curso, uma vez que, apesar da gama de informações obtidas, algumas perguntas ficaram sem resposta, como: por que a maioria dos gays são mortos em casa, enquanto trans\* são assassinadas/os na rua?; por que a “grande mídia” não divulga esse tipo de crime e quando o faz é de maneira homofóbica?; e qual a dificuldade da polícia em tipificar esses crimes de ódio como homofóbicos?.

Não nomear a violência que recai sobre os que estão fora da norma heterossexual, torna o crime de ódio homofóbico uma violência geral, sem nome, ou seja, mantém a heteronorma invisível e cria obstáculos à organização social e política das pessoas LGBT. (DINIZ; OLIVEIRA, 2014). A questão racial se mostrou como um tópico que também merece ser discutido, já que afeta um grupo específico dentro do universo LGBT. As travestis assassinadas, na sua maioria negras, são um indicativo do pertencimento das sujeitas desse estrato às camadas mais empobrecidas da sociedade brasileira (CARRARA; VIANA, 2006). Essas sujeitas convivem cotidianamente com a dupla discriminação, na medida em que a homofobia e o racismo são fenômenos que, com frequência, convergem e se nutrem mútua e intermitentemente (JUNQUEIRA, 2012). Tal imbricamento, confere às pessoas trans\* uma condição desfavorável também na punição de seus assassinos em crimes de ódio de motivação transfóbica. A marginalização dessa população fica mais visível na análise dos crimes, na medida em que são vítimas de assassinatos brutais, que vão desde espancamento, passando por arma de fogo e até empalamento<sup>3</sup>.

---

em sua trajetória de vida e os colocam em condições de vulnerabilidade. Sei que não serei capaz de responder a todas minhas indagações, mas tentarei dar visibilidade a esses crimes, visando a ampliação de políticas públicas que venham de maneira efetiva mudar a realidade dessas pessoas.

<sup>3</sup> Uma das mais conhecidas técnicas de tortura é a do empalamento. Durante a Idade Média, inimigos tinham seus corpos atravessados por enormes estacas. Normalmente, o processo começava pelo ânus e seguia até a boca. E o mais assustador: a vítima poderia levar até três dias para morrer. O personagem

Para Luiz Mott (2006), são crimes de ódio homofóbico aqueles em que a condição homossexual da vítima foi determinante no *modus operandi* do agressor. Portanto, “crime homofóbico” é aquele motivado pela ideologia preconceituosa dominante em nossa sociedade machista e heterossexista, que vê e trata o homossexual como presa frágil, principalmente aqueles que destoam das normas hegemônicas de gênero ao se apresentarem socialmente como efeminados, medrosos e incapazes de reagir, sujeitos estes, vistos pela sociedade como isolados e sem apoio social.

A discriminação e o preconceito homofóbico permeiam todas relações sociais e fazem parte do cotidiano brasileiro, uma vez que existe uma permissividade naturalizada para a prática desses crimes. A discriminação contra LGBT começa já na infância, continua na adolescência e se prolonga por toda a vida adulta. Instituições como a família, a escola e as igrejas são responsáveis diretas na produção e reprodução desses valores discriminatórios e excludentes.

Resultado de um contexto histórico milenar, as práticas homofóbicas foram se conformando/adaptando ao logo do tempo e hoje nos deparamos com uma realidade complexa, em que é permitido ao homossexual e às pessoas trans casar, adotar crianças, usar o nome social, ao mesmo tempo em que lhes é negado o direito à vida. “Invisível, cotidiana, compartilhada, a homofobia participa do senso comum” (BORRILLO, 2010), uma vez que, começa com uma piada, passa para uma agressão verbal/física e culmina no assassinato. Para Junqueira (2012), a homofobia é consequência da heteronormatividade, na medida em que, apesar de distintos, estão próximos, convergentes e se sobrepõem, ou seja, uma está ligada à outra, a homofobia é alimentada a partir das práticas heteronormativas. As práticas homofóbicas se configuram através da inferiorização e subalternização do outro, ao mesmo tempo em que a heteronormatividade se nutre da construção, legitimação, e hierarquização de corpos, identidades, expressões, comportamentos, estilos de vida e relações de poder.

A metodologia da pesquisa, além da leitura de textos para o embasamento teórico, consistiu em utilizar o mesmo método desenvolvido durante o estágio. Minha atividade no estágio foi desenvolvida basicamente no “campo virtual”, onde me vali de

---

que ficou mais conhecido pela técnica foi Vlad III, o Empalador (o sujeito que inspirou Drácula). O tirano costumava apreciar uma refeição enquanto observava as estacas atravessando os orifícios de seus inimigos. Estima-se que Vlad tenha matado de 20 a 300 mil pessoas dessa maneira” (JULIO, 2014, s/p).

toda a informação disponível no site “Quem a homotransfobia matou hoje?”, para construir a minha pesquisa. Toda a minha experiência de campo foi sentida/vivenciada/dividida com cada uma das vítimas pesquisadas, pois naquele momento, apesar de não dialogar verbalmente com eles, percebi que, de alguma forma, começava a dar voz àqueles corpos silenciados de forma tão violenta. O contato com o site “Quem a homotransfobia matou hoje?” me mostrou uma realidade até então desconhecida/despercebida, que, à medida que me aprofundava, o desejo de aprender aumentava. A experiência vivenciada nesse período foi totalmente nova e desafiadora, na medida em que exigiu de mim uma dose de frieza para conseguir ler os relatos e olhar as fotos, muitas delas com cenas fortes e marcantes.

A pesquisa foi desafiadora pois, apesar de saber que se trata de violência letal, não esperava vivenciar com as notícias pesquisadas formas de assassinato tão variadas e plurais, com tipos de arma até então desconhecidas/inimagináveis por mim. Principalmente quando penso que, após meio século da Declaração Universal dos Direitos Humanos, lastimavelmente, o movimento LGBT ainda tem muito a denunciar: “a cada dois dias um homossexual continua sendo brutalmente assassinado no Brasil, vítima da homofobia” (MOTT, 2006, p. 513).

Após observar o site e ver seu funcionamento, dei início à compilação dos dados em uma tabela (APÊNDICE I). Só para ressaltar, a tabela foi criada a partir de um modelo já existente no próprio site, com algumas alterações autorizadas por Luiz Mott. Apesar da atividade ser desenvolvida no “campo virtual”, obedecia a uma sequência que consistia, em primeiro lugar, partindo de um arquivo onde estavam todos os assassinatos LGBT ocorridos no Brasil em um ano específico, em separar só os assassinatos ocorridos na Bahia, em seguida separar por categoria LGBT, e associar a cada uma delas o máximo de informações possíveis. A compilação dos dados foi feita em uma tabela composta por nome, idade, cor/raça, profissão, endereço, orientação sexual da vítima e /ou do agressor, além do local onde ocorreu o crime, bem como as “falas/depoimentos” das testemunhas, geralmente conhecidos, vizinhos, delegado, transeunte, ou seja, qualquer pessoa que possa contribuir com alguma informação para resolução do crime. Esses achados serão melhor apresentados no Capítulo 03.

Finalmente os dados foram sistematizados em gráficos (APÊNDICE II), que possibilitam uma melhor visão para quem os consulta, além de nos permitir quantificar

o número de assassinatos por categoria (gay, lésbica, bissexuais e transgênero), ocorridos na Bahia no ano de 2014, com o respectivo perfil social, econômico, cultural e racial, tanto da vítima quanto do agressor, quando é possível identificá-lo. Além disso, utilizei alguns diários de campo (APÊNDICE III), de casos relevantes, utilizados durante o estágio.

Esta monografia está dividida em três capítulos. O conceito de homofobia será tema do primeiro capítulo em que me apropriei de teóricos como Débora Diniz, Daniel Borrillo, Felipe Fernandes, Luiz Mott, Sérgio Carrara e Rogério Junqueira, os quais trazem abordagens distintas sobre o tema, indicando que existe um esforço conjunto em dar visibilidade a esses crimes que a sociedade, como um todo, insiste em ignorar. No segundo capítulo identifico quem são as vítimas e como a violência se manifesta entre elas, tendo como referência as diferenças sociológicas de gênero, raça e classe, observando a influência desses marcadores na resolução dos crimes. Discutir os conceitos de gênero, raça, classe, identidade de gênero e identidade sexual será fundamental para a melhor compreensão do capítulo. No terceiro e último capítulo serão apresentados os crimes ocorridos na Bahia no ano de 2014, identificando as principais vítimas, com suas características específicas de gênero, raça e classe, visando traçar um perfil dos crimes na Bahia.

Espero que essa monografia contribua para minimizar os efeitos da homofobia e da transfobia no Brasil, uma vez que, busca dar visibilidade a um problema antigo, porém pouco debatido. Os assassinatos em massa de pessoas LGBT configuram um problema social que merece atenção de todos. É fundamental a tipificação desses atos como crimes de homofobia, mas acredito que precisamos ir mais longe, já que o assassinato é o desfecho de todo um processo histórico, construído/produzido/resignificado/permitido/repetido, por homens e mulheres, jovens e adultos, cotidianamente, que tem no seu cerne o machismo, o preconceito, a discriminação, o sexismo, o racismo, ou seja, comportamentos e atitudes que vulnerabilizam esses indivíduos, excluindo-os do convívio dos que são considerados “normais”, sem nenhuma reflexão ou questionamento.

## **CAPÍTULO 1 - A MATERIALIZAÇÃO DA HOMOFOBIA**

Segundo Débora Diniz e Rosana Oliveira (2014), a possibilidade de sofrer agressão física ou verbal é central nas maneiras pelas quais as pessoas LGBT e outras fora da ordem heterossexual se constituem e são constituídas subjetivamente. A experiência de constituir-se fora da heteronormatividade é marcada, assim, pela subalternidade, pois emerge em um campo de hostilidades, de discriminações, de violência física, de inferiorizações diversas. Além disso, as autoras apontam que a injúria contra as pessoas LGBT visa “adequar”, ou seja, produzir nas pessoas uma conformidade às regras e às hierarquias instituídas a partir da heterossexualidade. Já a violência física é um modo de efetivar a conformidade pela destruição do outro ou pelas marcas impressas no corpo, pela dor e pelo medo.

Com base nessas reflexões iniciais e tomando a homofobia como uma experiência central na vida das pessoas LGBT buscarei, neste capítulo, discutir o conceito de homofobia, tendo como referências estudiosos cujas abordagens sinalizam a necessidade de problematizar esse conceito, visando traçar a trajetória das adaptações da homofobia no senso comum e suas consequências nas relações sociais. O contexto histórico brasileiro mostra que o conceito de homofobia passa por transformações, cujo resultado tem reações concretas, também, nas vidas de pessoas LGBT. A materialização da homofobia passa por essa transformação, na medida em que se observa o crescimento dos crimes, letais ou não, contra essa população.

Desta forma discorrerei nos quatro subtópicos deste capítulo sobre o conceito de homofobia, sobre as vítimas da violência (pessoas LGBT) e sobre a naturalização da homofobia. Assim esse capítulo é baseado em uma abordagem teórica, ao mesmo tempo em que procuro identificar nas vítimas as suas especificidades e, por fim, compreender como se perpetua essa naturalização.

### **1.1 CONCEITUANDO A HOMOFOBIA**

Conceituar homofobia faz-se necessário para compreender a complexidade que envolve o comportamento social, quando se trata da relação com a população LGBT. As agressões físicas e verbais, que antes eram esporádicas ou não

divulgadas<sup>4</sup>, hoje são cotidianas e atingem a população LGBT como um todo. Esse acontecimento sinalizou a necessidade de investigações mais profundas, na medida em que estas pessoas tornaram-se alvos fáceis. “Homofobia”, para o senso comum, indica aversão, ódio, desprezo, discriminação, contra pessoas LGBT. Segundo Daniel Borrillo:

Foi apenas em 1998 que o termo “homofobia” apareceu, pela primeira vez, em um dicionário de língua francesa [...]. Segundo parece, a invenção da palavra pertence a K. T. Smith que, em um artigo publicado em 1971, tentava analisar os traços da personalidade homofóbica; um ano depois G. Weinberg definirá homofobia como ‘o receio de estar com um homossexual em um espaço fechado e, relativamente aos próprios homossexuais, o ódio por si mesmo’ (2010, p. 21).

Já para o agressor, a homofobia significa uma demonstração de poder, na medida em que, ao agredir um homossexual, ele, o agressor, personifica sua superioridade heterossexual. Superioridade adquirida/conquistada cotidianamente nas relações sociais com a família, escola, igreja, trabalho, cujo papel, na sua maioria, é reproduzir a dominação do padrão heterossexual imposto ao longo da vida de meninos e meninas. “A gozação, o xingamento, o insulto, a violência física, a ameaça e a hostilidade ambiente são parte do horizonte existencial dos que se situam fora da norma hétero” (DINIZ; OLIVEIRA, 2014, p. 9). Indicando a afirmação do poder heterossexual e a subalternização imposta, compulsoriamente, aos homossexuais.

Alguns estudiosos, como o historiador J. Boswell, citado por Daniel Borrillo (2010), preferem o termo “homossexofobia”, por entender que “homofobia” significa receio do semelhante e não “receio do homossexual”, ou seja, para ele “homossexofobia” estaria mais condizente com a forma como a população LGBT era e é hostilizada pela sociedade. Porém para Borrillo, o termo “homofobia” indica a manifestação arbitrária que consiste em designar o outro como contrário, inferior ou anormal. Por sua diferença ser considerada irredutível, o homossexual é posicionado, pela sociedade heterocentrada, à distância, ou seja, fora do universo comum dos humanos. A preocupação dos estudiosos em buscar um significado que abarque a complexidade do termo não é em vão na medida em que o aumento no número de crimes nos últimos anos ocorreu na mesma proporção em que o termo se popularizou.

---

<sup>4</sup> A violência e repressão aos gays, lésbicas e travestis estão fartamente registradas em diferentes acervos documentais: nos manuscritos quinhentistas e setecentistas da Inquisição, nos poemas seiscentistas de Gregório de Matos, nas Teses da Faculdade de Medicina e nos jornais oitocentistas. (MOTT, 2000).

A popularização do termo está relacionada ao comportamento social em relação ao homossexual, já que não se está lidando mais com a emoção (desprezo, ódio, aversão, medo) do outro, e sim com a discriminação, preconceito e violência contra pessoas LGBT.

A homofobia, aparentemente combatida por políticas públicas e movimentos sociais, está disseminada nas instituições e na cultura local em espaços conhecidos como reprodutores da discriminação, através da inferiorização e da exclusão social.

A conotação política atribuída ao termo reflete a sua dimensão, na medida em que as vítimas estão inseridas em um grupo específico e as medidas de combate à homofobia dependem de ações coletivas (BORRILLO, 2010).

Assim como os termos “racismo”, “sexismo”, “antissemitismo” e “xenofobia”, que indicam, de forma geral, superioridade de raça, gênero, credo/religião e estrangeiros, respectivamente, “a homofobia outorga ao heterossexismo o monopólio” (BORRILLO, 2010, p. 23) da normalidade, compreendido como representação social. Esse monopólio fomenta o desdém a quem se afasta do modelo de referência. Daí a importância de se criar mecanismos que possibilitem denunciar também esses crimes, que devem ser tratados como uma especificidade, ou seja, como crimes de ódio.

A homofobia está presente no cotidiano das pessoas e se manifesta de forma diversa através do medo/repulsa que pode culminar numa agressão física ou verbal, ou na necessidade de impor o padrão social da heterossexualidade em que LGBTs são vistos como inferiores e estão propensos a sofrer todo tipo de violência. A violência institucionalizada que se sustenta nas diversas esferas do estado, tem a igreja como uma forte aliado. Segundo Felipe Fernandes (2013):

Não há como se pensar a política no Brasil contemporâneo sem levar em conta os embates de gênero, sexualidades e religião, ou seja, essas questões têm sido estruturantes e definidoras de posições na cena política global, com especial atenção para o crescimento da participação de religiosos cristãos no legislativo (e outras instâncias de tomadas de decisão) e sua pressão por marcação e manutenção dos valores cristãos pelo Estado brasileiro. Esse domínio da cena pública por lideranças religiosas fundamentalistas tem impactado as populações LGBTTT em duas dimensões. De um lado, tem estruturado respostas coletivas contra as ofensivas do ‘fundamentalismo religioso’, em suas representações estereotipadas sobre o gênero e a sexualidade. De outro, tem fortalecido a reação homofóbica nacional (por vezes extremista) contra as populações LGBTTT (p. 487).

Exercendo seu papel doutrinador, as religiões católicas e protestantes, reproduzem a homofobia, não apenas nos espaços privados, dos templos e igrejas,

mas também usam a máquina estatal, na medida em que, enquanto políticos, aproveitam o poder que lhes é conferido para legitimar suas crenças e valores. Os espaços de poder configuram um campo fértil, segundo Junqueira (2010, p. 10), “na construção, legitimação e hierarquização de corpos, identidades, expressões, comportamentos, estilos de vida e relações de poder. E os homofóbicos acabam fazendo bom uso do espaço público na imposição da norma heterossexual”. Para Welzer-Lang (2001):

a adoção de uma problemática crítica quanto ao duplo paradigma que estrutura o masculino, propõe também uma renovação dos debates atuais nas ciências sociais ou em outros lugares. A consideração de uma análise não-heteronormativa abre os espaços de discussão, questiona nossos pressupostos sobre os homens e o masculino. [...] Mas a questão não é tanto de visibilizar a existência de homossexuais, porém como integrar sua presença nas análises, questionar os pressupostos naturalistas que organizam sua invisibilização (p. 473-474).

As relações entre homens e mulheres criaram paradigmas, estabeleceram fronteiras, até certo ponto intransponíveis, porém, a dinâmica social vem permitindo novas possibilidades. Abre espaço para abordagens, para além da discriminação, na medida em que propõe um arcabouço político. Desta forma, pensar politicamente a homossexualidade é questionar a homofobia e suas consequências, além de se pensar em mecanismos que possam coibir essa prática, garantindo a inclusão dessas pessoas no contexto histórico-social, uma vez que, falar e discutir sobre a homossexualidade, não é algo novo, como afirma Luiz Mott (2000),

a documentação comprova que em seus 450 anos de história, São Salvador da Bahia foi não apenas a cidade de todos os santos, mas também homossexuais desde os primórdios de nossa existência. [...] Podemos afirmar sem sombra de dúvida que a presença homossexual na história da Bahia é anterior inclusive à própria chegada dos colonizadores, pois ao penetrarem na Terra dos Papagaios, portugueses e franceses encontraram e registraram, estupefactos, a existência de numerosos índios e índias praticantes do que a Cristandade chamava de ‘abominável e nefando pecado de sodomia’ (s/p).

A exclusão dessas pessoas do contexto histórico, obrigou-as a viver na clandestinidade, como se tivessem cometido algum crime, enquanto seus algozes desenvolviam mecanismos, que ajudaram a reforçar a homofobia, cujo resultado é a violência letal contra gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros, vivenciada hoje pela sociedade.



## 1.2 – AS VÍTIMAS DA VIOLÊNCIA: LÉSBICAS, GAYS, BISSEXUAIS, TRAVESTIS, TRANSEXUAIS E TRANSGÊNEROS - LGBT

Dentro da categoria LGBT, existe uma hierarquização, se é que podemos chamar assim, que determina o grau e a forma de violência vivenciada por lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros. Essa “hierarquia” não faz com que um grupo seja melhor ou pior que o outro, porém os coloca de maneira diferenciada diante da violência sexual e de gênero. Gays, até que não demonstrem ou assumam sua identidade, são vistos como heterossexuais, tem “passabilidade”, ou seja, podem não “destoar” da heteronormatividade. Por outro lado, as lésbicas passam despercebidas desde que mantenham uma “aparência feminina”, pois caso se masculinizem, as agressões são mais contundentes.

Assim, defendo que a homofobia é uma reação às transgressões de gênero, particularmente, àquelas e aqueles que não constroem suas identidades de gênero segundo as expectativas hegemônicas da sociedade para o masculino e o feminino. Apesar de se observar a invisibilidade social das travestis e transexuais, indicando sua inferiorização e lugar social, estas são as maiores vítimas de violência, pois sua identidade de gênero as coloca em posição vulnerável, já que não são vistas como pessoas e sim como corpos abjetos. Aquelas que “passam” por mulheres acabam sofrendo menos violência. Segundo Diniz e Oliveira (2014), ao comentarem a obra da filósofa Judith Butler:

Corpos que não importam são corpos abjetos. Tais corpos são inteligíveis (um argumento epistemológico) não têm uma existência legítima (um argumento político ou normativo). Aquelles abjetos que não aparecem apropriadamente generificados (é o caso das travestis) têm a sua humanidade questionada. [Judith] Butler indica que o gênero se constrói por meio de um conjunto de exclusões e apagamentos que limitam o humano, e a materialização dos corpos é governada por normas regulatórias destinadas a assegurar o funcionamento da hegemonia heterossexual na formação daquilo que pode ser considerado um corpo viável. Os corpos que escapam à norma não são mais plenamente humanos, nem vidas que vale a pena proteger (DINIZ; OLIVEIRA, 2014, p. 126).

Respaldados no poder subjetivo que lhes é concedido pela sociedade, uma vez que os assassinos fazem parte da dinâmica social à qual cotidianamente reproduzem os comportamentos/atitudes/ações homofóbicas, os agressores não se permitem nenhum tipo de questionamento, ou seja, as pessoas que cometem os crimes estão entre nós e agem sem culpa, pois acreditam que seus atos são aceitos pela sociedade, a qual responde com naturalidade diante dos crimes. As agressões físicas

e verbais efetuadas contra pessoas LGBT, pelo simples fato de destoarem do padrão heterossexual, tido como “normal”, são legitimadas na família, escola, igrejas, empresas, partidos políticos, dentre outros, indicando que eles, os agressores, tem permissão também para matar.

A família como primeiro lugar de socialização do indivíduo, contribui de forma significativa para a reprodução e manutenção da homofobia. Segundo Murilo Peixoto da Mota (2012),

é nesse espaço que o indivíduo, ainda criança, vivencia de forma prematura suas primeiras experiências homofóbicas, através da naturalização das diferenças de gênero, a partir de efeitos simbólicos, sobretudo, nos traços distintivos dos corpos, além de que, “a masculinidade se delineia no processo que se impõe pela diferença e contraste com o feminino” (p. 206)

indicando que meninos não podem ter atitudes ou comportamentos de meninas e vice versa. Na escola a situação é mais complicada na medida em que,

a homofobia geralmente se materializa em agressões verbais e físicas, gerando isolamento, transtornos e sofrimento psíquico, causando evasão escolar repetência ou até mesmo fobia em relação àquele contexto provocando trauma em relação às instituições de ensino que pode durar a vida toda. No que tange aos docentes, a conduta mais comum é considerar que os gracejos e chacotas são brincadeiras inocentes, negligencia as situações de *bullying* ou o que mais grave, ou até mesmo praticar ações (verbais geralmente) violentas contra esses indivíduos. (TEIXEIRA; FREITAS, 2013, p. 298).

Neste contexto favorável à discriminação e ao preconceito, as vítimas LGBT se tornam alvo de crimes brutais. Segundo dados estatísticos do GGB (MOTT, 2015), o Brasil continua sendo o campeão mundial de crimes motivados pela homotransfobia, segundo agências internacionais, 50% dos assassinatos de transexuais no ano de 2013 foram cometidos em nosso país. Dos 326 mortos por homofobia no Brasil, 163 eram gays, 134 travestis, 14 lésbicas, 3 bissexuais e 7 amantes de travestis (*t-lovers*). Foram igualmente assassinados 7 heterossexuais, por serem confundidos com gays ou estarem em circunstâncias ou espaços homoeróticos. Os dados indicam como a homofobia está presente no cotidiano, afetando negativamente a sociedade como um todo.

O GGB tomou para si a responsabilidade de acompanhar os casos de assassinatos ocorridos no Brasil, uma vez que a grande mídia é omissa nessa questão, preocupando-se em divulgar apenas os casos com maior repercussão. No

site “Quem a homotransfobia matou hoje?”, verificou-se que, em 2014, ano objeto deste estudo, foram registrados 25 assassinatos de pessoas LGBT na Bahia, uma média de 1 assassinato a cada 16 dias, dentre os quais dois foram suicídios. Todos esses casos serão descritos com detalhes no Capítulo 03, mas cabe levantar, desde já, alguns dados estatísticos relevantes, disponíveis também em forma de gráficos (APÊNDICE II).

Das pessoas LGBT assassinadas em 2014, 15 eram gays (60%), 05 trans\* (20%), 02 lésbicas (8%). Quanto a geração, as vítimas que tinham entre 16-30 anos totalizaram 24 %, entre 31-40 anos 32 % e acima de 40 anos 24 %. Em relação ao local do crime, foi possível perceber que os gays são assassinados normalmente em sua residência, enquanto que as trans\* são mortas na rua. A causa mortis vão desde tiros (13) 54%; passando por facadas (4) 17%; asfixia e suicídio (2) 8,3% cada, estrangulamento, apedrejamento e golpe de chuva (1) 4,2%. Os meses que registraram maior número de assassinatos foram, outubro 21%, novembro 17%, fevereiro e março 12,5%, ou seja, o verão. Quanto ao perfil racial, 14,6% eram brancos, 37,5% pardos, 21% pretos e 27% não informado. Quanto às profissões advogado (1), funcionária pública (1), promotor de eventos (1), promotor musical (1), funcionário de condomínio (1), contador (1), técnico de laboratório (1), professor/as (4), padre (1), não informado (11). Dos casos informados, 46% foram registrados e apenas 29,17% solucionados. Quando digo registrados é porque um policial ou delegado compareceu ao local para registrar o ocorrido, mas isso não indica que houve acompanhamento dos casos, ou mesmo uma investigação para a efetiva prisão do assassino.

### **1.3 – COMO A VIOLÊNCIA SE MANIFESTA ENTRE AS VÍTIMAS**

Como iniciamos na reflexão acima, o perfil racial e a classe social das vítimas, são determinantes não apenas no *modus operandi*, mas também na resolução dos crimes. As travestis e transsexuais, na sua maioria negras, sem profissão reconhecida socialmente, moram na periferia das grandes cidades e geralmente são assassinadas por apedrejamento, facadas e espancamentos, desfigurando as vítimas e deixando a cena do crime com grande quantidade de sangue, onde os corpos são

expostos na mídia e redes sociais sem nenhum respeito à vítima. No momento da agressão o assassino extravasa todo o seu ódio pelas vítimas.

“[...] 1. 25 travestis e transexuais (trans) foram assassinadas na Bahia entre 2015-2017, uma média de 1 assassinato a cada 44 dias. [...]. 4. A maioria das vítimas, 2/3 eram negras (pardas e pretas), e 1/3 brancas. 5. Diversas trans sofreram mortes violentas, tendo seus corpos desfigurados. 72% das vítimas foram mortas a tiros, repetindo o mesmo padrão nacional de lgbtcídios. Seguem-se como causa mortis, facadas, garrafadas, asfixia, espancamento. [...] 6. [...]. Em Salvador tais crimes ocorreram nos bairros de Pau da Lima, baixa de quintas, Calabar, Lobato e Dois Leões. 7. Profissionalmente, apenas duas trans foram identificadas como técnicas de enfermagem, as demais eram trabalhadoras sexuais. [...]” (GRUPO GAY DA BAHIA (GGB), 2018)

Desta forma, os crimes de motivação homotransfóbica são caracterizados exatamente por essas altas doses de manifestação de ódio: muitos golpes, utilização de vários instrumentos, torturas prévias (MOTT, 2006).

Já os gays, na sua maioria brancos e/ou pardos, possuem profissões reconhecidas socialmente como “normais” e moram em bairros de camadas médias e altas. São mortos geralmente com arma de fogo e estrangulamento/asfixia, o que não descaracteriza o crime de ódio, porém a cena do crime, mesmo com toda a crueldade envolvida, parece mais “limpa” se comparada com as cenas de assassinato de pessoas travestis. Não quero com isso amenizar a violência sofrida pelos gays mortos, apenas ressaltar que os marcadores sociais, mais uma vez, se fazem presentes nas relações sociais, particularmente quando falamos de violência letal contra LGBT.

Dos 12 assassinatos de gays, que corresponde a 50% do total de vítimas, 21% foram resolvidos, ou seja, o agressor foi identificado e preso. Enquanto que dentre os casos das 05 trans assassinadas, apenas um foi parcialmente solucionado, já que o assassino foi identificado, mas continua foragido. Me refiro especificamente ao “Caso 10”, cujo o crime aconteceu no dia 15/05/2014, na Rua Nilo Peçanha, no bairro da Calçada em Salvador. Segundo informações da Superintendência de Telecomunicações das Polícias Civil e Militar (STELECOM), a vítima Sued José Nascimento Lima foi esfaqueada por Patricia Bracinho. Ainda segundo informações da STELECOM, Sued devia dinheiro à Patrícia. Quanto ao acompanhamento dos casos, visando encontrar o agressor, identifiquei que 29,2% dos casos de assassinatos de gays seguem sendo investigados, contra apenas 4,17% dos casos

de assassinatos de trans que continuam sendo acompanhados pelas autoridades competentes.

Mesmo sendo vítimas letais de homofobia e transfobia, gays e trans são tratados de maneira diferenciada pelas autoridades policiais e do judiciário. Os marcadores sociais de raça, classe e gênero, são visivelmente identificados no momento da abordagem policial, no tratamento dispensado a esses corpos, até a resolução dos crimes. Já não basta a violência imputada a essas pessoas pelo seu agressor, o Estado, que deveria cuidar, no sentido de amenizar essa agressão, reproduz essa violência através do descaso ao lidar com as vítimas de forma diferenciada. Esses são fatores que determinam como esses corpos serão tratados/cuidados.

#### **1.4 – NATURALIZAÇÃO DA HOMOFOBIA**

A naturalização da homofobia, está diretamente relacionada às práticas e padrões heterossexuais construídos e impostos nas relações sociais, ao longo do tempo. O tabu criado em torno do sexo, estimulou discursos e atos que, de certa forma, justificam a falta de compromisso social em lidar com a homossexualidade:

É possível que se tenha escamoteado, aos próprios adultos e crianças, uma certa maneira de falar do sexo, desqualificada como sendo direta, crua, grosseira. Mas isso não passou de contra partida e, talvez da condição para funcionarem outros discursos, múltiplos, entrecruzados sutilmente hierarquizados e todos estritamente articulados em torno de feixes de relações de poder (FOUCAULT, 1993, p. 32).

Os discursos contemporâneos que permeiam o cotidiano social, tiveram como grande aliada a Ciência, cuja função foi enaltecer os padrões heteronormativos, garantido ao homem todos os privilégios, e condicionando as demais pessoas a ver o mundo a partir da ótica de homens brancos heterossexuais (GROSSI, 1998).

Tais discursos resultam de um processo histórico, que molda a sociedade de acordo com o desejo da instituição do “homem heterossexual” como única possibilidade para o poder.

Daniel Borrillo (2010) esclarece que, na Grécia Antiga, a relação homossexual era reconhecida oficialmente, pois, tinha uma conotação iniciática para a vida marital, o que não indica a ausência de desejo e prazer. Também na Roma Clássica a bissexualidade era permitida, já que, apesar de exercer sua homossexualidade livremente, o cidadão romano deveria casar-se e ser provedor de sua família. Ainda

segundo o autor, o cristianismo, herdeiro da tradição judaica, vai transformar a heterossexualidade no único comportamento considerado natural, ou seja, qualquer outro comportamento que destoe desse padrão será alvo de discriminação.

Um discurso tão antigo, mas tão presente no imaginário social, que a reação da sociedade, diante da homossexualidade, resultou na naturalização da homofobia. Naturalizada a ponto das pessoas se sentirem livres para proferirem discursos, sem nenhum cuidado, em locais públicos, criticando comportamentos não-heterossexuais e as próprias pessoas LGBT. Só para ilustrar, recentemente ouvi um comentário que não poderia deixar de relatar nessa monografia. Eu estava em uma estação de ônibus, aqui em Salvador, onde um grupo de homossexuais conversava e era observado pelas pessoas. Uma pessoa disse que, “eles gritavam e chamavam a atenção”. Outra observadora do grupo, uma mulher com uma criança no colo, me disse a seguinte frase, “por isso que os caras pegam e matam”. Ou seja, as pessoas falam/agem com tanta naturalidade, que de forma inconsciente ou consciente, não se sensibilizam com esse tipo de crime.

Neste capítulo quis apresentar teoricamente o conceito de homofobia, além de demonstrar como essa forma de discriminação e violência está presente no imaginário e cotidiano da nossa sociedade, e, faz com que, os crimes contra pessoas LGBT se tornem cada vez mais frequentes e atinjam um número cada vez maior de vítimas.

As pessoas LGBT, invisibilizadas socialmente, o são também pela classe social e pela raça. Esses marcadores sociais da diferença, imbricados, fazem parte de uma estatística vergonhosa de vítimas, cujos assassinatos ocorrem com frequência, em todo o estado da Bahia, a qualquer hora e lugar, sem que haja uma ação efetiva do estado ou da sociedade para punir os culpados. Desta forma, os crimes também são resultado da homofobia institucionalizada, e nada mais são do que a materialização de pequenos atos discriminatórios, que não são punidos ou questionados, ao contrário, são repetidos/resignificados/compartilhados, indicando uma convivência social com a homofobia e com a transfobia. Por isso, o próximo capítulo será iniciado com aquilo que chamei de um “caso atípico”, ou seja, o assassinato do dançarino negro do Balé Folclórico da Bahia Pepê, onde percebi que o fator classe (ou capital simbólico) se sobrepôs ao fator raça, para posteriormente trabalhar teoricamente as noções de racismo, classismo, sexismo, bem como os

conceitos de identidade de gênero e sexualidade.

## CAPÍTULO 2 – OS MARCADORES SOCIAIS DA DIFERENÇA E SEU PAPEL NA VIOLÊNCIA LETAL HOMOFÓBICA

Os marcadores sociais da diferença imprimem à violência homofóbica um grau elevado de violência subjetiva, cujas consequências deixam as vítimas mais vulneráveis. É sabido que existe um amplo debate sobre diferenças de raça, classe, gênero e sexualidade, porém sem um olhar voltado para a população LGBT, na medida em que esses crimes ganham conformações específicas dependendo da diferença sociológica. Dito isto, buscarei nesse capítulo discutir como esses marcadores se articulam no momento do assassinato, passando, a partir de um exemplo considerado atípico, pelo acompanhamento da polícia, até a prisão do agressor.

### 2.1 - O ASSASSINATO DE PEPÊ: UM CASO ATÍPICO

No dia 15 de março de 2015, mais uma pessoa foi assassinada em Salvador, vítima da homofobia. Segundo os sites de notícia, *IBahia*, *Correio 24 Horas* e *Portal G1*, dentre outros, Reinaldo Pepê dos Santos (FIGURA 1), 40 anos, solista e principal bailarino do Balé Folclórico da Bahia, foi encontrado morto dentro de casa, em uma pensão onde morava, na Rua do Alvo, bairro da Saúde. Conforme informações da Central de Polícia, Pepê foi morto por golpes de faca no abdômen e pescoço. Devido à violência dos golpes, ele quase foi degolado. No local havia muito sangue e segundo a Polícia Militar a cena indicava que houve luta corporal.

**Figura 1** – Fotografia de Pepê, dançarino negro do Balé Folclórico da Bahia, assassinado em 2015.



**Fonte:** Rede social *Facebook* (WYLLYS, 2015).



De acordo com informações dos vizinhos, Pepê chegou de madrugada acompanhado por um homem branco, vestindo camisa e bermuda pretas, cabelo cortado dos lados e tinha franja. Por volta das 03:30hs da manhã, os vizinhos ouviram um barulho alto vindo do quarto de Pepê, e às 04:15hs, um homem foi visto saindo do local carregando um notebook e com os pés sujos de sangue, o que levou os vizinhos a chamarem a Polícia Militar. A polícia chegou ao local por volta das 08:00hs, e, em companhia do dono da pensão, arrobaram a porta do quarto, onde havia sangue por todo lado, e encontraram o corpo de Pepê no chão. A morte foi investigada pelo Departamento de Homicídios e Proteção à Pessoa (DHPP).

No dia 16 de março de 2015, Jean Wyllys de Matos Santos, jornalista, eleito em 2010 para mandato de deputado federal pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) do Rio de Janeiro, fez a seguinte declaração sobre a morte de Pepê:

Com grande pesar fiquei sabendo do assassinato do bailarino baiano Reinaldo Pepê, membro do Balé Folclórico da Bahia. Em 2013, Augusto Omolú, outro membro do Balé, foi assassinado em circunstâncias muito parecidas. Historicamente, a Bahia lidera o ranking de assassinatos de pessoas LGBT num país que também lidera o ranking mundial, responsável por 44% das mortes de LGBTs em todo o mundo, a maior parte com requinte de crueldade. Declaro, desde já, minha solidariedade à família e amigos de Pepê. Que a polícia baiana não deixe mais um caso suspeito de homofobia se perder em meio a tantos assassinatos mal investigados ou que definitivamente não são investigados! (WYLLYS, 2015, s/p).

O assassino confesso do bailarino, Wallyson Santana de Castro (FIGURA 2), chorou ao ser apresentado à imprensa pela Polícia Civil, na quarta feira 18/03/2015, e alegou estar arrependido do crime. Conhecido como “Galego ou Roy”, de 24 anos, classificou o crime como uma “fatalidade” e disse que ocorreu após uma discussão com Reinaldo sobre o valor a ser pago por um encontro íntimo. Galego afirmou que o valor “do programa” era R\$ 70,00, mas Pepê queria pagar apenas R\$ 50,00. A polícia acredita que, apesar do arrependimento, houve intenção de matar. “Houve intenção porque ele (Wallyson) deu o primeiro golpe no pescoço com uma gilete e depois com uma faca de serra. Ele quase degolou a vítima”, afirmou o delegado Guilherme Machado, do DHPP (SAMUEL CELESTINO, 2015, s/p). Wallyson foi preso no dia 17/03/2015 em Muritiba, região do Recôncavo da Bahia.

**Figura 2** – Fotografia de Wallyson Santana de Castro, assassino do bailarino Pepê.



**Fonte:** Portal BN - Bahia Notícias (SAMUEL CELESTINO, 2015).

Este foi um caso atípico, na medida em que contrariou as estatísticas, em termos de tempo de prisão do assassino. O fato da vítima ser um homem negro, gay, afeminado e pobre, já o colocaria em condição de desvantagem na resolução de seu crime, ou seja, não seria uma prioridade para a polícia encontrar o assassino. Porém, como se trata de uma pessoa pública, conhecida nacional e internacionalmente pela sua dança, além da pressão do GGB, de Jean Wyllys, de familiares e amigos, no sentido de prender o assassino, a polícia se sentiu pressionada e intensificou as investigações.

Vale ressaltar que esse caso foi uma exceção dentre os vários assassinatos de pessoas LGBTs negras, na medida em que os dados mostram que esses crimes quase nunca são solucionados. A violência institucionalizada contra pessoas LGBT é racista, e isso é um entrave na resolução dos crimes, pois o próprio poder público não se sente na obrigação de dar uma resposta aos familiares das vítimas.

## **2.2 – CONCEITUANDO RACISMO, CLASSISMO E SEXISMO**

No caso do assassinato de Pepê vimos como os marcadores sociais da diferença, como raça, sexualidade e classe, mas também a profissão, são parte das dinâmicas da violência letal contra LGBT. Desta forma, passarei a discorrer sobre outras formas de discriminação e violência que se articulam à homofobia. Assim, conceituar raça, classe e gênero é fundamental para melhor compreensão do fenômeno da violência homofóbica, na medida em que cada um desses marcadores da diferença, atuam como mecanismos de opressão, sobre a população LGBT.

Raquel (Lucas) Platero (2013), enfatiza que há um equívoco ao se pensar que sexismo, racismo e classismo estejam muito bem organizados em “compartimentos” independentes ou isolados. Assim como o gênero não é apenas masculino e feminino, sendo muito mais complexo do que isso, também o são a raça, a classe ou quaisquer outros marcadores sociais da diferença. Essas posições que produzem vulnerabilidade e marginalização vivenciam várias formas de violência e discriminação. Todas estão presentes na sociedade como um todo e são vivenciadas cotidianamente, muitas vezes, de forma simultânea pelas pessoas.

Compreendo o racismo como uma manifestação de parte da sociedade, caracterizado pela subalternização, inferiorização e desumanização do indivíduo por causa de sua cor da pele. O racismo visa uma estratificação e hierarquização social, onde o branco é considerado superior e os que não se encaixam nesse padrão são rotulados de inferiores. Estimulado e ressignificado ao longo do tempo, nos mais variados espaços sociais, como nas famílias, escolas, igrejas e empresas, por exemplo, o racismo institucionalizado acompanha o indivíduo desde a infância até a sua vida adulta.

O mito da democracia racial que permeia o imaginário brasileiro ocultou o racismo por muito tempo, criando a falsa impressão de que o povo brasileiro não é racista. Porém, o racismo é algo que está explícito! Segundo Kabengele Munanga, “é pela geografia dos corpos que somos vistos e percebidos antes de descobrir nossas classes sociais” (2012, s/p), ou seja, o negro brasileiro convive cotidianamente com ações e atitudes racistas, para além da estratificação onde o negro é considerado uma minoria inexistente em alguns espaços, enquanto que, em outros, sua presença é massiva. Vale ressaltar que o racismo invisibiliza o negro socialmente, colocando-o em condições desfavoráveis em relação ao branco. A ausência do negro é visivelmente sentida e percebida, por exemplo, no Congresso Nacional, nos altos cargos gerenciais das grandes empresas, na mídia, dentre outros, enquanto sua presença está viva nas periferias, na construção civil, como empregadas(os) domésticas(os), nas prisões, nos trabalhos informais, todos com baixa remuneração.

Traçando um paralelo com a homofobia, as pessoas negras LGBTs convivem e sofrem com mais esse preconceito, aumentando a sua vulnerabilidade, não apenas no momento da agressão, mas também no descaso das autoridades quanto a resolução dos crimes. Essas características que permeiam esse tipo de violência

atingem principalmente as pessoas trans\*, cuja “geografia do corpo”, para usar o conceito de Kabengele Munanga (2012), indica seu lugar de pertencimento, já que expõe sua raça/etnia acompanhada da sua orientação sexual. Assim, tanto a raça como o gênero e a sexualidade são posições inferiorizadas, segundo padrões pré-definidos socialmente. Como aponta Miriam Grossi (1998),

Da mesma forma que não podemos falar em gênero sem pensar em “relações” que envolvam homens e mulheres, não creio ser possível pensar em homossexualidade como uma condição fixa, mas sim como uma possibilidade erótica para muitos indivíduos, experiência que não configura o núcleo de identidade dos sujeitos, apenas parte de seu reconhecimento afetivo e social (p. 12).

Outro marcador muito importante para ser levado em conta na análise da violência letal homofóbica, lesbofóbica e transfóbica é a classe social. A classe, como parâmetro de inferiorização, atua de forma diferenciada nessa população, mas não menos violenta, uma vez que, dependendo do contexto, influencia no modo de agir do assassino. Para LGBTs negros, a influência de classe é camuflada ou omitida nas notícias e notas de publicidade do crime, pois, mesmo que pertença à classe média ou alta, ainda será identificado e tratado, com raras exceções, pela sua cor da pele. Já o LGBT branco será interpretado, primeiramente, pela sua orientação sexual e posteriormente pela classe social, o parâmetro cor não é considerado, ou seja, existe uma conformação e adequação desses parâmetros. Por exemplo, vemos na notícia, *“Advogado deixa carta de despedida e comete suicídio em Teixeira de Freitas”* (QUADRO 1), que a vítima, um homem gay branco, é identificado pela sua profissão, ao passo que na notícia, *“Travesti é Encontrado Morto em sua Residência”* (QUADRO 6) a vítima, um corpo negro, é tratada no masculino e se torna um corpo abjeto, sem profissão ou quaisquer outras informações que a humanizem.

Atuando de forma simultânea com os demais marcadores, dependendo do contexto, a classe está diretamente associada à atividade profissional da vítima, assim como ao ambiente onde vivem. Durante a pesquisa, pude perceber que as trans estão mais propensas a atividades informais e moram em bairros periféricos, o que lhes confere maior exposição ao perigo, assim como à mortes mais violentas.

Esse dado corrobora com a análise de Sérgio Carrara e Adriana Vianna (2006), quando apontam que,

“há uma clara confluência entre hierarquias de classe e gênero, já que as vítimas são normalmente travestis ou homossexuais pobres, envolvidos(as) com prostituição ou moradores de favelas, que carregam o peso mais estigmatizante da homossexualidade” (p. 245).

Desta forma, analisarei no tópico seguinte o marcador social de gênero, particularmente em sua relação com a sexualidade.

### **2.3 – IDENTIDADE DE GÊNERO E IDENTIDADE SEXUAL**

No seu texto clássico “Identidade de Gênero e Sexualidade”, Miriam Grossi (1998) faz uma retrospectiva do que resultou nos avanços dos Estudos de Gênero para a sociedade como um todo. Segundo a autora, tudo começou com as lutas libertárias na década de 1960, tendo como pano de fundo os movimentos sociais, ocorridos em 1968, de forma simultânea em todo o mundo, como o movimento estudantil em Paris, a Primavera de Praga na Checoslováquia, os *black panthers*, o movimento hippie, as lutas contra a guerra do Vietnã nos EUA e, aqui no Brasil, a luta contra a ditadura militar. Movimentos esses que buscavam uma vida melhor, mais justa e igualitária.

A problemática de gênero, ainda segundo a autora, surge nesse momento, uma vez que as mulheres percebem que, apesar de militarem de forma igualitária com os homens, desempenham um papel secundário dentro do movimento, como secretárias, fazendo faixas e panfletando, cabendo aos homens o papel de liderar e discursar. Paralelamente a esses movimentos, a sexualidade é colocada em cheque, dando origem ao movimento feminista e ao movimento “gay”, os quais vão questionar as relações afetivos-sexuais, no âmbito das relações íntimas do espaço privado. Entre as décadas de 1970 e 1980, começa-se a pensar na condição feminina a qual, até então, seria discutida só por e entre mulheres, já que estas questionavam a opressão sofrida pelos homens. Em outro momento, mais especificamente na década de 1980, percebe-se que falar da condição feminina não amplia a discussão, na medida em que mesmo entre as mulheres existem diferenças de classe, raça, geração, dentre outras.

A autora afirma que, apesar dos avanços nos estudos sobre a condição feminina, a questão biológica não avança, pois independente da sua condição social, todas as mulheres se reconhecem pela morfologia do sexo feminino (vagina, útero e seios). Percebe-se que nesse momento outras questões vêm à tona, como o questionamento sobre a função da mulher na relação, se é apenas a reprodução ou

se ela também pode sentir prazer nessa relação, além da discussão sobre as relações entre pessoas do mesmo sexo.

Miriam Grossi (1998) amplia a discussão conceituando diferentemente gênero, identidade de gênero e sexualidade. Ela explica que, no senso comum, o gênero está associado ao sexo, uma vez que, quando pensamos em homem e mulher, automaticamente associamos a um sexo específico. Porém ela ressalta que esse gênero não é estanque, até porque este serviu e serve para atribuir determinados “papéis sociais e sexuais”, ao que seria inerente ao homem e à mulher, indicando que, dependendo das relações, esses papéis e representações mudam. Nesse sentido, ao nascermos somos rotulados de menino ou menina, com uma identidade de gênero à qual somos obrigados a representar ao longo da nossa existência.

Durante anos homens e mulheres vivenciam a experiência de nascer em um corpo com o qual não se identificam. Para a maioria, se não todos, lidar com essa questão afeta sua autoestima impedindo-as(os) de viver plenamente. Na tentativa de lidar com esse assunto, algumas dessas pessoas “aceitam” esse corpo buscando serem aceitos pela sociedade, outras procuram incansavelmente mecanismos e ajuda para conseguir o corpo com o qual se identificam. Porém, em ambas as situações, são discriminados(as), desrespeitados(as) e alvos de piadas para a sociedade. Sociedade que acaba sendo conivente com a violência, inclusive letal, imposta a esses grupos. Acredito que tal comportamento está associado ao processo histórico e cultural, que enxerga o mundo a partir da visão heterossexista, onde a biologização do sexo é aceita como verdade. Para Miriam Grossi (1998) citando Stoller,

todo indivíduo tem um núcleo de identidade de gênero que é um conjunto de convicções pelas quais se considera socialmente o que é masculino ou feminino. Núcleo que não se modifica ao longo da vida psíquica de cada sujeito, mas podemos associar novos papéis a esta “massa de convicções”. Este núcleo de nossa identidade de gênero se constrói em nossa socialização a partir do momento da rotulação do bebê como menino ou menina. Isto se dá no momento de nascer ou mesmo antes, com as novas tecnologias de detectar o sexo do bebê, quando se atribui um nome a uma criança e está passa a ser tratada imediatamente como menino ou menina. A partir deste assinalamento de sexo, socialmente se esperarão da criança comportamentos condizentes a ele (p. 8).

Na década de 1970, Nathalie Davis disse:

“eu acho que deveríamos nos interessar pela história tanto dos homens quanto das mulheres, e que não deveríamos trabalhar unicamente sobre o sexo

oprimido [...]. Nosso objetivo é descobrir a amplitude dos papéis sexuais e do simbolismo sexual nas várias sociedades e épocas” (SCOTT, 1995, p. 3).

Esta, dentre tantas outras declarações, abrem precedente para novas abordagens sobre a sexualidade de homens e mulheres, até então silenciadas.

Os Estudos de Gênero, cujos questionamentos giravam em torno da sexualidade feminina, ganhou novas conformações, indicando que discutir sexualidade, sem levar em conta as relações entre pessoas do mesmo sexo, ou ignorar pessoas que nascem com órgãos genitais que não correspondem a sua personalidade ou realidade, ficou impossível, na medida em que esses grupos, até então invisibilizados, também começaram a exigir o direito de existir e fazer parte da sociedade. As novas conformações nas relações sociais e sexuais exigiram um maior empenho dos estudiosos, no sentido de desmitificar que o sexo não é apenas biológico.

Miriam Grossi (1998) afirma que na cultura ocidental é comum associar a sexualidade ao gênero, como se fossem duas coisas, uma colada na outra, o que implica em classificar indivíduos que mantêm relações sexuais e/ou afetivas com outros do mesmo sexo como homossexuais, o que remete no imaginário ocidental à ideia de doença ou perversão. Nesse aspecto histórico, cabe lembrar que Luiz Mott (2006) apontou que,

há décadas, modernas e sólidas pesquisas multidisciplinares internacionais, garantem que a homossexualidade não constitui doença, distúrbio ou perversão. Já em 1970 a *American Psychology Association*, desde 1985 o nosso Conselho Federal de Medicina e desde 1993 o Conselho Mundial de Saúde, excluíram o código 302.0 da Classificação Internacional de Doenças, deixando a homossexualidade de ser considerada “desvio e transtorno sexual”. Em 1999 foi a vez do Conselho Federal de Psicologia promulgar portaria ratificando a normalidade da homossexualidade, em tempo que condenou as teorias e terapias homofóbicas. Tais resoluções, aliás, ratificam o que Freud já em 1935 escrevia em uma célebre carta a uma mãe americana: “o homossexualismo não é vício nem degradação. Não pode ser classificado como doença.” E mais ainda: a despatologização da homossexualidade remete diretamente à defesa dos direitos humanos das minorias sexuais, tal como, em 1984, a Associação Brasileira de Psiquiatria e suas filiadas aprovaram a resolução (p. 510).

A ideia de perversão legitima a agressão, uma vez que, para a sociedade, a discriminação contra homossexuais faz parte do cotidiano e é uma realidade social; ao mesmo tempo em que os crimes contra essa população continuam impunes. Os casos de execução chamam a atenção para a presença de diferentes hierarquias no

universo homossexual e, com isso, para a diversidade e complexidade das práticas homofóbicas. Compreender a complexidade que envolve essa temática é fundamental para o reconhecimento e respeito para com esses grupos, na medida em que desconstruir a ideia negativa associada à essa população ajuda a minimizar os efeitos letais sobre essas pessoas. E, como vimos, essa complexidade envolve diferentes formas de lidar com o gênero.

A partir de um *caso atípico*, do bailarino Pepê, busquei demonstrar nesse capítulo como diferentes marcadores sociais da diferença agem nos crimes letais homofóbicos e transfóbicos. A partir desse embasamento, no próximo capítulo, tratarei especificamente de cada um dos 25 casos ocorridos no estado da Bahia em 2014.



## **CAPÍTULO 3 – RELAÇÕES E DINÂMICAS DE GÊNERO, RAÇA E CLASSE NA VIOLÊNCIA LETAL HOMOFÓBICA: OS ASSASSINATOS DE LGBT NA BAHIA NO ANO DE 2014**

Neste capítulo discutirei as relações dinâmicas de gênero, raça e classe a partir da descrição dos assassinatos, uma vez que, para essa população, esses marcadores determinam o *modus operandi* do agressor. Tais relações também indicam o pertencimento da vítima, determinando a resolução ou não do crime e a prisão do assassino.

As notícias listadas abaixo são oriundas de fontes diversas, desde grupos que lutam contra a homofobia, simpatizantes e até pessoas comuns que estão presentes no momento do crime. Isso implica em uma falta de padrão da narrativa, o que não é relevante, frente à crueldade impetrada às vítimas. Segundo Oliveira (2014), a produção da notícia é a produção de uma evidência, de uma forma de ver e narrar o mundo, de criar sentido. Nos casos de crimes homofóbicos, esse tipo de narrativa implica na invisibilidade da vítima LGBT, uma vez que “a homofobia é atenuada por categorias penais sem sexo ou gênero: ‘homicídio’, ‘lesão corporal’, ‘vingança’ ou ‘ódio’” (OLIVEIRA, 2014, p. 12).

### **3.1 – DESCRIÇÕES DOS CRIMES NA BAHIA NO ANO DE 2014**

Neste tópico descreverei em ordem cronológica todos os crimes registrados no site “Quem a homotransfobia matou hoje?” e registrados na tabela (apêndice I), ocorridos no ano de 2014 em todo o estado da Bahia. Vale ressaltar que os dados são coletados a partir de sites de notícias, muitas vezes informais, que registram as agressões, quase sempre no momento em que elas ocorrem. Desta forma, o número de crimes pode ser maior do que os registrados no site. Colocarei o título da manchete, acompanhada da matéria na íntegra, visando atender à realidade dos fatos.

Diante da diversidade dos tipos de crime, tecerei comentários sobre alguns casos de forma mais detalhada, visando refletir sobre as mais diversas práticas de assassinatos a que essas vítimas são submetidas.

**Quadro 1** – CASO 1 – 11/01/2014 – Ricardo Santos da Silva – 27 anos/Gay/ Suicídio/BA, Teixeira de Freitas.

**“ADVOGADO DEIXA CARTA DE DESPEDIDA E COMETE SUICÍDIO EM TEIXEIRA DE FREITAS”**

Desaparecido há três dias, foi encontrado no final da manhã deste sábado (11), já em estado de decomposição, o corpo do advogado Ricardo Santos da Silva, de 27 anos, que era homossexual. Desconfiados com o sumiço do jovem advogado familiares do mesmo resolveram ir até sua residência, localizada à rua José Tomás da Silva, no bairro Residencial dos Pioneiros, onde encontraram o mesmo morto enforcado, numa cena típica de suicídio. Após o achado do corpo a Polícia Civil e o Departamento de Polícia Técnica de Teixeira de Freitas (DPT) foram acionados. Após a perícia de local o corpo foi removido ao IML para exames de necropsia. Antes de se matar o jovem escreveu em seu computador e imprimiu uma carta<sup>3</sup> de despedida e dirigida à sua mãe. Na carta Ricardo assume ser homossexual, pede desculpas e diz que tudo que ele mais desejava era o melhor para sua genitora. O mesmo conteúdo da carta também gravado em um vídeo.

**Carta:** “Olá Mãe, gostaria de dizer, apesar de tudo, pra senhora sempre lembrar de mim, vale saber que eu te amo mais que tudo nessa vida e que tomar essa decisão não foi fácil, desde que me afastei da igreja eu tenho sofrido muito, não posso mais conviver com essa angústia e com essa dor. Quero te pedir que não estou interferindo na sua vida e que seja feliz, esta é a única preocupação que eu tenho e que eu tive até aqui. Se você olhar um pouco mais de perto, a senhora é testemunha do período muito triste que eu estou passando, eu te amo muito, muito, muito mesmo, mãe, adeus”. (BRITO; RAMOS, 2014)

Para quem não vivencia a realidade das pessoas LGBTs, pode se questionar porque o suicídio é considerado parte dessa lista. A homofobia familiar (SCHULMAN, 2010) é o ponto de partida para que uma pessoa venha a cometer suicídio. Digo isso, porque desde muito cedo, o indivíduo, de ambos os sexos, é preparado para atender as expectativas da sociedade, ou seja, representar determinados papéis sociais, dentre eles, os papéis de gênero e sexualidade. Para tal, a criança é educada a se comportar como menino ou menina, dependendo do sexo, não havendo possibilidade, segundo essa norma, de inversão de papéis. Assim, o indivíduo cresce em um ambiente sem possibilidade de expressar como realmente se sente, e, mais tarde, na adolescência e na fase adulta, luta cotidianamente para mostrar à sociedade sua “heterossexualidade”. Segundo Sarah Schulman (2010),

as especificidades e dimensões da homofobia familiar são amplas. Elas podem variar desde pequenos desrespeitos a graus variados de exclusão, chegando a ataques brutais que deformam a vida da pessoa gay, ou até a crueldades diretas e indiretas que literalmente acabam com a existência daquela pessoa (p. 70).

Mesmo sabendo que a igreja, a escola, assim como outras instituições sociais

reforçam e estruturam esse comportamento machista e heterossexista, acredito que a família tem o poder de reverter tal situação, na medida em que o primeiro acolhimento é fundamental para que o indivíduo se perceba “igual” aos demais membros da família e seja capaz de lutar pelo seu espaço, mas nem sempre isso ocorre.

A homofobia familiar torna-se mais cruel, uma vez que, além da não aceitação, ela vem acompanhada de deboches e piadas feitas pelos próprios membros da família. No momento em que passa a perceber e a compreender a rejeição da família, o homossexual imagina que está só, e gera a não aceitação de si mesmo. Acredito que nesse momento consiga enxergar apenas o suicídio como solução. Tendo como referência o suicídio e o crime, conforme descrito acima, podemos perceber pelo conteúdo da carta que a vítima está passando por um momento de profunda tristeza e que encontrou no suicídio uma forma de libertação dessa situação de opressão em razão de sua orientação sexual.

**Quadro 2** – CASO 2 – 29/01/2014 – Sarita/Trans – 35 anos/Tiros/BA, Itabela.

**“TRAVESTI É ASSASSINADA A TIROS A CINCO METROS DE SUA  
RESIDÊNCIA”**

Uma travesti identificada como Marcos de Almeida Oliveira, conhecido por “Sarita” de 35 anos, foi assassinada por dois homens enquanto conversava com uma mulher na calçada de um bar, nas proximidades da residência onde morava, segundo informações da polícia. De acordo com o órgão, o crime aconteceu na noite de quarta-feira (29), no município de Itabela. O delegado titular José Hernando Costa Carvalho, informou que a vítima, foi morta por volta de 20h40. “Ele estava em uma calçada, a cinco metros de casa, conversando com uma mulher, quando dois homens chegaram e participaram da conversa. Poucos minutos depois os elementos atiraram no travesti”, explica. O delegado ainda informou que existe uma suspeita de que os assassinos sejam menores de idade. Segundo a polícia, Marcus morava com um senhor de idade que presenciou a ação dos matadores. A motivação é desconhecida. O corpo da vítima foi encaminhado para o Instituto Médico Legal de Eunápolis (IML). O caso está sendo investigado pela Polícia Civil. (GIRO DE NOTÍCIAS, 2014)

Esse crime chama atenção pelo fato dos criminosos não se preocuparem com a presença de outras pessoas na cena do crime, além do crime ocorrer próximo à residência da vítima. Isso indica uma certeza de impunidade, já que a invisibilidade para esse tipo de violência contra as pessoas LGBT está no imaginário popular como algo comum e normal, ou seja, aceito pela sociedade.

**Quadro 3** – CASOS 3 e 4 – 16/02/2014 – Betto Coelho/Gay/Tiros/BA e Adson Orleans/Gay/Tiros/BA, São Felipe.

**“POLÍCIA DE SÃO FELIPE DIVULGA FOTO DE SUSPEITO DE DUPLO  
HOMICÍDIO”**

A Polícia Civil de São Felipe divulgou nesta segunda-feira (17) o nome do suspeito de matar no domingo (16) Betto Coelho, produtor de shows da região, e Adson Orleans, além de ferir uma garota de prenome Emylle. Emanuel Oliveira Astolfo, 26 anos, que trabalha como zelador na prefeitura do município, é apontado como o autor dos disparos. Conforme a apuração inicial da Polícia Civil, a motivação do crime seria um acerto financeiro em relação ao dinheiro arrecadado na festa denominada Sabadão das Furiosas, que ocorreu na madrugada de domingo, em São Felipe. Ainda conforme os investigadores, a arma utilizada era calibre 38 e o criminoso estava em um veículo da marca Citroen, que foi achado na zona rural do município. A suspeita dos policiais civis é que Emanuel tenha fugido para Vera Cruz após cometer os crimes. Emylle, que foi alvejada no tórax, não corre risco de morte. A garota passou por uma cirurgia neste domingo, no Hospital Regional de Santo Antônio de Jesus. Assim que estiver melhor, ela prestará depoimento sobre o caso. O sepultamento de Betto Coelho e Adson ocorre nesta terça-feira (17) à tarde no Cemitério Jardim da Paz, no bairro Andaraí, em Cruz das Almas. (VOZ DA BAHIA, 2014).

No caso acima, trata-se de um duplo homicídio, onde, além das vítimas, uma terceira pessoa foi atingida pelos disparos. Percebemos que as informações sobre as vítimas, são bem superficiais, apenas o nome e a motivação do crime. Já sobre a terceira vítima, os detalhes são mais específicos. Isso mostra o descaso com as vítimas LGBT, uma vez que as autoridades não dão a devida importância.

**Quadro 4** – CASO 5 – 28/02/2014 – A.S.S./Trans – 16 anos/Tiros/BA, Vitória da Conquista.

**TEM NOME, TEM ROSTO, TEM VIDA E TEM SONHOS: A.S.S. É TÃO  
GENTE COMO VOCÊ**

A emoção das festas carnavalescas, tão largamente divulgada, escondeu algumas tristezas ocorridas em nossa cidade. O brilho, a alegria, a diversão tomou conta de nossos noticiários e passou despercebida a morte de mais uma cidadã de Vitória da Conquista, indiciada cruelmente por um blog local como “travesti de identidade ignorada”. Assaltantes, doentes, prostitutas, possessas, escandalosas, anormais, enganadoras, assassinas, promíscuas, drogadas, aidéticas, baleadas, espancadas, mortas. A exposição midiática daquelas que ousaram subverter os modelos considerados adequados para homens e mulheres ao se travestir demarca, em geral, duas posições de sujeito bastante específicas: de um lado, as numericamente superiores, perigosas e violentas criminosas; de outro, e em número consideravelmente menor, as histórias sem continuidade de crimes que as transformaram em vítimas, quase sempre não solucionados ou cujos desenrolares não interessaram divulgar. Mas o corpo estendido no chão, em plena Avenida Integração, numa noite de março, tinha rosto, tinha nome. A.S.S., adolescente de 16 anos, tinha um nome próprio. Não o nome que papai e mamãe escolheram.

Um nome escolhido por ela mesma. Um nome que as pessoas a conhecia e a definia socialmente. Tinha uma vida, não como a de quem hoje escreve e quem lê, mas uma vida que foi imposta pelas circunstâncias, pelos tortuosos caminhos que o preconceito define. E, como cada um de nós e como as adolescentes de sua idade, A.S.S. sonhava! Contudo, num momento em que se prostituía para quitar os débitos da vida, A.S.S. foi morta com tiros na cabeça, perdendo todas as oportunidades que seus sonhos almejavam. Alegou-se envolvimento com o tráfico, mas foi morta em sua condição de ser o que sempre desejava ser: uma menina, cujo biológico não permitiu, tornando-se um dos casos num país onde mais ocorrem assassinatos de travestis e transexuais em todo o mundo, segundo um relatório da ONG internacional Transgender Europe. Entre janeiro de 2008 e abril de 2013, foram 486 mortes, quatro vezes a mais que no México, segundo país com mais casos registrados. O relatório é baseado no número de casos reportados, o que indica que ele pode ser ainda maior e não só no Brasil, mas em todo mundo, já que países como Irã e Sudão não possuem dados disponíveis sobre este tipo de crime. Nota-se o quanto precisamos avançar em legislação que garanta a essa população um respeito maior a sua identidade de gênero. Aqui, em nossa cidade, com esforço e parceria com o movimento social de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT), já começamos a caminhar nesse sentido. Desde dezembro de 2011, temos uma Assessoria da Diversidade Sexual, no âmbito da Secretaria de Desenvolvimento Social, com a responsabilidade de formular políticas de promoção da cidadania e direitos humanos da população LGBT. Exemplo disto é o decreto da Prefeitura de Vitória da Conquista que define o uso do nome social de travestis e transexuais em todos os serviços diretos e indiretos ligados ao serviço público municipal. Decreto este que está em discussão na Câmara de Vereadores na perspectiva de estender esse direito a todos os quatro cantos de nossa cidade, para além do poder público. Todavia, sabemos que o elevado número de mortes no país reflete a falta de uma lei que puna crimes de ódio contra LGBT's. Tínhamos um projeto de lei no Congresso Nacional e ele virou uma moeda de troca. O projeto foi anexado em 2013, passando a tramitar dentro das propostas de reforma do Código Penal após forte embate político dentro da comissão de direitos humanos da Câmara, então presidida pelo deputado evangélico Marco Feliciano (PSC-SP). De acordo com os dados da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), somente em 2013 foram 121 casos de travestis assassinados em todo o Brasil, mas o número pode ser ainda maior devido ao alto índice de subnotificação. Sem falar que muitos LGBT's já estão com a violência tão interiorizada que quando são atacados na rua sequer pensam em denunciar porque acham que isso é muito natural. Precisamos utilizar cada vez mais o Disque 100 para denunciar todos os casos de violências a nossa população, pois a realidade governamental mostra que só tendo números expressivos é que vamos conseguir constituir políticas públicas e talvez uma lei federal para punir estes assassinatos e essa violência. Expulsas ou fugitivas de ambientes familiares e escolares hostis, tratadas de forma desumana nos mais diversos espaços, restritas a uma circulação social em geral noturna e ligada à prostituição, com poucos momentos de exceção como os carnavais, quando certa suspensão das convenções sociais e afrouxamento dos padrões de moralidade permitem uma maior aparição pública, o preconceito, as violências e a exclusão parecem ser as tramas, os fios que entrelaçaram o cotidiano de grande parte das travestis. Hoje, ao se falar em Direitos Humanos, não se podem deixar de lado as discussões sobre os direitos de LGBT's, ou seja, todos aqueles que vivem suas sexualidades presumidamente fora daquilo que estudiosos pós- estruturalistas denominam de heteronormatividade. O cenário cambiante das culturas sexuais de nossos

dias insinua que as experiências que se busca, cotidianamente, reconstituir e analisar deverão marcar, por algum tempo, a vida de tantas adolescentes como A.S.S, mas, como quaisquer outros processos identitários, estão restritas aos limites de um contexto social e histórico específico, cujo nosso olhar precisa estar límpido de preconceitos.

A.S.S, que tinha nome, tinha rosto, tinha vida e sonhos, era gente como a gente, é reflexo do quanto a transfobia mata no nosso país. Uma transfobia demonstrada pelas próprias experiências sociais repletas de violência e exclusão que tornam cotidianamente o risco de morte um elemento constante da vida travesti. Que isso comece a mudar. É pelo amor e pela liberdade que devemos unir forças. Nem menos, nem mais. Direitos iguais.

“Nota Informativa aos meios de comunicação de nossa cidade: ao se referir às travestis, o correto é utilizar o artigo definido feminino (a) por estarmos tratando de um indivíduo cuja identidade de gênero é feminina. Para as mulheres, todo tratamento feminino. O que nos define é o que queremos ser e não o que temos entre as pernas”. (BITTENCOURT, 2014).

A descrição desse caso chama a atenção pelo fato do narrador fazer uma crítica à forma como o crime foi divulgado no blog, o que é raro, já que a narrativa geralmente é feita por policiais ou testemunhas. Ele enfatiza que devido ao carnaval, o crime não chamou a atenção. Porém, é sabido que, independentemente da época, esses crimes não causam grande impacto na população, além de se buscar os justificar por outros motivos, quase nunca classificados como um crime de homofobia. O narrador também aproveita o momento para informar o número de LGBTs mortos em 2013 em todo o Brasil, ao mesmo tempo em que expõe, em poucas palavras, a realidade e o cotidiano da população trans em nossa sociedade.

**Quadro 5 – CASO 6 – 09/03/2014 – Lismar Santos Silva/Gay – 34 anos/ Tiros/BA, Vitória da Conquista.**

#### **CONQUISTA: HOMEM É MORTO NO KADIJA**

Um homem foi morto por disparos de arma de fogo em plena via pública de Vitória da Conquista, por volta das sete horas deste domingo (9). O corpo do homem caiu no meio da Rua Aurelino Leal bloqueando o trânsito por quase uma hora. Informações de populares, o crime teria acontecido após uma discussão entre duas pessoas quando aconteceram os disparos. Agentes da 78ª Companhia Independente da Polícia Militar fizeram rondas pela região Leste da Capital do Sudoeste Baiano, mas até o momento nenhum suspeito foi identificado. O corpo de Lismar Santos Silva, que trabalhava no Condomínio Mirante da Conquista, foi levado ao Instituto Médico Legal para necropsia. As investigações estão em curso. (BLOG DO ANDERSON, 2014a)

Mais uma vez, o caso é uma vítima onde verificamos um crime de ódio por

motivação exclusivamente homofóbica. As informações superficiais apresentadas na notícia indicam a falta de laços afetivos da vítima. Não se sabe a profissão de Lismar, se tinha família, há quanto tempo trabalhava no condomínio, o motivo da discussão, nem quaisquer pistas do criminoso. Pelo que percebi, essa é a descrição típica de uma pessoa negra ou parda e de classe média baixa, cuja ausência “não será notada” e o crime, possivelmente, ficará impune.

**Quadro 6** – CASO 7 – 18/03/2014 – Agamenon/Trans – Facadas/BA, Itaberaba.

**ITABERABA: TRAVESTI É ENCONTRADO MORTO EM SUA RESIDÊNCIA**

Um conhecido travesti de Itaberaba foi encontrado morto na residência em que morava, situada no bairro Independente, na manhã de ontem (19). Segundo as primeiras informações, os vizinhos perceberam um grande mal cheiro, verificaram que o cheiro forte vinha de dentro da residência do travesti conhecido como Agamenon. Solicitaram policiais militares do 11ºBPM - Batalhão de Polícia Militar/Itaberaba que chegaram e averiguaram a situação. Ao adentrarem na residência se depararam com o corpo de Agamenon já em estado avançado de decomposição, gigantismo. O corpo foi encontrado com uma faca cravada no pescoço. O DPT - Departamento de Polícia Técnica foi acionado e fez a perícia no local. O corpo foi encaminhado à sede do DPT a fim de que se adotem as medidas cabíveis. A Polícia Civil investigará o caso. (ITABERABA REPORTER, 2014)

O que chama a atenção nesse crime é a forma como o corpo foi encontrado. A faca cravejada no pescoço indica o nível de ódio do agressor no momento do crime. Esse ódio, pelo que acredito, foi crescendo cotidianamente através de práticas homofóbicas, vivenciadas pela vítima e reproduzidas pelo agressor, culminando no assassinato. Quanto ao corpo só ter sido encontrado depois que exalou mal cheiro, já em estado de gigantismo, indica a invisibilidade social da vítima.

**Quadro 7** – CASO 8 – 22/03/2014 – Paulo Sérgio do Nascimento/GAY – 45 anos/ Facadas/BA, Morro do Chapéu.

**POLÍCIA PRENDE ACUSADO DE MATAR HOMOSSEXUAL A GOLPES DE  
FACA EM MORRO DO CHAPÉU**

Foi detido na tarde desta segunda feira (24) no Povoado de Soares em América Dourada John Lennon Santos, acusado de ter sido o autor dos ferimentos de arma branca que mataram Paulo Sergio Nascimento (Paulinho). A Policia Civil procedeu investigações em toda a região no intuito de descobrir o autor da barbárie e o seu paradeiro. No momento da prisão ele confessou ter sido mesmo o autor do fato e que o ciúme teria sido o motivo, ele disse que mantinha um relacionamento com Paulinho a cerca de um ano e que não queria que o mesmo frequentasse um determinado bar na cidade, após discussão os dois entraram em luta corporal e ele de posse de uma faca proferiu os golpes que vitimaram o companheiro. John Lennon foi apresentado a Delegada titular de M. do Chapéu Dra. Manuela e agora ficará à disposição da justiça. (LUCAS SOUZA PUBLICIDADES, 2014)

**Quadro 8** – Notícia da prisão do acusado de matar Paulo Sérgio do Nascimento em Morro do Chapéu/BA.

**BAHIA: PRESO HOMEM ACUSADO DE HOMICÍDIO EM MORRO DO  
CHAPÉU**

Foi apresentado na Delegacia Territorial de Morro Do Chapéu nessa segunda feira 24 de março, o elemento John Lenon, 21 anos, confesso de ter matado friamente com um golpe de faca no pescoço Paulo Sérgio, 45 anos, vulgo “Paulinho”. O crime aconteceu no ultimo sábado dia 22 de março por volta da meia noite na Rua Santa Terezinha do bairro Caixa D’água em Morro Do chapéu. Segundo informações os dois tinham uma relação amorosa e no sábado o John Lenon foi visto em um local conhecido como “ Bode Assado ” causando muito ciúme no “ Paulinho ” o que provocou um desentendimento entre os dois. Ainda segundo o depoimento do homicida os dois entraram em luta corporal dentro de um quarto na residência do “ Paulinho ” e para se defender deflagrou um golpe de faca no pescoço da vítima, friamente, sem chances de defesa. Mesmo sangrando bastante, o homem esfaqueado conseguiu sair de casa para pedir ajuda, más não resistiu ao ferimento e caiu na calçada de sua casa. O meliante John Lenon fugiu com destino ao Distrito de Soares município de América Dourada. A Polícia Civil de Morro Do Chapéu, em perseguição desde o dia do assassinato, conseguiu prender o assassino em sua residência em Soares na manhã de ontem dia 24 de março, foi apresentado à Delegada Dr<sup>a</sup>. Manuela Rodrigues, onde está à disposição da Justiça. Se condenado, deverá pegar até 30 anos de prisão por homicídio qualificado. (REDAÇÃO DO PORTAL FOLHA DO ESTADO, 2014)

Esse é um caso atípico em alguns aspectos. Fiz questão de colocar duas matérias para mostrar que ambas têm como destaque a prisão do agressor, ao invés do crime, como acontece normalmente. As matérias geralmente não dão pistas ou detalhes sobre a identidade da vítima, indicado se é ou não uma pessoa pública ou influente, que são fatores determinantes para a elucidação dos casos, infelizmente, o que evidencia nossa sociedade como extremamente desigual com base na classe social. Outro diferencial é a rapidez na prisão do agressor, que é um ponto positivo, já



que dificilmente o criminoso é encontrado e preso nos crimes de motivação homofóbica. Por outro lado, o nível de crueldade é o mesmo: uma discussão que culminou na morte de mais uma vítima.

Podemos perceber que neste caso a prisão aconteceu logo, dois dias depois do crime. Segundo a matéria, houve um maior empenho da polícia em prender o assassino. A matéria também enfatiza que o motivo foi ciúmes, deixando claro que o assassino tinha uma relação íntima com a vítima, o que denotou para as autoridades um crime passional. Acredito que essas informações são relevantes, mas levanta dúvida quanto à motivação, se realmente foi ciúmes ou um crime motivado por homofobia.

**Quadro 9** – CASO 9 –13/04/2014 – Nilton Cezar Carreira dos Santos/Gay – 46 anos/Facadas/BA, Feira de Santana.

#### **HOMEM É MORTO COM REQUINTE DE CRUELDADE NA SANTA MÔNICA**

A Polícia tenta identificar a autoria do bárbaro crime que chocou os moradores do bairro Santa Monica 2 na madrugada deste domingo (13), em Feira de Santana. A vítima Nilton Cezar Carreira dos Santos, 46 anos, foi encontrada despida sobre a cama, com perfurações de faca no pescoço além de um pênis de borracha próximo ao corpo dando conotação que ele era homossexual. Para tentar ocultar o cadáver, o (a) autor (a) do crime cobriu o corpo com lençóis e roupas e, em seguida, tentou atear fogo. De acordo com a delegada Clécia Vasconcelos, que presidiu o levantamento cadavérico, a Polícia apurou que vítima recebeu a visita de uma pessoa com quem tinha um relacionamento amoroso e horas depois o corpo foi localizado. A delegada avaliou o crime como um homicídio com requintes de crueldade e afirmou que será fácil identificar a autoria. (PORTAL FOLHA DO ESTADO, 2014)

O que chama a atenção nesse crime é o fato do assassino não se contentar com os golpes que deferiu no pescoço da vítima, pois, ao final, ainda tentou atear fogo para ocultar o cadáver. Isso demonstra a frieza do agressor para com a vítima, indicando que o importante era que o corpo não fosse descoberto. Como se não bastasse a morte, o agressor fez questão de humilhar a vítima depois de morta, deixando-a despida e com um pênis de borracha próximo ao corpo. Mais uma vez, como acontece nesse tipo de crime, o agressor fez questão de expor a vítima, como se essa exposição o eximisse da culpa, uma vez que a sociedade, na sua grande maioria, culpa a vítima pela sua prática social supostamente desviante.

**Quadro 10** – CASO 10 – 15/05/2014 – S.J.N.L./Trans – 39 anos/Facadas/BA, Salvador.

### **TRAVESTI É MORTA POR DÍVIDA NO BAIRRO DA CALÇADA**

Uma travesti foi assassinada na madrugada desta quinta-feira (15) no bairro da Calçada, em Salvador. O crime aconteceu por volta da 1h30, na rua Nilo Peçanha. De acordo com informações da Central de Polícia, a vítima, identificada como Sued José Nascimento Lima, 39 anos, foi morta a facadas durante uma briga com uma outra travesti, identificada como Patrícia Bracinho. Patrícia esteve no local para cobrar uma dívida de Sued. Como ela não recebeu o dinheiro, as duas começaram a discutir e a vítima foi atingida por diversas facadas na região do tórax. Patrícia fugiu logo após cometer o crime. Sued não resistiu aos ferimentos e morreu no local. O caso está sendo investigado pelo Departamento de Homicídios e Proteção à Pessoa (DHPP). A quantia que Sued supostamente devia à outra travesti não foi divulgada, e não há mais informações sobre as circunstâncias do crime. O corpo de Sued José Nascimento Lima foi encaminhado ao Departamento de Polícia Técnica (DPT) de Salvador, onde deve passar por perícia antes de ser liberado para os familiares. (REDAÇÃO CORREIO 24 HORAS, 2014a)

O único ponto que destaco nesse caso é o fato de tanto o agressor como a vítima serem travestis. Isso não é comum nos casos que estudei, mesmo fora da Bahia. Diante do exposto, não considero um crime de ódio, mas o retrato de duas pessoas que estavam nas ruas, jogadas à própria sorte, em um contexto de extrema violência e transfobia. Por se tratar de duas travestis, sabemos que, na sua maioria, vivem à margem da sociedade, na invisibilidade social. Como se não bastasse o estigma que carrega pela sua identidade de gênero, Patrícia agora também é procurada por assassinato.

**Quadro 11** – CASO 11 – 20/07/2014 – Luiz Antônio de Souza Santos/Gay – 46 anos/Tiros/DT/BA, Inhambupe.

### ADOLESCENTE QUE MATOU EMPRESÁRIO É APREENDIDO EM INHAMBUPE

A polícia de Inhambupe apreendeu um jovem de 17 anos, acusado de ter matado o empresário Luiz Antônio de Souza Santos, de 46 anos, com um tiro na cabeça, dentro de casa, na região central da cidade, no domingo (20). Alguns pertences da vítima foram recuperados na casa do adolescente que confessou o crime. Segundo o delegado, o garoto, que trabalha como mecânico, disse ter ido à casa de Luiz Antônio a pedido dele para verificar um defeito no veículo. Os dois se conheceram seis meses antes, em um evento que reuniu proprietários de sons automotivos, realizado na cidade, e, desde então, o autor prestava serviços ao empresário. Depois de consertar o carro, Luiz e o adolescente saíram e, na volta, passaram a ingerir bebida alcoólica no imóvel onde a vítima morava sozinha. Em seguida, o empresário teria convidado o garoto para manter relações sexuais, que negou o pedido e o feriu com um tiro na cabeça. A polícia não acredita na versão apresentada pelo adolescente, que chegou a postar uma foto do revólver utilizado para executar o empresário em uma rede social dois dias antes do crime. A Delegacia de Inhambupe deve prosseguir com as investigações para recuperar a arma utilizada no homicídio. O acusado já foi encaminhado ao Ministério Público para adoção de medidas socioeducativas. (BN BAHIA NOTÍCIAS, 2014)

Conforme venho discutindo ao longo desta monografia, existe uma hierarquização explícita quanto a priorização na resolução dos casos. Casos que envolvem pessoas de classe média e alta, brancas e gays, são “privilegiados” no momento da elucidação dos crimes. Isso se deve ao que está no imaginário social quanto aos marcadores de raça e classe, e/ou no empenho da família ou de seu círculo de amigos em buscar respostas. Nesse caso, o fato do assassino ser preso dois dias depois do crime não é surpresa, já que a vítima era um empresário gay. Outro ponto relevante é o fato do assassino ser menor de idade, atirar na cabeça da vítima, e ainda postar foto da arma em uma rede social, indicando crime de ódio.

**Quadro 12** – CASO 12 – 27/07/2014 – André Luiz Oliveira Silva/Gay – 51 Anos/ Asfixia/BA, Vitória da Conquista.

### CONQUISTA: POLÍCIA INVESTIGA MORTE DE ANDRÉ LUIZ

A Polícia Civil investiga a morte do professor André Luiz Oliveira Silva, 51 anos. O docente, que também era contador, foi encontrado morto dentro do seu apartamento, em Vitória da Conquista, neste domingo (28). O carro, dinheiro e objetos pessoais foram levados. Segundo testemunhas André Luiz foi visto pela última vez com um homem que estava hospedado em sua residência. A princípio a gente pensa que foi homicídio mesmo. A gente tem uma descrição da pessoa, do envolvido, algumas indicações de quem possa ser e as investigações vão no sentido dessa pessoa”, disse o delegado Luís Henrique Machado, em entrevista ao Bahia Meio Dia. O corpo de André, que era irmão da jornalista Daniella Oliveira Silva, apresentadora do Bahia Meio Dia (TV Sudoeste), é velado na Capelinha do São Vicente e sepultado em Vitória da Conquista, na tarde desta segunda-feira (28). (BLOG DO ANDERSON, 2014b)

Conforme noticiou o Blog do Anderson (2014c), em matéria intitulada, "Polícia: Val confessa agressão ao professor André Luiz, morto no último domingo em Conquista", após seis dias de procura, foi preso o homem acusado de matar o professor André Luiz. O autor confessou o crime ao afirmar, "eu estava dentro do mato escondido. Estava com medo, pensei que ele estivesse desmaiado, que eu tinha roubado o carro dele e a polícia ia atrás de mim" (BLOG DO ANDERSON, 2014c, s/p). Por isso, Genivaldo Barreto Gomes (FIGURA 3), vulgo Val, de 28 anos, foi indiciado pelo crime de latrocínio, e não homofobia, tendo confessado ter agredido o professor e sufocado-o com as mãos no pescoço.

**Figura 3** – Encaminhamento de Genivaldo Barreto Gomes ao Distrito Integrado de Segurança Pública (DISEP), em Vitória da Conquista, pelo assassinato de André Luiz Oliveira Silva.





**Quadro 13** – CASO 13 – 03/08/2014 – Aécio da Cruz Silva/Gay – 29 anos/Asfixia/ DH/BA, Feira de Santana.

**ESTUDANTE DE BIOMEDICINA FOI MORTO EM FEIRA DE SANTANA  
POR PARCEIRO, DIZ DELEGADO**

"Com certeza foi por alguém que tinha relações íntimas com ele", explica João Uzum. A Polícia Civil investiga a morte de um estudante de biomedicina que teve o corpo encontrado neste domingo (3) na cidade de Feira de Santana, a cerca de 110 quilômetros de Salvador. De acordo com o delegado João Uzum, o crime foi cometido por um parceiro da vítima. "A razão do crime ainda não sabemos, mas com certeza foi por alguém que tinha relações íntimas com ele", explica o titular da Delegacia de Homicídios. "Informações dos familiares e a cena do crime indicam que o autor foi uma pessoa com intimidade", completadelegado. Aécio da Cruz Silva, 29 anos, foi encontrado morto no último final de semana, após ser dado como desaparecido por familiares. Ainda segundo Uzum, a vítima era homossexual e teve pertences da casa roubados, como um celular, um notebook, além de uma quantia em dinheiro ainda não revelada. A Polícia Civil já ouviu três pessoas ligadas ao estudante e outras cinco devem prestar depoimento na Delegacia de Homicídios ainda nesta semana. Para o delegado João Uzum, a polícia não está tentando prender nenhum suspeito, pois ainda é precoce apontar um responsável.

**Entenda o caso**

Aécio era técnico em patologia e trabalhava em um laboratório de análises clínicas. Segundo a Delegacia de Homicídios, que investiga o caso, a vítima foi encontrada com os pés e as mãos amarrados na cama, dentro da quitinete onde ele morava na rua Visconde do Rio Branco, no bairro de Baraúna. A suspeita é de que Aécio tenha sufocado até a morte. Segundo o site Acorda Cidade, o estudante foi encontrado morto pelo irmão, que estranhou o fato dele não atender ao telefone desde a sexta-feira (1º). Ele também não compareceu ao trabalho no sábado (2). (REDAÇÃO CORREIO 24 HORAS, 2014b)

O que chama a atenção na descrição, além do crime brutal, é a presença de laços afetivos da vítima. Não só na família, mas também no local de trabalho, ou seja, devido à sua condição social, apesar de gay, ele não está totalmente invisível. Além de Técnico em Patologia, era também estudante de Biomedicina. Isso demonstra a importância dos marcadores sociais da diferença para analisar o contexto de crime homofóbico pois, o lugar social da vítima contribui para a sua visibilidade e punição do agressor ou para a sua invisibilidade e impunidade do agressor.

**Quadro 14** – CASO 14 – 25/08/2014 – Reginaldo Pereira Costa/Gay/Suspeita de Suicídio/BA, Vitória da Conquista.

## PROFESSOR UNIVERSITÁRIO É ENCONTRADO MORTO DENTRO DE RESIDÊNCIA

O professor universitário Reginaldo Pereira Costa foi encontrado morto na tarde desta segunda-feira, 25, em sua própria residência na Rua Presidente Médici, nas proximidades da TV Sudoeste. Reginaldo era professor de matemática, lotado no DCE – Departamento de Ciências Exatas da Uesb. As primeiras informações dão conta de que o professor teria sido vítima de enforcamento. A Polícia Civil investiga as circunstâncias da morte. (BLITZ CONQUISTA, 2014)

Neste caso não temos muita informação, a não ser que se tratava de um gay. Provavelmente, por se tratar de um professor universitário, as informações referentes à sua orientação sexual foram omitidas para que ele não fosse exposto. Quando as vítimas são gays e de classe média ou alta, geralmente as fotos no local do crime não são divulgadas, ao invés disso, são expostas fotografias da vítima ainda viva, geralmente retiradas das redes sociais (FIGURA 4). Isso indica mais uma vez, como os marcadores sociais continuam presentes, mesmo quando as vítimas fazem parte de minorias invisibilizadas.

**Figura 4** – Professor é encontrado morto dentro de residência.



**Fonte:** Foto reprodução *Facebook*.

Fiz questão de colocar outra manchete, para mostrar que nesta matéria a polícia suspeita de suicídio. Mais uma vez os convido a refletir. O fato de ser uma pessoa conhecida na Universidade, existe a possibilidade da família não aceitar a homossexualidade dele e comungar com a versão da polícia de que foi suicídio? O que não deixa de ser um crime, já que isso ocorre porque a vítima encontra no suicídio uma forma de fugir da não aceitação social.

**Quadro 15** – CASO 15 – 28/09/2014 – Maurício Souza da Silva/18 anos/Gay/Tiros/ BA, Salvador.

**JOVEM É MORTO NA 6ª PARADA GAY DA FAZENDA GRANDE DO  
RETIRO**

Mauricio Souza da Silva, 18, foi morto a tiros na noite de domingo 28, durante a 6ª Parada Gay da Fazenda Grande do Retiro, em Salvador. A vítima foi atingida no peito e no rosto. O crime aconteceu por volta das 20h, na 1ª Travessa São Roque. Segundo informações da Polícia Civil, o crime não tem ligação direta com a Parada Gay, visto que o jovem estava em uma rua que não fazia parte do circuito, quando foi baleado. Mauricio ainda tentou correr para sua casa, no próprio bairro, mas caiu na rua antes que chegasse, de acordo com a Superintendência de Telecomunicações das Polícias Civil e Militar (Stelecom). Um popular chegou a socorrer a vítima, mas Mauricio não resistiu aos ferimentos e morreu no local. À polícia, testemunhas disseram que a vítima era usuária de drogas e conhecida como uma pessoa violenta. O caso está sendo investigado pelo Departamento de Homicídio e Proteção à Pessoa (DHPP). Não há informações sobre os autores do crime. (REDAÇÃO CORREIO 24 HORAS, 2014c)

Há que se colocar relevo a dois elementos desse caso. Primeiro, é o fato da polícia afirmar que o crime não tem relação com a Parada LGBT, pois o jovem foi encontrado em outra rua, diferente de onde tinha acontecido o evento. Percebi que foi uma observação prematura, já que a investigação ainda estava em andamento, ou seja, a conclusão da polícia foi anterior à coleta de provas substanciais. Segundo, a exposição desnecessária da vítima como usuária de droga e conhecida como uma pessoa violenta. Apesar de não justificar o crime, essa narrativa buscou indicar que a vítima merecia morrer. O criminoso pode ter visto a parada como uma oportunidade para extravasar seu ódio, tanto que perseguiu Mauricio até alcançá-lo e atirou em seu peito e em seu rosto, denotando uma emboscada.

**Quadro 16** – CASO 16 – 05/10/2014 – Francisco de Souza/Gay – 50 anos/Golpes de Chuço/1ª D.H./BA, Salvador.

**PADRE MORTO ERA EXTORQUIDO E TROCOU MENSAGENS COM  
SUSPEITO, DIZ POLÍCIA**

Capelão da igreja do Stiep foi morto e crime chocou comunidade católica. Dois suspeitos foram presos em Igrapiúna; vítima chegou a pedir socorro. O delegado Marcelo Sansão, do Departamento de Homicídio e Proteção à Pessoa (DHPP), disse, em coletiva à imprensa na tarde deste sábado (11), que o padre Francisco Carlos de Souza, achado morto no bairro de Stella Mares, em Salvador, foi extorquido por três meses por Robson de Souza Oliveira, 26, conhecido como "Tito". Ele e André do Amaral, 28 anos, o "Andrezinho", suspeitos de envolvimento no crime, foram presos na cidade de Igrapiúna, na sexta-feira (11), e já foram transferidos para Salvador. Segundo Sansão, o suspeito teria reclamado quando o padre começou a negar a entrega do dinheiro. "Os autores tentavam forçar novos valores, valores mais altos. Houve a negativa e, conseqüentemente, o crime foi realizado", afirmou



o delegado. Uma terceira pessoa suspeita está foragida. A polícia relata que o celular da vítima, achado no local do crime, tem registros de mensagens e ligações entre o sacerdote e um dos suspeitos. O delegado acrescenta que o pároco fez diversos saques bancários antes do crime. O tipo de relação que eles mantinham, no entanto, não foi informada. Momentos antes de ser morto, o religioso foi visto correndo por uma avenida pedindo socorro. "A praia estava deserta, não teve como ter sucesso no pedido de socorro. O primeiro golpe foi perpetrado pelo André, mas uma permanência maior do Robson do cenário após a saída do André do local", detalhou.

### **Prisões**

Segundo o coronel Santiago, os suspeitos foram localizados em uma pousada após denúncia de populares. "Eles foram presos por policiais da 33ª CIPM e confessaram envolvimento no homicídio. Além disso, também indicaram onde estava o carro do padre. O veículo, modelo Fox, foi encontrado queimado numa localidade conhecida como Orojó, em Igrapiúna", disse. O delegado Marcelo Sansão já havia informado, na terça (7), que o padre foi assassinado por dois homens. "A gente tem a citação por informação de terceiros, de que a vítima teria sido perseguida, gritado por socorro, quando um dos autores o alcança, o segura e o outro vem e o golpeia", detalhou. O primeiro golpe desferido atingiu as costas da vítima, que depois foi arrastada para um local mais escondido, onde foi atingida por mais 17 golpes. "Eu trabalho, atualmente, com 90% da hipótese da questão de homicídio, até pela forma, pela violência, pelo instrumento utilizado no crime e pelo local", disse. Para o delegado, a escolha do local do crime pode ter sido feita previamente pelos criminosos. "Acredito que o local tenha sido premeditado, estudado pelos autores da prática", informou.

### **Desaparecimento**

Padre Francisco sumiu ao sair de casa para realizar uma missa no Santuário Mãe Rainha, onde atuava no bairro do Stiep. O corpo do pároco foi encontrado um dia depois, com marcas de perfurações. O corpo foi reconhecido pelo advogado da igreja e pelo Padre Valter Reis, que faz parte da Paróquia Nossa Senhora da Esperança. Com base em depoimento de testemunha, que é colega da vítima, o padre se sentia inseguro após ter registrado uma queixa denunciando desaparecimento de objetos. Em nota de pesar, a Arquidiocese de Salvador afirmou que Francisco Carlos de Souza foi ordenado como sacerdote em 20 de setembro de 1999. Ele é natural de São João Del Rei, cidade em Minas Gerais. (G1, 2014a)

O fato de ser padre, uma pessoa pública e conhecida na comunidade onde atuava, além da pressão da igreja, fez com que a polícia se empenhasse em prender os assassinos. A percepção do delegado de considerar o crime como um simples homicídio, mesmo reconhecendo que o padre foi atingido por 17 golpes, indicou a necessidade de dar uma resposta imediata à sociedade, evitando a necessidade de uma investigação aprofundada. Provavelmente por se tratar de um padre, a igreja não

queria expor a homossexualidade do pároco e concordou com essa versão. Senti falta de mais informações sobre o motivo pelo qual os assassinos estavam extorquindo a vítima. Acredito que esse crime poderia ter sido evitado caso a denúncia feita pela vítima, ainda em vida, fosse investigada.

**Quadro 17** – CASO 17 – 12/10/2014 – Sara/Trans – 27 anos/Tiros/BA, Camaçari.

#### **TRAVESTI É ASSASSINADA EM CAMAÇARI**

Eurico dos Prazeres de Jesus, 27 anos, travesti conhecido pelo nome social de "Sara" foi morto a tiros na noite deste domingo, 12, no centro de Camaçari. Segundo informações da polícia, o crime ocorreu por volta das 20 horas, na rua que fica entre a Radial C e Radial B, nas proximidades da antiga Vaca. Sara era um dos travestis que fazia ponto no local. Testemunhas informaram que a vítima foi morta por um homem que estava a bordo de uma motocicleta. A motivação do crime ainda é desconhecida. De acordo com informações obtidas pelo Portal Bahia no Ar, Sara tinha passagens na polícia, por tráfico de drogas. A Delegacia de Homicídios deve investigar o caso. (REDAÇÃO BAHIA NO AR, 2014).

O que me chamou a atenção nesse caso foi o tratamento dispensado à vítima. Percebi que a notícia mostra a vítima como um objeto e não como um ser humano, ou seja, a desumanização dessas vítimas me parece um elemento recorrente nos crimes de ódio homofóbicos. A descrição da notícia indica a falta de laços afetivos, pois a vítima é mostrada como se fosse uma pessoa solitária. Mais uma vez, vemos a ênfase na exposição de um aspecto "negativo" da vítima, afirmado que era usuária de drogas e que já tinha passagem pela polícia, como se essas informações justificassem a sua morte prematura, ainda com 27 anos.

**Quadro 18** – CASO 18 – 16/10/2014 – Arlinda Santos Ferreira/Lésbica – 37 anos/ Apedrejamento/BA, Itabela.

**PROFESSORA DE ALFABETIZAÇÃO MORRE APÓS SER AGREDIDA EM  
RUA DE ITABELA**

Crime aconteceu na madrugada desta quinta-feira, na região sul da Bahia. Polícia aponta que ela teria ido alvo de pedradas; aulas foram suspensas.

Uma professora de 37 anos foi morta violentamente no início da madrugada desta quinta-feira (16), na cidade de Itabela, no extremo sul da Bahia. Segundo a polícia, a vítima estava no bairro Ubirajara Brito quando foi alvo de uma agressão. Com base nas marcas, a investigação aponta que ela foi atacada com uma pedra, mas nenhum objeto foi encontrado no local, informa a polícia. Um laudo deve apontar a real causa do ferimento que causou a morte da educadora. De acordo com a Polícia Militar, moradores localizaram a vítima caída no chão da rua e acionaram a polícia. Chegando ao local, a mulher ainda estava viva e foi levada até o Hospital Frei Ricardo, mas não resistiu aos ferimentos. Arlinda Santos Ferreira era professora da Escola Municipal Archimedes Ernesto da Silva e ensinava na turma da alfabetização. As aulas foram suspensas. Segundo moradores de Itabela, Arlinda atuava no ramo da educação há muitos anos e era bastante querida por todos. "Era uma grande alfabetizadora. É professora da rede municipal há muito tempo. Nós estamos recebendo as crianças em sala, explicamos para elas que estamos de luto e liberando. Pela tarde, nós vamos fazer a mesma coisa", explica a diretora da unidade de ensino, Edna Romado. O delegado Hermano Costa, que está à frente das investigações, aponta que a principal hipótese sobre o crime é que tenha havido motivação passional. De acordo com relato do delegado, a mulher vivia com uma mulher, sua companheira, que está sendo procurada para esclarecimentos. Até por volta das 11h, a mulher não tinha sido localizada em Itabela. O velório ocorre a partir das 13h, na casa do irmão da vítima, no centro da cidade. O enterro está marcado para 17h desta quinta-feira, no Cemitério Municipal. (G1, 2014b)

Os crimes de ódio contra a população LGBT atingem a todas e todos. Apesar da sua invisibilidade dentro do grupo, as lésbicas também são alvos de crimes brutais. Tal invisibilidade está associada ao fato de, por ser mulher, o carinho demonstrado entre elas, é considerado normal pela sociedade, indicando a negação de uma relação afetiva. Nesse caso específico, para os padrões sociais, houve uma exposição da vítima, ou seja, uma demonstração pública de seu afeto por outra mulher. O agressor, amparado pelas práticas machistas e sexistas, aceitas pela sociedade, agrediu a vítima de forma letal, por não admitir e aceitar tal relação. A agressão a pedradas indica o nível de crueldade e o extravasamento de ódio do agressor contra essa mulher. Será que se o “triângulo amoroso” ocorresse entre heterossexuais, ele mataria o homem envolvido como fez com a mulher nesse caso?

**Quadro 19** – Notícia do assassinato do acusado de matar a alfabetizadora Arlinda Santos Ferreira no município de Itabela/BA.

**ACUSADO DE MATAR PROFESSORA A PEDRADAS EM ITABELA É  
ASSASSINADO EM PORTO SEGURO**

Um homem identificado como, Adonias Moura Souza Neto de 25 anos, acusado de assassinar a pedradas, a professora de alfabetização, Arlinda Santos Ferreira, 37 anos, conhecida como Linda, foi assassinado com mais de 10 tiros, na noite desta sexta-feira (20), no povoado de Itaporanga, distrito de Porto Seguro. Segundo a polícia, Adonias estava bebendo em um bar quando foi baleado. Ele ainda chegou a correr, mas não resistiu e caiu a 100 metros do local. O crime contra a professora ocorreu em outubro de 2014 em Itabela e desde crime, Adonias estava foragido da polícia. Adonias que já responde por um homicídio em Itabela, foi solto do presídio de Eunápolis uma semana antes do crime contra professora para responder em liberdade pela morte de um tio.

**O Crime**

De acordo com o Delegado de Polícia Civil de Itabela, José Hermano Costa, responsável pelo caso, 'Linda' foi morta, na Rua da Torre no Bairro Bandeirantes, a 300 metros da casa de sua companheira, conhecida como Índia. Segundo testemunhas, horas antes do crime, Linda discutiu com Índia e o marido dela, Adonias que responde pelos crimes de porte ilegal de armas e pelo homicídio do próprio tio. Durante a discussão, testemunhas ouviram Adonias ameaçar a professora de morte por não aceitar o relacionamento entre as duas mulheres. "Ele também mandou várias mensagens para o celular da companheira afirmando que mataria ou morreria para ficar com ela", afirmou o delegado. Segundo a Polícia Militar, Linda chegou a ser socorrida com vida por policiais para o Hospital Municipal de Itabela, onde acabou morrendo. (BAHIA DIA A DIA, 2014)

Pelo fato de ser professora em uma escola municipal, as autoridades demonstraram maior interesse em prender o criminoso, o qual, segundo a polícia, já respondia por outro crime de assassinato. Vemos, portanto, mais um caso que sustenta a ideia de que os marcadores sociais da diferença agem na forma como a polícia se posiciona na investigação de um crime de ódio homofóbico.

**Quadro 20** – CASO 19 – 18/10/2014 – Valnei/Gay/Tiros/8ª COORPIN/BA, Teixeira de Freitas.

### **HOMEM PELADO É ASSASSINADO COM 11 TIROS NOS FUNDOS DE SUA CASA NO BAIRRO NOVO JERUSALÉM**

Teixeira de Freitas: Alguns moradores da Rua União dos Cristãos, no Bairro Novo Jerusalém, acordaram assustados com o barulho de diversos tiros. Um homem foi assassinado na referida rua. O crime aconteceu por volta das 23h00, deste sábado, 18 de outubro e a vítima foi identificada até o momento pelo prenome de Valney, morador do mesmo endereço da ocorrência. Populares informaram que ouviram aproximadamente 08 tiros e barulho de moto, quando saíram para ver, a vítima estava caída na porta da cozinha de sua casa. Uma guarnição da PM esteve no local e preservou a área. Uma equipe do SILC, liderada pelo delegado, Kleber Gonçalves, esteve no local e procedeu ao levantamento cadavérico e ouviu algumas testemunhas. Os peritos do Departamento de Polícia Técnica, Bruno Melo e Everton dos Anjos, fizeram a perícia de local. Segundo os peritos, a vítima estava em decúbito dorsal, sem roupas, apenas com uma toalha, e levou 11 tiros, sendo 04 na cabeça, 01 no ombro, 01 no antebraço, 04 nas costas e 01 no tórax. Na casa da vítima foi encontrado uma espécie de ritual de magia negra. Ainda segundo a perícia, nenhum estojo foi encontrado, o que indica que foi de revólver. Segundo o delegado Kleber, a casa não tem cerca, não há sinais de arrombamento e possivelmente o atirador [ou atiradores], era conhecido da vítima. Populares informaram que o Valney era homossexual. Após a perícia, o corpo foi removido ao IML e um inquerito policial foi instaurado. (ALVES, 2014).

Esse foi mais um crime de ódio cuja manchete não deixa dúvidas quanto à brutalidade do agressor. As imagens referentes a esse crime são muito fortes (FIGURA 5). Me questionei se valeria, ou não, a pena incluí-las, e refleti que se esta monografia busca dar visibilidade à violência sofrida cotidianamente por essas pessoas, faz-se necessário divulgá-las. A intenção não é chocar, mas mostrar que esses crimes precisam ser tipificados como homofobia e intensificar a prisão dos assassinos, principalmente quando falamos de negras e negros de classes sociais baixas, uma vez que a impunidade está ligada às questões de raça e classe. Alguém que atira em um ser humano 11 vezes não merece estar à solta, pois corre o risco de fazer novas vítimas. Observamos também a exposição do corpo da vítima, despido e ensanguentado. Devido à sua condição social de pobreza não lhe foi dado o direito de escolha, não apareceu ninguém para impedir essa exposição, indicando a falta de laços afetivos.

**Figura 5** – Homem pelado é assassinado com 11 tiros. (ALVES, 2014).



Fonte: Liberdade News

**Quadro 21** – CASO 20 – 19/10/2014 – Cleude Alves Pereira/Lésbica – 48 anos/ Estrangulamento/BA, Teixeira de Freitas.

**PROFESSORA É ENCONTRADA MORTA EM TEIXEIRA DE FREITAS:  
POLÍCIA DESCONFIA DE ASSASSINATO**

O corpo da professora Cleude Alves Pereira, de 48 anos, foi encontrado neste domingo (19) por uma amiga que passava em frente à casa da mesma e desconfiou do portão aberto e ainda com as chaves dependuradas no cadeado. Quando chamou por Cleude e ela não respondeu, a amiga resolveu adentrar ao imóvel, quando encontrou a vítima caída, seminua e sem sinais vitais. A professora Cleude, que dava aulas na Escola Municipal Manoel Cardoso Neto, morava sozinha na rua Dois Irmãos, bairro São Lourenço, na região central de Teixeira de Freitas. Pouco tempo depois as polícias Militar e Civil foram acionadas e os policiais perceberam que os cômodos da casa estavam revirados, o que pode caracterizar crime de latrocínio (roubo seguido de morte). O celular da vítima não foi encontrado. Na perícia de local os peritos do Departamento de Polícia Técnica de Teixeira de Freitas (DPT), perceberam marcas avermelhadas no pescoço da vítima, indicando que pode ter havido esganadura, quando o assassino aperta o pescoço da vítima até que ela deixe de respirar. Os resultados dos exames de necropsia com a causa da morte devem ser divulgados ainda nesta segunda-feira (20). A morte da professora chocou parentes, vizinhos e outros profissionais de educação da cidade. (BRITO, 2014).

Podemos afirmar que existe uma tendência, ou mesmo um receio, por parte das autoridades policiais, em não associar esses crimes com a homofobia, apesar de saberem que se trata de uma pessoa LGBT e que sua morte foi motivada também pela orientação sexual, ou ao menos pelo contexto homofóbico em que estão inseridas. Neste caso específico, a vítima era lésbica e estava seminua, o que pode configurar lesbofobia. Apesar de se tratar de uma professora e atuar na rede municipal de ensino da cidade, o criminoso ainda não foi preso. Caso não haja mobilização por parte da família e de sua rede mais próxima, será mais um crime impune.

**Quadro 22** – CASO 21 – 28/10/2014 – Higor Rocha Silva/Gay – 28 anos/Tiros/BA, Jeremoabo.

**EMPRESÁRIO ITAPETINGUENSE ASSASSINADO EM JEREMOABO-BA**

Um homem foi encontrado morto com marcas de tiros na cabeça, na manhã desta terça-feira, 28/10/14, dentro do porta-malas do próprio carro, em uma estrada vicinal próximo ao Povoado Caritá no município de Jeremoabo-BA. Moradores da região desconfiaram do veículo abandonado e acionaram a polícia. O homem foi identificado como sendo do empresário jeremoabense, Higor Rocha Silva, de 28 anos, natural de Itapetinga, sudoeste da Bahia, residente na Avenida Monsenhor José Magalhães, no Conjunto João Paulo II, em Jeremoabo.

Em Itapetinga, sua família reside na Rua Edmundo Alves de Souza, bairro Clodoaldo Costa, onde Higor morou por muitos anos antes de ir morar em Jeremoabo. Higor era proprietário da empresa Naja Cobranças e era muito bem relacionado nas cidades de Jeremoabo e Pedro Alexandre.

Há suspeita de que a vítima tenha sido executada. A polícia investiga a causa e autoria do crime. Em Itapetinga, estamos mantendo contato com a família que se encontra muito consternada com a trágica notícia, aguardando o translado do corpo de Higor para velório e sepultamento em nossa cidade, em local e horário ainda não informados. (JEREMOABO AGORA, 2014).

Esse crime chama a atenção pelos moldes de crueldade. Higor foi morto com um tiro na cabeça e deixado dentro do porta-malas do próprio carro, em um local afastado. Apesar de ser um empresário conhecido na cidade, os criminosos ainda não foram presos. Nesse caso, a vítima era gay e negra. É pertinente, nesse contexto, portanto, refletir sobre a questão racial, uma vez que mesmo a posição social de Higor sendo privilegiada em termos de classe social, esse “privilegio” não foi suficiente para as autoridades e a sociedade se empenhassem em resolver o caso.

**Quadro 23** – CASOS 22, 23 e 24 – 12/11/2014 – José Filho do Nascimento/Gay – 24 anos/Tiros/BA | Alessandro Santos Souza Júnior/Gay/Tiros/BA | José Antônio Pereira Silva/34 anos/Tiros/BA, Santa Brígida.

### **TRIPLO HOMICÍDIO É REGISTRADO NA CIDADE DE SANTA BRÍGIDA-BA**

Um triplo homicídio foi registrado na noite desta quarta-feira (12), por volta das 20:00, na cidade de Santa Brígida-BA.

As vítimas foram identificadas como "José Filho do Nascimento", de 24 anos, residia no centro da cidade Santa Brígida-BA; "Alessandro Santos Souza Junior", conhecido como Juninho, residente na Rua Elias do Nascimento e o "José Antônio Pereira Silva", de 34 anos, residente na Rua Airton Sena.

De acordo com as informações, dois elementos ainda não identificados que estavam em uma moto Bros, cor preta, abordaram os rapazes que conversavam em frente a Igreja de São Pedro e efetuaram vários disparos de arma de fogo contra eles. Dois morreram na hora. José Filho e Alessandro não resistiram aos ferimentos e morreram ainda no local, já José Antônio, que trabalhava como professor chegou a ser socorrido e encaminhado para o Hospital Nair Alves de Sousa em Paulo Afonso-BA, mas acabou falecendo também. Os autores do crime fugiram do local tomando destino ignorado. Duas hipóteses foram levantadas. Os homicídios podem tratar-se de um crime homofóbico, já que duas das vítimas eram homossexuais ou os elementos queriam apenas matar o Alessandro que é muito conhecido no BTN, em Paulo Afonso e com muitas passagens pela polícia. (CHICO SABE TUDO, 2014).



Neste caso, o assassino tirou a vida de três pessoas de uma única vez. Raramente observamos, na descrição dos casos, a afirmação de que o crime tem cunho homofóbico. Duas das vítimas eram homossexuais, não deixando dúvidas sobre a motivação dos crimes. Mais uma vez, os marcadores sociais se fizeram presentes, uma vez que houve ênfase em ressaltar que a terceira vítima, José Antônio, era professor, não deixando claro se era ou não homossexual. Já José Filho e Alessandro, que eram gays, não tinham profissão, mas um deles tinha passagem pela polícia. Ou seja, vejo tais confirmações como irrelevantes diante da violência impetrada às vítimas.

**Quadro 24** – CASO 25 – 16/11/2014 – Ramona/Trans – 31 anos/Tiros/BA, Valença.

**VALENÇA: JOVEM ASSASSINADO A TIROS NO QUILOMBO**

Na noite deste domingo, 16/11, por volta das 18h20minh, o jovem Elivan dos Santos, 31 anos, vulgo Ramona (homossexual) residente no Jacaré, foi vítima de homicídio e um jovem de prenome Ricardo foi vítima de tentativa de homicídio por arma de fogo dentro de uma residência no Quilombo do Novo Horizonte em Valença-Ba. Ramona que convivia com Ricardo foi atingido por diversos tiros, morrendo no local. Ricardo que antes da execução de Ramona foi amarrado pelo bando foi atingido por nove disparos de arma de fogo, sendo socorrido ao Pronto Socorro de Valença e após avaliação medica transferido em porta aberta para o Hospital de Base em Itabuna-Ba. O DPT realizou o levantamento cadavérico, encaminhando o corpo de Ramona para o IML/Valença para ser necropsiado. Não foi informada a autoria e nem o motivo, só se sabe que foram quatro elementos que invadiram a residência. As guarnições das Policias Militar e Civil estiveram no local, mas até o momento ninguém foi preso. (NOSSA VOZ BAHIA, 2014)

Os criminosos, certos da impunidade, recorrem a medidas extremas para cometer os assassinatos. Neste caso específico, segundo a descrição acima, quatro elementos invadiram uma residência para matar Ramona e seu companheiro, que sobreviveu ao ataque, apesar de ter sido alvejado com nove tiros. Não foi divulgado quantos tiros atingiram Ramona, que morreu no local. Mais uma vez, um crime não justificado, em que a vítima, aparentemente, não escondia sua identidade de gênero trans, motivo que, pela violência, configura como transfobia. Além disso, vemos na matéria que a vítima, uma pessoa trans, foi tratada no masculino, uma outra forma de violência transfóbica presente nessas matérias em que os crimes são documentados.

Concluindo esse capítulo, afirmo que todos os casos listados acima fazem parte de uma estatística de violência letal contra as pessoas LGBT, porém, como venho reforçando ao longo de toda a monografia, cada indivíduo é único, na medida em que

os marcadores sociais de raça e classe e outras categorias sociais a que pertencem, como a profissão e sua visibilidade social, ditam como serão mortos, expostos à sociedade e por fim se haverá ou não a continuidade das investigações e a prisão do agressor.

## **CONCLUSÃO: A RESOLUÇÃO DOS CRIMES ESTÁ ASSOCIADA AO PERTENCIMENTO SOCIAL DA VÍTIMA**

Como vimos ao longo de todo o texto, os marcadores sociais da diferença — particularmente o gênero, a raça e a classe social — imprimem à violência homofóbica um grau elevado de violência subjetiva, cujas consequências deixam as vítimas mais vulneráveis. É sabido que existe um amplo debate acadêmico e ativista sobre diferenças de raça, classe, gênero e sexualidade, porém sem um olhar voltado especificamente para a população LGBT e a violência a que está submetida. Um outro olhar interseccional deve ser impresso a esses crimes, na medida em que ganham conformações específicas, dependendo das diferenças sociológicas das vítimas.

Os marcadores sociais da diferença são cruciais no momento da descrição do crime até a resolução, ou não, do mesmo. De acordo com o Gráfico 8, presente nos anexos dessa monografia, a Bahia registrou em 2014 quinze crimes contra gays, cinco contra pessoas trans e dois contra lésbicas. Desse total, apenas quatro foram solucionados no momento do trabalho de campo dessa pesquisa e todos foram crimes em que a vítima era gay, na maioria brancos e de classes altas ou com inserção social visível em suas comunidades. No caso das vítimas trans e lésbicas, não houve registro da continuidade das investigações, muito menos da prisão dos culpados.

Nessa monografia, foi possível observar como esses marcadores sociais se articulam no momento do assassinato, passando pela forma como os crimes são noticiados, o acompanhamento da polícia, até a prisão do agressor, quando ocorre. Verifiquei, portanto, uma sintonia com o trabalho de Carrara e Vianna (2006) em que afirmam que, “mesmo que no processo não conste nenhuma crítica explícita ao procedimento policial, fica claro que os esforços no sentido de identificar testemunhas ou apurar melhor as causas do crime são muito precários” (p. 238), e acrescento que isso se intensifica quando as vítimas são trans e ou lésbicas e, principalmente, se são negras e pobres, mesmo nos casos em que a vítima é gay. Além disso, os dados mostram que os crimes raramente, ou nunca, são associados à homofobia, indicando que essa população não é percebida pelas autoridades na sua especificidade.

Em fevereiro de 2019 começou a votação, no Supremo Tribunal Federal (STF), sobre a “criminalização da homofobia” no Brasil. Como até o momento não se aprovou

uma lei específica, está em pauta a possibilidade de criminalizar a homofobia através de sua equivalência com o crime de racismo. É uma discussão complexa, mas que indica uma “luz no fim do túnel”, não só para que os criminosos sejam punidos, mas também para o Brasil tomar as rédeas de uma situação que vem, a cada ano, vitimando mais pessoas.

Analisando os dados apresentados nessa monografia, constatamos que as maiores vítimas que apresentam baixos índices de laços afetivos fortes, sejam familiares ou de amizade, são as pessoas trans, e que os menores níveis de prosseguimento das investigações e cuidado com o crime por parte das autoridades acontecem quando as vítimas são negras e pobres, sem profissão definida e com baixa escolaridade. Isso indica que a equiparação dos crimes de homofobia ao crime de racismo faz sentido, uma vez que são as pessoas mais afetadas pela negligência do estado.

Espero que esse trabalho traga visibilidade às vítimas que tiveram suas vidas ceifadas, precocemente e sem motivo, ou melhor, que por uma imposição social homofóbica, não tiveram a liberdade e o direito de vivenciar sua sexualidade de forma plena. Os corpos mostrados nessa monografia, não visam chocar, mas ilustram o desejo da comunidade LGBT por justiça, e que, principalmente, essa violência letal homofóbica precisa ser enfrentada e possa ter um fim.

A violência explícita contra a população LGBT, como busquei demonstrar ao longo de toda a monografia, indica a falta de políticas públicas para enfrentar esse problema. O fundamentalismo religioso também contribui para o aumento da violência contra LGBT, uma vez que esses discursos não levam em conta de forma cidadã os temas do gênero e da sexualidade, que para eles, fogem da “normalidade”. Assim, busquei, através dessa monografia, fornecer pistas para a comunidade LGBT evitar situações de risco, e para o poder público implementar políticas públicas que garantam a segurança dessa população.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Edvaldo. (Bahia). Liberdadenews. **Homem pelado é assassinado com 11 tiros nos fundos de sua casa no Bairro Novo Jerusalém**. 2014. Disponível em: <<http://arondanews.com/policia/10443-homem-e-assassinado-a-tiros-no-novo-jerusalem-na-casa-da-vitima-a-policia-encontra-especie-de-ritual>>. Acesso em: 03 abr. 2019

BAHIA DIA A DIA (Bahia). Atlantica News. **Acusado de matar professora a pedradas em Itabela é assassinado em Porto Seguro**. 2014. Disponível em: <<http://www.atlanticanews.com.br/noticias/policia/10295/acusado-de-matar-professora-a-pedradas-em-itabela-e-assassinado-em-porto-seguro-21-02-2015/>>. Acesso em: 26 fev. 2019.

BAHIA NO AR (Bahia). **Travesti é assassinada em Camaçari**. 2014. Disponível em: <<https://bahianoar.com/travesti-e-assassinada-em-camacari/>>. Acesso em: 26 fev. 2019.

BITTENCOURT, Danillo. **Tem nome, tem rosto, tem vida e tem sonhos: A.S.S. é tão gente como você**. 2014. Disponível em: <<http://revistagambiarra.com.br/site/tem-nome-tem-rosto-tem-vida-e-tem-sonhos-a-s-s-e-tao-gente-como-voce/>>. Acesso em: 26 fev. 2019.

BLITZ CONQUISTA (Vitória da Conquista). **Professor universitário é encontrado morto dentro de residência**. 2014. Disponível em: <<http://blitzconquista.com.br/professor-universitario-e-encontrado-morto-dentro-de-residencia/>>. Acesso em: 26 fev. 2019.

BLOG DO ANDERSON (Vitória da Conquista) (Org.). **Conquista: Homem é morto no Kadija**. 2014a. Disponível em: <<https://www.blogdoanderson.com/2014/03/09/conquista-homem-e-morto-kadija/>>. Acesso em: 26 fev. 2019.

BLOG DO ANDERSON (Bahia). **Conquista: Polícia investiga morte de André Luiz**. 2014b. Disponível em: <<https://www.blogdoanderson.com/2014/07/28/conquista-policia-investiga-morte-de-andre-luiz/>>. Acesso em: 26 fev. 2019.

BLOG DO ANDERSON (Bahia). **Polícia: Val confessa agressão ao professor André Luiz, morto no último domingo em Conquista**. 2014c. Disponível em: <<https://www.blogdoanderson.com/2014/08/02/158853/>>. Acesso em: 26 fev. 2019.

BN BAHIA NOTÍCIAS (Bahia). **Adolescente que matou empresário é apreendido em Inhambupe**. 2014. Disponível em: <<https://www.bahianoticias.com.br/noticia/157670-adolescente-que-matou-empresario-e-apreendido-em-inhambupe.html>>. Acesso em: 26 fev. 2019.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia História e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. p.141

BRITO, Ronildo. **Professora é encontrada morta em Teixeira de Freitas; polícia desconfia de assassinato**. 2014. Disponível em: <<https://guarananet.com/professora-e-encontrada-morta-em-teixeira-de-freitas-policia-desconfia-de-assassinato/>>. Acesso em: 03 abr. 2015.

BRITO, Ronildo; RAMOS, Tyago. **Advogado se suicida e deixa carta de despedida**. 2014. Disponível em: <<http://www.itapetingaagora.net/2014/01/advogado-se-suicida-e-deixa-carta-de.html>>. Acesso em: 25 fev. 2019.

CARRARA, Sérgio; VIANNA, Adriana R. B.. **“Tá lá o corpo estendido no chão...”**: a violência letal contra travestis no município do Rio de Janeiro. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 233-249, 2006. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73312006000200006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312006000200006&lng=en&nrm=iso)>. access on 27 Feb. 2019.

CHICO SABE TUDO (Sertão AL, PE, BA e SE). Rota do Sertão. **Triplo homicídio é registrado na cidade de Santa Brígida-BA**. 2014. Disponível em: <<http://rotadosertao.com/noticia/57467-triplo-homicidio-e-registrado-na-cidade-de-santa-brigida-ba>>. Acesso em: 26 fev. 2019.

DINIZ, Débora; OLIVEIRA, Rosana Medeiros de (Org.). **Notícias de Homofobia no Brasil**. Brasília: Letraslivres, 2014. p. 218

FACULDADE DE SAÚDE PÚBLICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (Org.). Como citar referências no texto. Disponível em: <[http://143.107.174.39/html/pt/paginas/guia/a\\_cap\\_03.htm#topo](http://143.107.174.39/html/pt/paginas/guia/a_cap_03.htm#topo)>. Acesso em: 07 jun. 2015.

FERNANDES, Felipe Bruno Martins. **A Agenda Anti-Homofobia na Educação Brasileira (2003-2010)**. 2011. 422 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Humanas, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

FERNANDES, Felipe Bruno Martins. **Assassinatos de travestis e "pais de santo" no Brasil**: homofobia, transfobia e intolerância religiosa. *Saúde debate*, Rio de Janeiro. v. 37, n. 98, p. 485-492, Sept. 2013.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**: A Vontade de Saber. 11. ed. Rio de Janeiro: Sindicato dos Editores de Livros, 1993. p. 152 v. 1

FRAHM, Blog Marcos. **Professor da UESB é encontrado morto: Reginaldo era professor na UESB/Conquista**. 2014. Disponível em: <<http://blogmarcosfrahm.com/professor-da-uesb-e-encontrado-morto-em-apartamento/>>. Acesso em: 28 mar. 2019.

GGB (Bahia). **GRUPO GAY DA BAHIA – GGB: O que é o GGB (nossa história)**. Disponível em: <<https://grupogaydabahia.com.br/about/o-que-e-o-ggb-nossa-historia>>. Acesso em: 31 maio 2019.

GIRO DE NOTÍCIAS (Bahia). Repórter Coragem. **Travesti é assassinada a tiros a cinco metros de sua residência**. 2014. Disponível em: <<https://reportercoragem.com.br/policia/travesti-e-assassinada-a-tiros-a-cinco-metros-de-sua-residencia/>>. Acesso em: 26 fev. 2019.

GROSSI, Miriam Pillar. Identidade de Gênero e Sexualidade. **Antropologia em Primeira Mão**, n. 24, Florianópolis, PPGAS/UFSC, 1998.

GRUPO GAY DA BAHIA (GGB) (Bahia). Atras - Associação de Travestis de Salvador (Comp.). **Travestis e Transexuais Assassinadas na Bahia: 2015-2017: Dia da Visibilidade Trans 29-01-2018**. 2018. Disponível em: <<https://homofobiamata.wordpress.com/relatorios/>>. Acesso em: 27 maio 2019.

G1. Rede Bahia (Org.). **Padre morto era extorquido e trocou mensagens com suspeito, diz polícia**: Capelão da igreja do Stiep foi morto e crime chocou comunidade católica. Dois suspeitos foram presos em Igrapiúna; vítima chegou a pedir socorro.. 2014a. Disponível em: <[g1.globo.com/bahia/noticia/2014/10/padre-morto-era-extorquido-e-trocou-mensagens-com-suspeito-diz-policia.html](http://g1.globo.com/bahia/noticia/2014/10/padre-morto-era-extorquido-e-trocou-mensagens-com-suspeito-diz-policia.html)>. Acesso em: 26 fev. 2019.

G1 (Bahia). **Professora de alfabetização morre após ser agredida em rua de Itabela**. 2014b. Disponível em: <<http://g1.globo.com/bahia/noticia/2014/10/professora-de-alfabetizacao-morre-apos-ser-agredida-em-rua-de-itabela.html>>. Acesso em: 26 fev. 2019.

ITABERABA REPORTER (Bahia) **Agamenon é encontrado morto dentro de casa em Itaberaba**. 2014. Disponível em: <<http://portalitaberabareporter.com.br/itaberaba/agamenon-e-encontrado-morto-dentro-de-casa-em-itaberaba/>>. Acesso em: 26 fev. 2019.

JEREMOABO AGORA (Jeremoabo). Top de Linha. **Empresário itapetinguense assassinado em Jeremoabo-BA**. 2014. Disponível em: <<http://www.blogdotarugao.com.br/v1/2014/10/28/empresario-itapetinguense-assassinado-em-jeremoabo-ba/>>. Acesso em: 26 fev. 2019.

JULIO, Rennan A. (Revista Galileu). **As 10 técnicas de tortura mais assustadoras da Idade Média**. 2014. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2014/10/10-tecnicas-de-tortura-mais-assustadoras-da-idade-media.html>>. Acesso em: 25 fev. 2019.

LUBISCO, Nídia Maria Lienert; VIEIRA, Sônia Chagas. **Manual de Estilo Acadêmico:** trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses. 5. ed. Salvador: EDUFBA, 2013. 145 f.

LUCAS SOUZA PUBLICIDADES (Morro do Chapéu). Bahia Informa (Org.). **Polícia prende acusado de matar homossexual a golpe de faca em Morro do Chapéu.** 2014. Disponível em: <<https://www.bahiainforma.com.br/2014/03/policia-prende-acusado-de-matar-homossexual-a-golpes-de-faca-em-morro-do-chapeu/>>. Acesso em: 26 fev. 2014.

MOTT, Luiz. Sodomia na Bahia: o amor que não ousava dizer o nome. **Inquice Revista de Cultura**, Salvador, p. 1-9, nov. 2000. Disponível em: <<http://www.inquice.ufba.br/00mott.html>>. Acesso em: 25 fev. 2018.

MOTT, Luiz. Homo-Afetividade e Direitos Humanos. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 2, n. 14, p.509-521, ago. 2006. Quadrimestral.

MOTT, Luiz. **Assassinato de Homossexuais (LGBT) no Brasil:** Relatório 2014. Salvador: Grupo Gay da Bahia, 2015. p.12. Disponível em: <<https://homofobiamata.files.wordpress.com/2015/01/relatc3b3rio-2014s.pdf>>. Acesso em: 27 fev. 2019.

MUNANGA, Kabengele. Nosso racismo é um crime perfeito. **Revista Fórum**, São Paulo, p.1-7, 09 fev. 2012. Disponível em: <<https://www.revistaforum.com.br/nosso-racismo-e-um-crime-perfeito/>>. Acesso em: 27 fev. 2019.

NOSSA VOZ BAHIA (Bahia). Identidade Mandacaru (Org.). **Valença, Bahia: Jovem Assassinado a tiros no Quilombo.** 2014. Disponível em: <<https://www.nossavozbahia.com/valenca-jovem-assassinado-a-tiros-no-quilombo/>>. Acesso em: 26 fev. 2014.

PEIXOTO DA MOTA, M. A construção da homossexualidade no curso da vida a partir da lembrança de gays velhos. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 6, n. 07, 26 nov. 2012.

PLATERO, Raquel (Lucas). **Homofobia, lesbofobia y transfobia:** Intervención de Raquel (Lucas) Platero. 2013. Jornades d'Investigació - Acció: Ampliant els horitzons de la violència de gènere. Ajuntament de Parets del Vallès. La Centrifugadora.. Disponível em: <[https://youtu.be/30hgi\\_T8mA4](https://youtu.be/30hgi_T8mA4)>. Acesso em: 16 abr. 2019.

PORTAL FOLHA DO ESTADO (Feira de Santana). Jornal Folha do Estado (Org.). **Homem é morto com requinte de crueldade em Santa Mônica.** 2014. Disponível em: <[www.policiaeviola.jornalfolhadoestado.com/noticias/3108/homem-e-morto-com-requinte-de-crueldade-na-santa-monica/](http://www.policiaeviola.jornalfolhadoestado.com/noticias/3108/homem-e-morto-com-requinte-de-crueldade-na-santa-monica/)>. Acesso em: 26 fev. 2019.



PUAR, Jasbir K.. **Homonacionalismo como mosaico**: viagens virais, sexualidades afetivas. Revista Lusófona de Estudos Culturais, Lisboa, v. 3, n. 1, p.297-318, set. 2015.

**QUEM a homotransfobia matou hoje?** 2014. Disponível em: <<https://homofobiamata.wordpress.com/>>. Acesso em: 25 fev. 2019.

REDAÇÃO CORREIO 24 HORAS (Bahia). Ibahia. **Travesti é morta por dívida no bairro da Calçada**. 2014a. Disponível em: <<https://www.ibahia.com/detalhe/noticia/travesti-e-morta-por-divida-no-bairro-da-calcada/>>. Acesso em: 26 fev. 2019.

REDAÇÃO CORREIO 24 HORAS (Bahia). Ibahia. **Estudante de biomedicina foi morto em Feira de Santana por parceiro, diz delegado**. 2014b. Disponível em: <<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/estudante-de-biomedicina-foi-morto-em-feira-de-santana-por-parceiro-diz-delegado/>>. Acesso em: 26 fev. 2019.

REDAÇÃO CORREIO 24 HORAS (Bahia). Ibahia. **Jovem é assassinado durante Parada Gay em Fazenda Grande do Retiro**. 2014c. Disponível em: <<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/jovem-e-assassinado-durante-parada-gay-em-fazenda-grande-do-retiro/>>. Acesso em: 06.out.2017.

ROHM, Ricardo Henry Dias; POMPEU, Samira Loreto Edilberto. **Homofobia, discriminação e produção de subjetividades**: um estudo com pessoas homossexuais em empresas do Rio de Janeiro. Periódicus - Revista de Estudos Interdisciplinares em Gêneros e Sexualidades, Salvador, v. 2, n. 3, p.228-246, out. 2015. Semestral.

SAMUEL CELESTINO (Bahia). BN Bahia Notícias. **Assassino de Reinaldo Pepê chora na delegacia e alega 'arrependimento'**. 2015. Disponível em: <<https://www.bahianoticias.com.br/noticia/169291-assassino-de-reinaldo-pepe-chora-na-delegacia-e-alega-039arrependimento039.html>>. Acesso em: 19 mar. 2015.

SCHULMAN, Sarah. Homofobia familiar: uma experiência em busca de reconhecimento. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 4, n. 05, 27 nov. 2012.

TEIXEIRA, Adla Betsaida Martins; FREITAS, Marcel de Almeida. Homofobia e Misoginia na Escola: enfrentamentos a partir dos direitos humanos. **Teoria & Sociedade**: Revista dos Departamentos de Antropologia e Arqueologia, Ciência Política e Sociologia da FAFICH da UFMG, Belo Horizonte, v. 21, n. 2, p. 202-305, jul.-dez. 2013.

TORRÃO FILHO, Amilcar. **Tribades galantes, fanchonos militantes**: homossexuais que fizeram história. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 2000. p. 297

TOSCANO, Isaac Guidão; MELO, Lucilene Ferreira de. Explicitação dos discursos de crime com suspeita de motivação homofóbica em jornais do estado do Amazonas. 2015. **Revista Cadernos de Gênero e Diversidade**. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/13636/10982>>. Acesso em: 18 out. 2016.

VOZ DA BAHIA (Bahia). **Polícia de São Felipe divulga foto de suspeito de duplo homicídio**. 2014. Disponível em: <[http://www.vozdabahia.com.br/index/blog/id-104955/policia\\_de\\_sao\\_felipe\\_divulga\\_foto\\_de\\_suspeito\\_de\\_duplo\\_homicidio](http://www.vozdabahia.com.br/index/blog/id-104955/policia_de_sao_felipe_divulga_foto_de_suspeito_de_duplo_homicidio)>. Acesso em: 03.out.2017.

WELZER-LANG, Daniel. **A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia**. Estudos Feministas, Santa Catarina, v. 2, n. 9, p.460-482, fev. 2001.

WYLLYS, Jean. **Com pesar fiquei sabendo do assassinato do bailarino baiano Reinaldo Pepê**. 2015. Disponível em: <Facebook>. Acesso em: 18 mar. 2015.

## APÊNDICES

**APÊNDICE I – TABELA DOS ASSASSINATOS OCORRIDOS NA BAHIA EM 2014.**

**TABELA DOS ASSASSINATOS LGBT OCORRIDOS NA BAHIA NO ANO DE 2014**

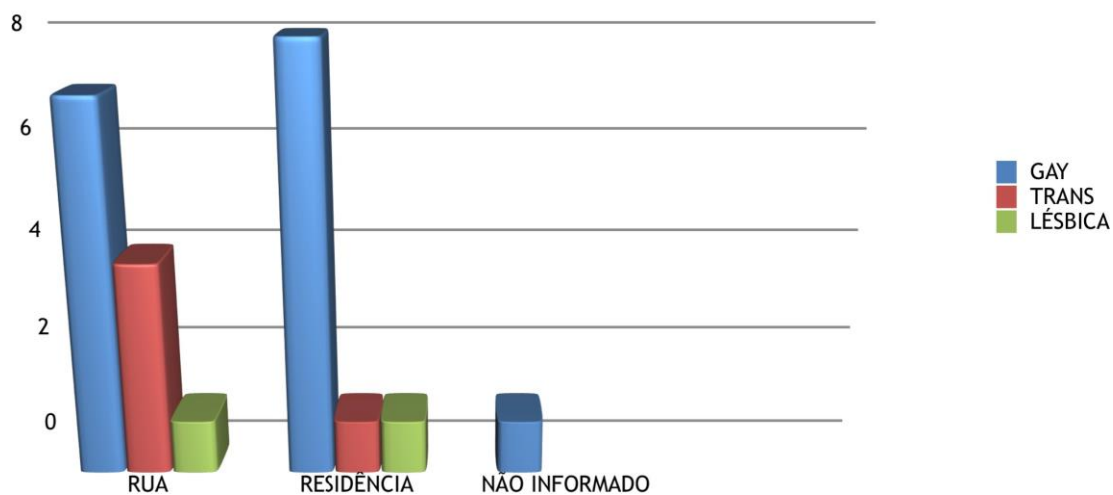
PROJETO: ASSASSINATOS DE PESSOAS LGBT NA BAHIA (2014): DINÂMICAS DE GÊNERO, RAÇA E CLASSE NA VIOLÊNCIA LETAL HOMOFÓBICA  
AUTORA: SONIA MARIA SANTOS SOARES | SUPERVISOR DE CAMPO: LUIZ DE BARROS MOTT | SUPERVISOR ACADEMICO: FELIPE BRUNO MARTINS FERNANDES

| Nº | Data     | Nome da Vitima                           | GLUT/Het    | Estado | Cidade               | Cor    | Idade | Profissão   | Local de residência e com quem mora   | Instrumento   | Local do crime  | Nome do Assassino   | Cor    | Idade                        | Profissão | Delegacia /Endereço   | Delegado/Policial  | Opinião do delegado ou testemunhas  | Fórum             |
|----|----------|--|-------------|--------|----------------------|--------|-------|---|---|---|---|---|--------|------------------------------|-----------|---|--|---|-------------------|
| 1  | 1/11/14  | Ricardo Santos da Silva                  | Gay         | Bahia  | Teixeira de Freitas  | Pardo  | 27    | Advogado  | Rua José Tomás da Silva, no Bairro Residencial Pioneiro. Morava sozinho                               | Suicídio  | Residência  |   |        |                              |           | Delegacia de polícia de Itabela, Avenida Pedro Álvares Cabral 1026, Centro. Tel (73) 32702125 | Delegado, Manoel Andreato. Inquérito Policial Instaurado |   |                   |
| 2  | 1/29/14  | Marcos de Almeida Oliveira "Sarita"      | Travesti    | Bahia  | Itabela              | Branca | 35    | Funcionária Pública da Prefeitura de Itabela      | Rua José do Panorama, Bairro, Ubirajara Brito, Itabela. Morava com um senhor, que presenciou o crime. | Tiros   | Próximo a sua residência  | Ualixton Jesus Soares "Tundera"   |        | 21                           |           |   | Delegado titular, José Hermanno Costa Carvalho           | Segundo informações da Polícia Civil, testemunhas disseram que os tiros foram disparados por dois indivíduos que fugiram a pé   |                   |
| 3  | 2/16/14  | Paulo Roberto Coelho                     | Gay         | Bahia  | São Felipe           | Pardo  | 32    | Promotor de Eventos                               |   | Tiros   | Rua, próximo a uma agência de ônibus  | Emanuel Oliveira Astolfo  |        | 26                           | Zelador   |   | Delegado Alan Ricardo                                    | Segundo a Polícia civil a motivação do crime seria um acerto financeiro   | Juiz: Paulo Elias |
| 4  | 2/16/14  | Adson Orleans                            | Gay         | Bahia  | São Felipe           | Negro  |       | Produtor Muscal                                   |   | Tiros   | Rua, próximo a uma agência de ônibus  | Emanuel Oliveira Astolfo  |        |                              |           |   | Delegado Alan Ricardo                                    | Segundo o delegado o assassino confessou o crime  | Juiz: Paulo Elias |
| 5  | 2/28/14  | A.S.S                                    | Transsexual | Bahia  | Vitória da Conquista | Negra  | 16    |   |   | Tiros   | Rua Frei Sarapião, Bairro Brasil, próximo à Av. Integração  |   |        |                              |           |   |  | Segundo a polícia a vítima foi assassinada com um tiro na cabeça  |                   |
| 6  | 3/9/14   | Lismar Santos da Silva                   | Gay         | Bahia  | Vitória da Conquista | Pardo  | 34    | Trabalhava no Condomínio Mirante da Conquista     |   | Tiros   | Rua Aurelino Leal, Bairro Kadja   |   |        |                              |           |   |  | O crime aconteceu após discussão da vítima com o assassino  |                   |
| 7  | 3/18/14  | Agamenon                                 | Transsexual | Bahia  | Itaberaba            | Branca | 34    |   | Rua Manoel Dias Andrade   | Faca  | Residência  |   |        |                              |           |   |  | O corpo foi encontrado com uma faca cravada no pescoço, em estado avançado de decomposição, gigantismo  |                   |
| 8  | 3/22/14  | Paulo Sérgio do Nascimento               | Gay         | Bahia  | Morro do Chapéu      | Pardo  | 45    |   | Rua Terezinha, Bairro Caixa D'água  | Faca  | Residência  | Jonh Lennon   | Pardo  |                              |           |   |  | Suspeito confessou o crime e está preso. A motivação segundo ele foi ciúme  |                   |
| 9  | 4/13/14  | Nilton Cezar Correia dos Santos          | Gay         | Bahia  | Feira de Santana     |        | 46    |   | Bairro Santa Mônica II  | Faca  | Residência  |   |        |                              |           |   | Delegada, Clécia Vasconcelos                             | A delegada avaliou o crime como um homicídio com requintes de crueldade e afirmou que será fácil identificar a autoria  |                   |
| 10 | 5/15/14  | Sued José Nascimento Lima                | Travesti    | Bahia  | Salvador             |        | 39    |   |   | Faca  | Rua Nilo peçanha, Calçada   | Patrícia Bracinho, também travesti                                      |        |                              |           |   |  | Segundo informações da Superintendência de Telecomunicações das Polícia Civil e Militar (Stelcom), a vítima devia dinheiro para Patrícia a qual está foragida   |                   |
| 11 | 7/20/14  | Luiz Antônio de Souza Santos             | Gay         | Bahia  | Inhambupe            |        | 46    | Empresário  | Região Central, Morava sozinho  | Revólver calibre 32   | Residência  | Adolescente   |        | 17                           | Mecânico  | Delegacia Territorial de Inhambupe  | Delegado, José Augusto Saldanha                          | Conforme nota da Ascom, o adolescente foi encaminhado ao Ministério Público para adoção de medidas socioeducativas.   |                   |
| 12 | 7/22/14  | André Luiz Oliveira Silva                | Gay         | Bahia  | Vitória da Conquista |        | 51    | Contador  | Rua A, Residencial Vanda Lisboa, Bairro Candeias.   | Asfixia   | Residência  |   |        |                              |           |   |  |   |                   |
| 13 | 8/1/14   | Aécio da Cruz silva                      | Gay         | Bahia  | Feira de Santana     |        | 29    | Técnico de Laboratório e estudante de Biomedicina | Rua Visconde do Rio Branco, Bairro Baraúna. Morava sozinho  | Asfixia   | Residência  |   |        |                              |           |   |  | O irmão o encontrou morto amarrado e com as mãos e ossos amarrados. Segundo o delegado, "A razão do crime ainda não sabemos, mas com certeza foi por alguém que tinha relações íntimas com ele".  |                   |
| 14 | 8/25/14  | Reginaldo Pereira Costa                  | Gay         | Bahia  | Vitória da Conquista | Branco |       | Professor   | Rua Presidete Medici, Centro de Vitória da Conquista  | Suicídio  |   |   |        |                              |           |   |  |   |                   |
| 15 | 9/28/14  | Maurício Souza da Silva                  | Gay         | Bahia  | Salvador             | Negro  | 18    |   |   | Tiros   | 1ª Travessa São Roque, Fazenda Grande do Retiro   |   |        |                              |           |   |  | Segundo informações da Central de Polícia, o crime aconteceu por volta das 20:00hs. A vítima participava da 6ª Parada Gay que acontecia no bairro, quando foi baleado na cabeça, torax e perna  |                   |
| 16 | 10/5/14  | Francisco Carlos de Souza                | Gay         | Bahia  | Salvador             | Negro  | 50    | Padre   | Capelão do Santuário Maria Rainha, no Step  | Golpes de Chuço, arma artesanal confeccionada com pedaços de metal. | Alameda Praia do Flamengo, Stella Maris   | Robson de Souza Oliveira "Tito" e André Ferreira do Amaral "Andrezinho" | Negros | 26 e 28 anos respectivamente |           | 1ª Delegacia de Homicídio e Proteção à Pessoa (DHPP)  | Marcelo Sansão   | Os suspeitos foram presos no dia 09/10, pela 33ª Companhia Independente da Polícia Militar, em uma pousada em Igrapiúna, a 320 km de Salvador. Segundo o Delegado Marcelo Sansão, o Padre dava uma mesada para Robson havia três meses. O delegado não informou o valor, nem quando nem porque o padre deixou de dar a mesada. "Os autores tentaram forçar novos valores e valores mais altos, e houve uma negativa". Explica o delegado sobre a extorsão |                   |
| 17 | 10/12/14 | Eurico dos prazeres de Jesus "Sara"      | Travesti    | Bahia  | Camaçari             | Parda  | 27    |   | Dias D'ávila  | Tiros   | Centro de Camaçari, Rua Parque Central, travessa entre a Radial C e B, (localidade próxima a Vaca Mecânica) famosa por ser ponto de encontro entre travestis e clientes |   |        |                              |           |   |  | Segundo a Polícia Militar, que estava no local, dois elementos que estavam em uma bicicleta fizeram os disparos contra o mesmo que não resistiu indo a óbito no local. As informações são de que esta é a terceira travesti morta nesta rua onde eles fazem programa. Colegas da vítima acreditam que o crime foi homofobia. "Mataram pelo simples prazer de matar, por pura maldade"   |                   |
| 18 | 10/16/14 | Arlinda Santos Ferreira "Linda"          | Lésbica     | Bahia  | Itabela              | Parda  | 37    | Professora  |   | Apedrejamento   | Via Pública, Rua da Torre, Bairro de Ubirajara Brito  |   |        |                              |           | Delegacia de Itabela  | José Harmano Costa                                       | "Para a polícia, o crime pode ter sido passionnal ou por discriminação se tratando que a vítima tinha opção sexual por mulheres". Foi encontrada uma pedra com vestígios de sangue, instrumento possivelmente usado no crime.   |                   |
| 19 | 10/18/14 | Valnei                                   | Gay         | Bahia  | Teixeira de Freitas  | Pardo  |       |   | Rua União dos Cristões, Bairro Nova Jerusalém. Morava com uma família                                 | Tiros   | Em casa   |   |        |                              |           | 8ª Coorpin  | Kleber Gonçalves   | Segundo os peritos a vítima estava de bruços, sem roupa, apenas com uma toalha e levou, 4 na cabeça, 1 no ombro, 4 no antebraço, 4 nas costas e um no tórax. Segundo o delegado a casa não tem cerca, não há sinais de arrombamento e, possivelmente, o atirador era conhecido da vítima  |                   |
| 20 | 10/19/14 | Cleude Alves Perreira                    | Lésbica     | Bahia  | Teixeira de Freitas  | Negra  | 48    | Profesora   | Rua Dois Irmãos, bairro São Lourenço. Morava sozinho  | Estrangulada  | Em casa   |   |        |                              |           | 8ª Coorpin  | Kleber Gonçalves   | O corpo foi encontrado na cozinha, apenas de calcinha, por uma amiga. A carteira e o aparelho de telefone celular, não foram encontrados, o que leva a polícia a acreditar em latrocínio (roubo seguido de morte)   |                   |
| 21 | 10/28/14 | Higor Rocha Silva                        | Gay         | Bahia  | Jeremoabo            |        | 28    | Empresário  | Povoado Riacho do Cachorro, próximo a Jeremoabo   | Tiros   |   |   |        |                              |           |   | Delegado, João Lyra do Nascimento                        | De acordo com a PM, os policiais souberam do homicídio através de uma denúncia que partiu através de moradores da região que desconfiaram do veículo abandonado e acionaram a polícia. Após notícia divulgada, milhares de amigos e familiares consternados e abalados deixaram nota de pesar pelo ocorrido lamentando a morte trágica do jovem em nas redes sociais.   |                   |
| 22 | 11/12/14 | José Filho do Nascimento                 | Gay         | Bahia  | Santa Brígida        | Pardo  | 24    |   | Centro da Cidade de Santa Brígida   | Tiros   | Rua   |   |        |                              |           |   |  | Segundo informações, dois elementos, ainda não identificados, que estavam em uma moto cor preta, abordaram os rapazes que conversavam em frente a igreja de São Pedro e efetuaram vários disparos com arma de fogo  |                   |
| 23 | 11/12/14 | Alessandro Santos Souza Junior "juninho" | Gay         | Bahia  | Santa Brígida        | Pardo  |       |   | Rua Elias do Nascimento   | Tiros   | Rua   |   |        |                              |           |   |  | Dois hipóteses foram levantadas. Os homicídios podem tratar-se de crime de homofobia, já que duas das vítimas eram homossexuais ou os elementos queriam apenas matar Alessandro que é muito conhecido no BTN, Bairro Tancredo Neves, em Paulo Afonso e com muitas passagens pela polícia.   |                   |
| 24 | 11/12/14 | José Antonio Pereira Silva               | N/I         | Bahia  | Santa Brígida        |        | 34    | Professor   | Rua Airton Sena   | Tiros   | Rua   |   |        |                              |           |   |  | Chegou a ser socorrido e encaminhado para o Hospital Nair Alves de Souza em Paulo Afonso, mas acabou falecendo  |                   |
| 25 | 11/16/14 | Elivan dos Santos "Ramona"               | Gay         | Bahia  | Valença              |        | 31    |   | Residente no Jacaré, morava com um companheiro  | Tiros   | Em uma residência no Quilombo do Novo Horizonte, Valença-Ba   |   |        |                              |           |   |  | "Romana" que convivia com Ricardo, foi atingido por diversos tiros, morrendo no local. Ricardo que antes da execução de "Romana" foi amarrado pelo bando foi atingido por nove tiros foi socorrido. Não foi informado a autoria nem o motivo, só se sabe que quatro elementos invadiram a residência. As guarnições das policias Militar e Civil estiveram no local, mas até o momento ninguém foi preso.   |                   |

## APÊNDICE II - SISTEMATIZAÇÃO DOS DADOS

Gráfico 1 – Local do Crime.

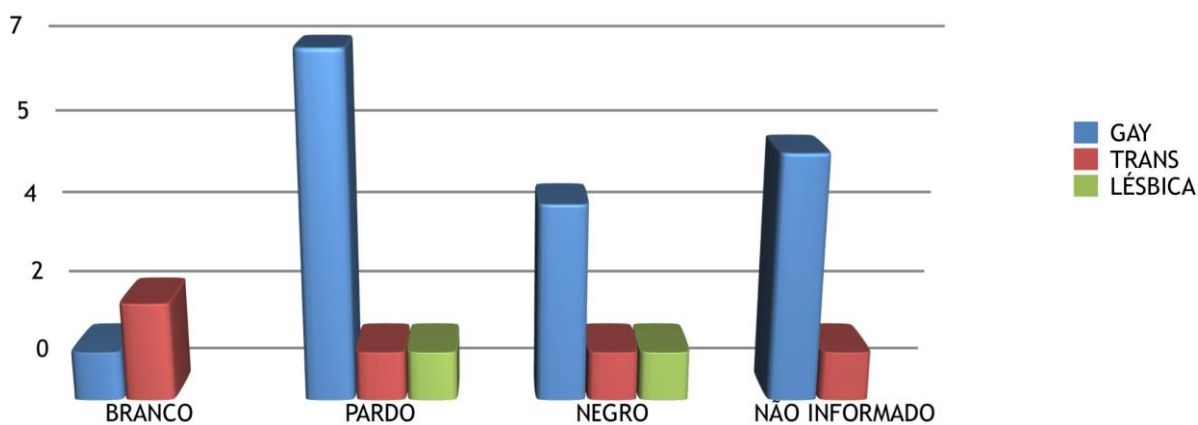
### LOCAL DO CRIME



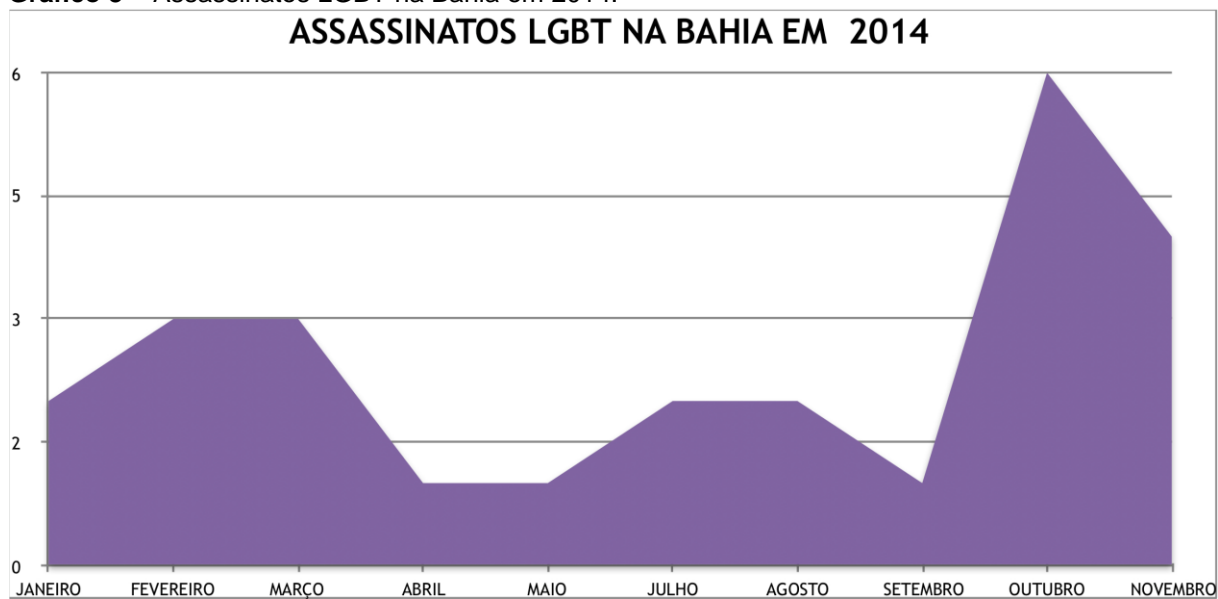
Fonte: Elaboração Própria.

Gráfico 2 – Vítima por Cor.

### VÍTIMA POR COR



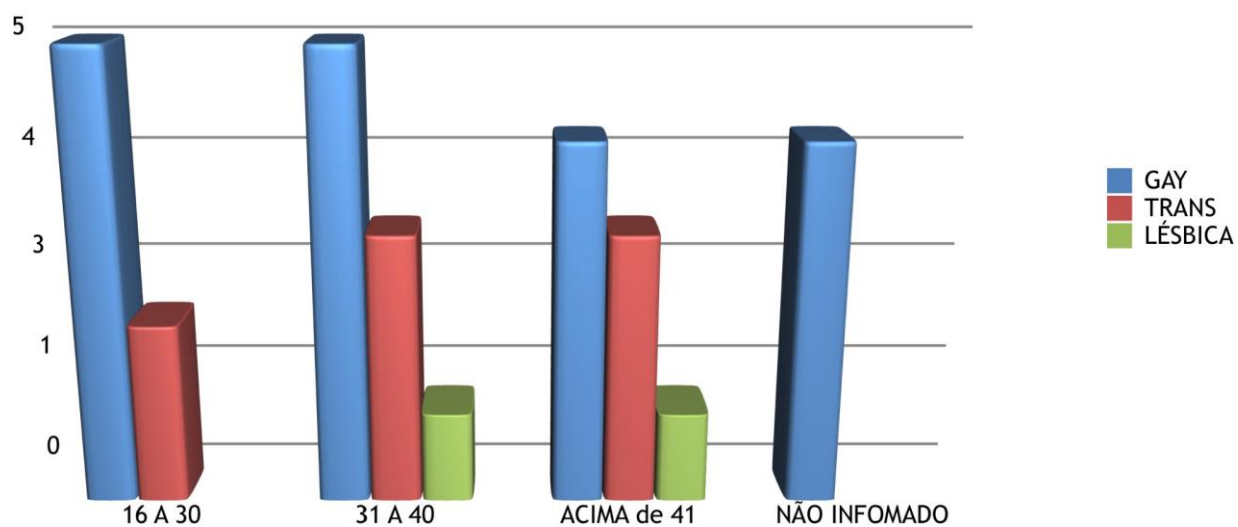
Fonte: Elaboração Própria.

**Gráfico 3 – Assassinatos LGBT na Bahia em 2014.**

Fonte: Elaboração Própria.

**Gráfico 4 – Morte X Idade.**

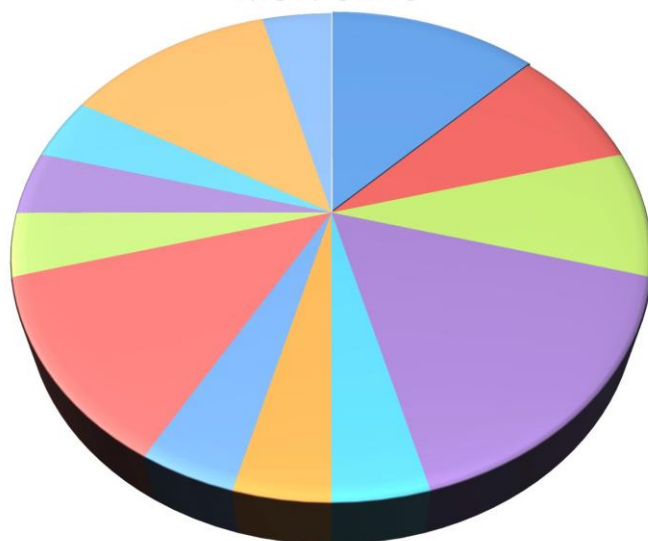
### MORTOS X IDADE



Fonte: Elaboração Própria.

Gráfico 5 – Número de Mortes por Município.

### NÚMERO DE MORTES POR MUNICÍPIO



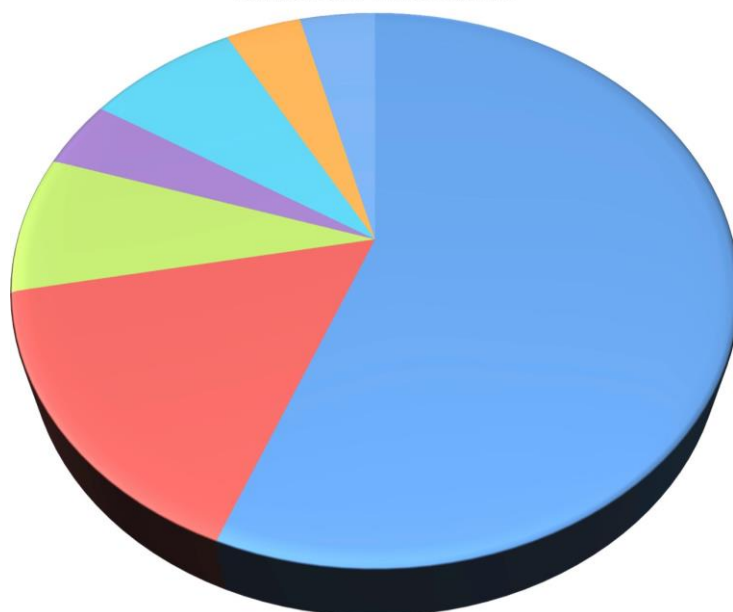
- TEIXEIRA DE FREITAS (3)
- ITABELA (2)
- SÃO FELIPE (2)
- VITÓRIA DA CONQUISTA (4)
- ITABERABA (1)
- MORRO DO CHAPEU (1)
- FEIRA DE SANTANA (2)
- SALVADOR (3)
- INHAMBUPE (1)
- CAMAÇARI (1)
- JEREMOABO (1)
- SANTA BRÍGIDA (3)
- VALENÇA (1)

TOTAL = 25

Fonte: Elaboração Própria.

Gráfico 6 – Causa Mortis.

### CAUSA MORTIS



- TIROS (14)
- FACADAS (4)
- ASFIXIA (2)
- ESTRANGULAMENTO (1)
- SUICÍDIO (2)
- APEDREJAMENTO (1)
- GOLPES DE CHUÇO (1)

Fonte: Elaboração Própria.



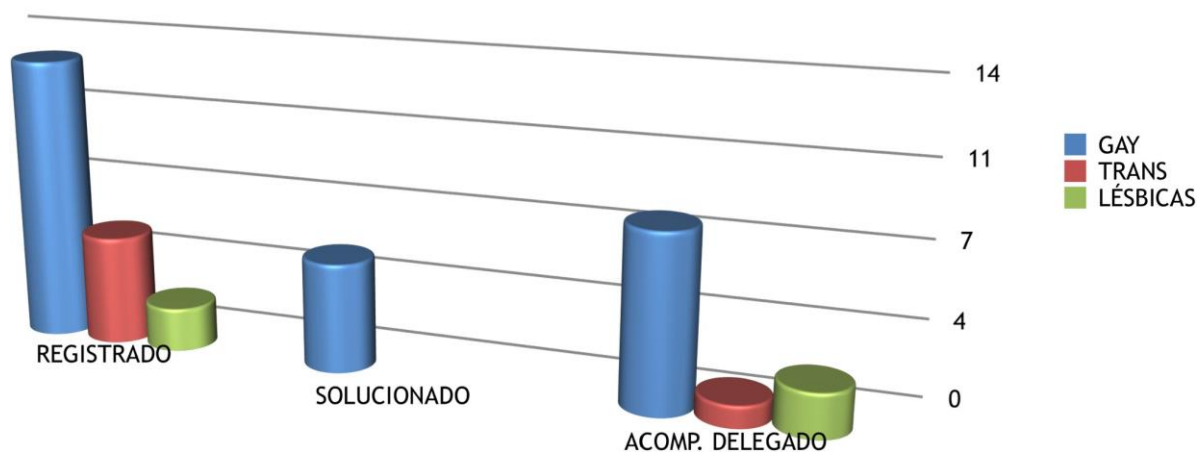
Gráfico 7 – Profissões das Vítimas.



Fonte: Elaboração Própria.

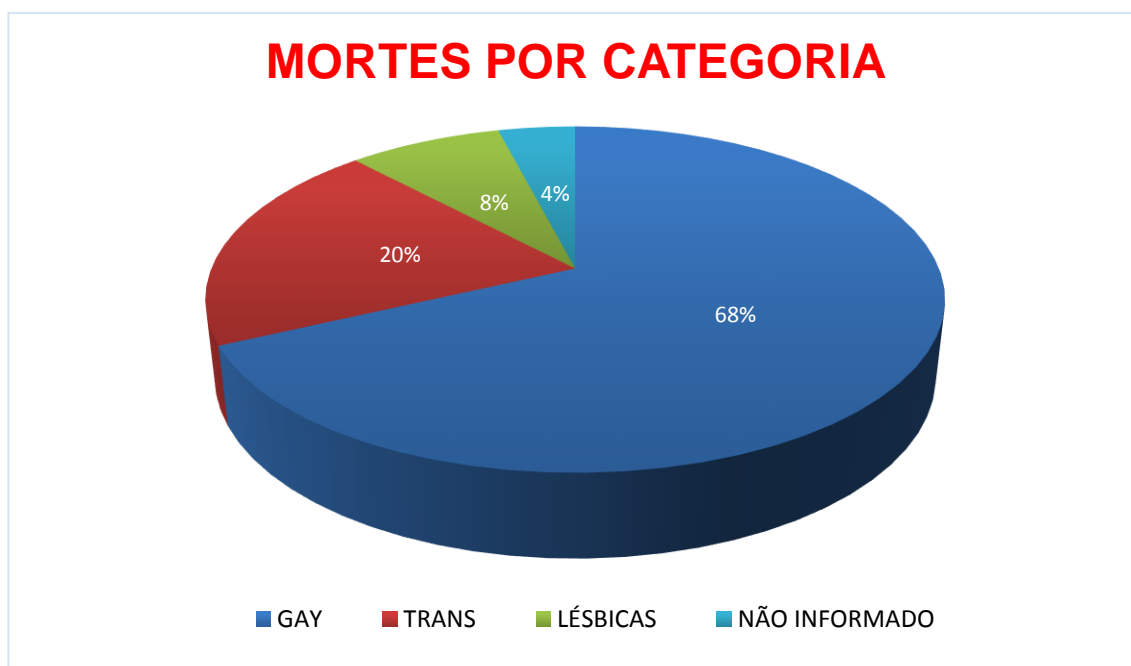
Gráfico 8 – Acompanhamento dos Casos.

## ACOMPANHAMENTO DOS CASOS



Fonte: Elaboração Própria.

**Gráfico 9** – Mortes por Categoria.



**Fonte:** Elaboração Própria.

## APÊNDICE III – DIÁRIOS DE CAMPO

Diários de campo escritos durante o período do Estágio Supervisionado I em Gênero e Diversidade, sob a supervisão acadêmica de Felipe Bruno Martins Fernandes:

### DIÁRIO DE CAMPO I 08/09/2014

Antes de iniciar meu diário preciso falar sobre algumas coisas que antecederam a minha chegada ao Pelourinho. Quando recebi o e-mail e a ligação do professor Felipe, no domingo, fiquei feliz por saber que tinha conseguido/confirmado o local do estágio, mas, depois que desliguei o telefone, fui tomada por uma onda de incertezas. A primeira foi como chegar ao Grupo Gay da Bahia (GGB), pois apesar de nascida e criada em Salvador, sou pouco frequentadora do pelourinho, e não sabia, até aquele momento, onde ficava a sede do GGB. Em seguida, como seria recebida, uma vez que, não sabia quem ia me receber, já que a pessoa que irá me acompanhar no estágio não estaria lá nesse dia. Então enviei um e-mail para o professor Felipe solicitando o nome do meu supervisor de estágio para contatá-lo, como não obtive resposta no domingo, imaginei que não começaria o estágio na segunda. Isso me deixou um pouco tranquila o resto do dia.

Na segunda, logo pela manhã, voltei a ficar preocupada, pois pensei na minha limitação de tempo, por conta do trabalho, uma vez que, preciso ficar fora de Salvador por uma semana. Então comecei a pensar que seria melhor começar logo! Minha ansiedade diminuiu quando recebi uma ligação do professor, sugerindo que mesmo sem saber quem iria me receber, seria melhor que eu fosse à sede para dar início ao estágio e consequentemente produzir meu primeiro diário de campo. Agora começarei o diário, propriamente dito.

Na segunda, pela manhã, após o telefonema do professor, corri para o *Google* e procurei descobrir o endereço da sede do GGB, sem muito sucesso, pois, como não conheço o Pelourinho, não sei o nome das ruas, então algumas informações não foram muito úteis. Enviei e-mail para uma colega pedindo ajuda. Pesquisei como seria o trajeto de carro e de ônibus, enfim, fiz todas as buscas possíveis, mas continuei insegura. Saí por volta das 12h40min, cheguei ao PAF às 13h30min. Peguei o Busufba e desci na Avenida Adhemar de Barros, caminhei até Avenida Oceânica, e fiquei aguardando no ponto, o ônibus que me levaria ao Pelourinho, de cujo nome da empresa que fazia o roteiro, já não lembrava mais. Depois de esperar por quase meia hora, peguei um ônibus, perguntei ao cobrador se ia até a Praça da Sé, ele me informou que teria que descer na Lapa e ir andando, como já estava tarde pensei que seria melhor pegar um que me levasse direto para a Praça da Sé/Pelourinho. Durante a conversa com o cobrador, não tinha registrado a passagem, então pedi que abrisse a porta traseira para que eu pudesse descer e pegar outro ônibus, já que ainda não tinha chegado o ponto seguinte. Ele pediu ao motorista para abrir a porta e eu desci. Fiquei aguardando por mais ou menos 10 minutos, que pareceram uma hora, pois esse ponto estava deserto, até que veio um ônibus *Praça da Sé*. Já dentro do ônibus, voltei a me tranquilizar, pois sabia que naquele momento, finalmente estava na direção certa.

Cheguei ao Pelourinho bem depois das 14h00min, horário que deveria estar na sede do GGB. Como não sabia como chegar, comecei a perguntar, entrei em uma loja onde as donas, que pareciam irmãs gêmeas, foram bastante amáveis e me explicaram com detalhes como chegar ao meu destino, mas a minha falta de conhecimento do local dificultava meu entendimento. Segui pelo caminho que elas me orientaram, mas continuei com dúvidas e o medo de me perder fez com que me dirigisse a um policial, que também me explicou com muita paciência como chegar. Caminhei mais um pouco e mais uma vez tive dúvidas, então parei próximo a um carrinho de cachorro quente e perguntei ao vendedor, que despachava uma senhora. Ele pediu para que eu o aguardasse finalizar o atendimento e em seguida me ensinaria de uma forma que eu chegaria sem problemas. Após sua explicação caminhei em direção ao meu destino, porém mais uma vez a insegurança me fez perguntar a duas moças que estavam na calçada vendendo quadros, as mesmas me ensinaram apontando para a rua, foi quando observei que estava bem próxima, ao mesmo tempo lembrei das referências dadas pelas outras pessoas, anteriormente. Finalmente cheguei!

Cheguei à sede do GGB às 15h15min. Na porta da sede fui recebida por um rapaz com idade entre 25 e 35 anos, altura média, magro, pele clara, cabelos pretos e longos, cacheados até os ombros, de bermuda, camiseta básica com mangas e sandálias. Estava na porta, encostado num carro e conversava com uma senhora, com idade entre 30 e 50 anos, altura baixa, pele negra, cabelos pretos e curtos, vestia uma saia curta, usava blusa sem mangas e sandálias. A minha chegada causou estranheza, pois ambos me olharam com cara de surpresa e se entreolharam, enquanto me apresentava. Identifiquei-me e informei que estava ali através do contato do professor Felipe com a instituição, que sou aluna da UFBA e estava à procura do Psicólogo. Logo o rapaz quis saber com quem o professor tinha falado e se foi autorizada a minha ida. Falei que o contato foi feito com Luiz Mott e fui autorizada a ir à instituição. Fui informada que o Psicólogo não iria naquele dia. Então informei que precisaria do nome dele, pois precisava produzir meu diário e necessitaria de algumas informações. Foi quando ele me disse seu nome, Cristiano, e mandou que eu entrasse para fazer meus registros. Continuou conversando com a Senhora e disse que quando terminasse entraria para conversar comigo.

Entreí, me sentei em um pequeno sofá, bem próximo à porta e comecei a fazer algumas anotações. Enquanto escrevia, não conseguia deixar de ouvir o que conversavam, nem deixar de dar rápidas olhadas pelo ambiente, o qual me surpreendeu, pois durante algumas buscas na internet, sobre a instituição, visualizava ambiente diferente do qual me deparava naquele momento. Já na frente do prédio fui invadida por um sentimento de decepção, pois apesar de sabermos que alguns prédios do Pelourinho são antigos, não justifica a sede do GGB, com o grau de importância que tem para seus membros se apresentar tão pouco acolhedora. Talvez esteja fazendo um pré-julgamento, mas foi o sentimento que tive. Achei o ambiente frio, impessoal, com aspecto de abandono, pouco cuidado, me deu certa tristeza. A sala que tive acesso tinha o pequeno sofá, citado acima, uma mesa com alguns objetos, uma cadeira atrás da mesa, próximo à janela uma estante com alguns livros, acho que mais à frente tinha outro móvel, que não lembro qual era. Não percebi detalhes, porque não me senti à vontade para olhar em volta, achei que não tinha autorização para tal.

Após alguns minutos, Cristiano entrou, debruçou na mesa, ligou o celular, acho que em uma emissora de rádio ou gravação, e ficou tentando ouvir/ entender uma piada. Olhou-me, e disse “não estou entendendo nada” e riu, eu imediatamente parei de escrever, por um momento, e também coloquei meu ouvido em direção ao celular para escutar a piada. Como o som estava muito ruim desisti e voltei a escrever. Em seguida fui surpreendida pela risada de Cristiano que parecia finalmente ter entendido a piada, tanto que me contou, e eu também ri. Com o celular ainda nas mãos, Cristiano sentou-se ao meu lado, com uma perna dobrada sobre o sofá. Enquanto conversava comigo, continuava manuseando o celular, me olhando de vez em quando. Durante este tempo falou sobre a rotina do Psicólogo. Que o mesmo só trabalhava as segundas pela tarde, e atendia a todos e todas neste dia. Ao mesmo tempo em que me questionou como seria e o que eu faria no meu estágio, uma vez que o horário do Profissional era limitado. Perguntou se eu era aluna de psicologia, respondi que não e sim aluna do curso de Gênero e Diversidade, o que não despertou nenhum tipo de curiosidade em Cristiano, para minha surpresa. Então falei para ele sobre a organização do V Encontro dos Travestis e Transexuais da Bahia, ele também não demonstrou muita animação. Ele sugeriu que antes da minha próxima visita, seja feito contato com Mott e/ou o Psicólogo para definirmos como será o estágio. Nossa conversa continuou, informei que não compareceria na segunda seguinte, por conta do trabalho, mas que retornaria.

Ao deixar a sede do GGB, confesso que fiquei pouco estimulada, pois não me visualizei fazendo algo produtivo, na medida em que, apesar de bastante atencioso, Cristiano não recebeu nenhuma informação sobre a ida de

estudantes da UFBA para a instituição, indicando que não sabiam do que se tratava. Tenho receio de começar e no meio do caminho perceber que não está sendo produtivo.

## **DIÁRIO DE CAMPO II** **15/09/2014**

Saí cedo de casa, pois teria que passar em outros lugares antes de ir ao Pelourinho. Cheguei à Praça da Sé às 13:45hs, às 13:55hs estava na sede do GGB. Entrei na sala, que estava vazia, dei boa tarde, em seguida ouvi vozes, vindo do andar de cima, olhei para o alto e vi que alguém respondeu ao meu cumprimento. Era uma moça negra, de altura média, usava blusa de manga básica, não sei dizer se usava calça, saia ou short, pois não deu para vê-la da cintura para baixo, e um rapaz, também negro que permaneceu de costas enquanto eu conversava com a moça. Ele usava camisa de tecido, verde água, calça jeans e sapato fechado, pude descrevê-lo melhor, porque enquanto conversava com Cristiano ele passou por nós e trocou algumas palavras. Prossegui com minha identificação informando que era aluna do Curso de Bacharelado em estudos de Gênero e Diversidade da UFBA e que o professor Felipe havia enviado um e-mail para o Sr. Mott, comunicando minha ida à sede para estagiar com o Psicólogo Carlos. Ela fez cara de surpresa e disse que não estava sabendo, mas chamaria alguém para me atender. Quando ela “gritou” o nome de Cristiano, informei que já havia ido à instituição e que o mesmo me conhecia. Cristiano veio do andar de baixo. Nesse momento percebi que no local tem três pavimentos, detalhe que não havia percebido na visita anterior, a moça voltou a sentar e continuou seu trabalho.

Cristiano me cumprimentou e começamos a conversar. Cristiano disse que Carlos não estava, pois se comunicou através do WhatsApp, informando que passou mal e estava na emergência, logo não poderia ir naquele dia. Informei do e-mail enviado pelo professor Felipe, ao Sr. Mott, solicitando o contato de Carlos, mas mesmo não obtendo resposta resolvi ir à sede. Cristiano disse que não teve acesso ao e-mail e se mostrou preocupado, tentando localizar o número do psicólogo, mas lembrou que o celular estava descarregado e o carregador não estava com ele. Disse “daqui a pouco vou comprar um carregador para carregar o celular”.

Aproveitei minha ida à sede, desta vez me sentindo mais à vontade, pedi a Cristiano para me mostrar o local. Ele demonstrou boa vontade e me conduziu à visitação. Falou que a sala onde estávamos era a principal. Desta vez pude observar melhor o que anteriormente não havia percebido, tanto que no local onde tinha visto a mesa, na realidade é um balcão de vidro, onde estão expostos alguns livros. Próximo as janelas, não são estantes e sim prateleiras de madeira, uma em cada janela, fixadas na parte inferior.

Próximo à entrada para outra sala, existe um armário de vidro fixado na parte superior da parede, lado esquerdo. Ainda próximo à entrada, lado direito, existe uma pequena estante de madeira, posicionada na parte inferior.

Na sala seguinte estão dispostos alguns móveis, não percebi detalhes, pois passamos rápido. Já na última sala, demoramos um pouco mais, pois é onde está reservado um espaço para o atendimento com Carlos, o psicólogo. Segundo Cristiano, o local é improvisado, já que não dispõem de uma sala específica para esse fim. O espaço é separado do resto do ambiente por um biombo. O pequeno espaço é composto por uma pequena mesa, e duas cadeiras posicionadas em lados opostos da mesa, indicando que as/os assistidas/assistidos ficam de frente para o psicólogo.

Perguntei quanto tempo, em média, leva um atendimento, ele respondeu que depende da demanda. Não existe um número fixo de pessoas agendadas, o objetivo é atender todos que estiverem no dia e horário, às segundas feiras, das 14:00hs às 17:00hs/17:30hs, e o tempo com cada assistido dura cerca de 30 minutos. Fez questão de destacar que o trabalho do psicólogo não é tratar da “cabeça”. Para travestis, é específico para aquelas que pretendem fazer a

cirurgia para mudança de sexo, ou seja, entendi que outros problemas, como violência, transfobia, dentre outros, não cabem naquele momento. Destacou que apesar do público alvo serem travestis, às vezes alguns homens sozinhos, ou acompanhados com suas companheiras travestis, também procuram o psicólogo. Não entrou em detalhes quanto a esse tipo de atendimento, mas afirmou que todos que procuram a instituição são recebidos da mesma maneira, pois “aqui ninguém é discriminado”! Nossa visita ficou limitada apenas àquele andar. Falou rapidamente sobre o andar superior, que funciona a parte administrativa e no andar de baixo, a ATRAS, preciso confirmar essa informação!

Enquanto caminhávamos em direção a sala principal, quis saber como se revezam no trabalho, se existe uma escala. Ele informou que todos são voluntários, e vão quando estão disponíveis, caso não possam ir, simplesmente não aparecem e não precisam informar. Perguntei o que ele faz na sede. Respondeu “sou o faz tudo”, atendo telefone, limpo, faço serviço de rua, dentre outras atividades. Desabafou dizendo que o único profissional que atende na sede atualmente é o Carlos, mas que necessitam de advogado e assistente social. Disse que no ano passado havia advogado e assistente social, designados através de um projeto, mas quando a verba acabou esses profissionais optaram por sair. Ele disse que, é muito difícil conseguir um voluntário da área de direito, pois, no geral, os advogados querem remuneração. Perguntei por que não foram feitos outros projetos, e ele foi enfático em afirmar que a burocracia é muito grande, no que tange a apresentação e comprovação de documentos, pois nunca conseguem juntar todos os documentos solicitados e apresentar no prazo estabelecido. Confessou que já tentou, mas no meio do caminho desistiu. Comentou também sobre a dificuldade em conseguir atendimento médico para os portadores de HIV/AIDS. Falei que um profissional da área de Gênero e Diversidade pode ser muito útil na Instituição, então Cristiano disse que é algo que tem que se discutir! Não disse com quem.

Informou que naquele momento, no andar de baixo, havia uma estagiária de serviço social, para estagiar com Carlos. Cristiano usou a frase “ela está lá embaixo com a gente”, indicando uma aproximação, apesar de perceber/entender que aquela era a primeira visita da mesma. Não sei quem eram as outras pessoas. Perguntei sobre a organização do Encontro, e ele disse que não sabia como seria, já que o último foi organizado por Millena Passos, atual presidente da Associação de Travestis (ATRAS), mas que talvez, Carlos soubesse de mais informações. Perguntei sobre a próxima segunda e ele disse que estaria lá “bem cansado”, pois no domingo dia 21/09/2014, acontece a 13ª Parada Gay da Bahia e a 13ª Parada do Orgulho LGBT de Camaçari.

Não pretendo fazer pré-julgamento, mas percebo que a instituição não tem intenção em me alocar como estagiária, começando pela falta de retorno do presidente do GGB, Sr. Luís Mott, ao mesmo tempo em que, a cada visita, fica evidente o desencontro de informações. Quero deixar claro que não tenho o que reclamar do atendimento de Cristiano, o qual só tenho a agradecer, por me dar subsídios/informações para a escrita do meu diário, além de me fazer ter uma visão geral em tão pouco tempo da instituição, que eu não conhecia. Mas, a instituição na figura do presidente, permite alguns questionamentos. Por que não responde aos e-mails, nem informa sobre a minha ida à sede? Por outro lado, toda experiência é válida, na medida em que nos permitimos vivenciar, perceber e refletir sobre a condição do outro, além de me proporcionar uma nova relação com aquele espaço, o Pelourinho, local que sempre me trouxe tristeza, não sei explicar porque, mas que depois das visitas ao GGB, me sinto diferente caminhando por lá.

**DIÁRIO DE CAMPO III**  
**24/09/2014**

Esse diário será mais de registros dos e-mails e contatos telefônicos do que da própria atividade em si, pois a semana foi meio tumultuada para mim. Como não poderia comparecer ao GGB na segunda feira dia 22/09/2014, enviei um e-mail ao professor Felipe com essa informação no domingo dia 21/09/2014. Nesse mesmo dia, o professor Felipe me encaminhou um e-mail, que havia enviado para Luiz, informando das minhas idas e vindas, sobre a carga horária do estágio, solicitando os contatos de Carlos e informando que na segunda eu não iria. Na segunda à noite, dia 22/09/2014, o professor Felipe me encaminhou um e-mail que recebeu de Luiz Mott, pedindo que ligasse para ele além dos contatos de Carlos e informando que devido à Parada Gay, ocorrida no domingo, a semana pós-parada é complicada para os coordenadores inclusive Cristiano. Entendi que não poderiam conduzir atividades paralelas no início daquela semana. Luiz sugeriu no e-mail que eu fizesse contato na quinta ou sexta feira para definir uma atividade de estágio, ao mesmo tempo em que sinalizou que eu poderia fazer um levantamento/ acompanhamento dos casos de assassinatos LGBT na Bahia nos anos de 2012 e 2013 na sexta. Anexou ao e-mail o site onde poderia encontrar essas informações.

Fiquei curiosa e acessei o site na mesma hora. Não tenho como descrever o que senti ao ver algumas imagens. São fotos de alguns assassinatos de LGBT, indicando que as pessoas que cometem esses crimes, naquele momento, se é que posso falar assim, externam toda sua raiva e ódio por um ser humano, cujo crime é existir. Os assassinatos que acontecem diariamente, expressando a crueldade de pessoas homofóbicas, não são divulgados e acabam no esquecimento/invisibilizados. Nesse momento percebi que as minhas idas e vindas não foram em vão, assim como todas as idas e vindas que a vida nos conduz.

Liguei para o telefone fixo do Sr. Luiz, na terça feira, dia 23/09/2014, pela manhã, mas não tive sucesso, o telefone chamava, mas ninguém atendia. Devido ao horário, evitei ligar para o celular, deixando para fazer contato mais tarde. Como tinha coisas para resolver a rua, saí pela manhã e só retornei pela tarde, foi quando fiz nova tentativa, agora para o celular. Desta vez tive sorte e Luiz atendeu. Me identifiquei, informei que havia ligado pela manhã no fixo sem sucesso, e ele pediu que desligasse e retornasse para o seu telefone fixo. Dando continuidade à conversa ele perguntou qual o curso que eu fazia, semestre que cursava e a duração do curso. Acho que me confundi em algumas respostas, pois depois de tantas idas e vindas ao longo do curso não sei se estou no 5º ou 6º semestre. Então ele me passou o que deveria fazer. Pediu que verificasse no site os dados referentes aos assassinatos de 2012 e 2013, copiasse e colasse em uma página do Word, ao mesmo tempo em que solicitou que enviasse, para ele, uma tabela onde constam basicamente algumas informações sobre a vítima, para posteriormente completar a tabela com mais informações que incluam dados dos assassinos. Conforme conversa, segundo Luiz, a tabela não possui dados referentes aos assassinos, o que dificulta o acompanhamento dos casos. Então ele vai incluir mais dados, e reenviar para que eu complete. Durante a conversa perguntei quando deveria enviar a tabela e ele disse hoje mesmo, então percebi que meu estágio havia começado. E no mesmo dia à noite, véspera de ir para o trabalho enviei a planilha e fiquei aguardando resposta, que veio essa semana.

**DIÁRIO DE CAMPO IV**  
**13/10/2014**

No dia 23/09/2014 enviei para o professor Mott as tabelas, com os assassinatos LGBT do ano de 2012 e 2013, que fazem parte do banco de dados do site "*Quem a homotransfobia matou hoje?*". No dia seguinte fui trabalhar e todos os dias acessava o e-mail aguardando retorno do professor e até o dia 01/10/2014, quando voltei do trabalho não recebi resposta. No dia 03/10/2014, recebi um e-mail do professor Felipe, enviado por Luiz Mott, com as orientações, pois ele havia perdido/esquecido meu e-mail e solicitava que entrasse em contato, pois estava viajando. Nesse e-mail Luiz solicita que converta as tabelas enviadas, que estão em "PDF" para "Excel", visando incluir/modificar/alterar alguns dados. Enviei um e-mail informando que estava indo para a faculdade e logo que retornasse mandaria a tabela.

Quando cheguei da faculdade, fui direto para o computador, pois ainda ia descobrir como converter tabelas de "PDF" para "Excel". Nas minhas primeiras conversas com Luiz Mott, ele perguntou se sabia trabalhar com Excel, respondi rapidamente que sim, mas sei o básico, que preciso no meu trabalho, no entanto não poderia responder que não, já que os dados dos assassinatos são inseridos em tabela, para uma melhor visualização/ acompanhamento. Não sei se seria um impedimento para realização do estágio, mas pensei que o que não soubesse fazer iria pesquisar/perguntar, enfim iria aprender. Quis registrar esse fato para indicar que o que não sabemos podemos aprender. E foi isso que aconteceu comigo, pesquisei na internet como fazer a conversão e acabei encontrando, enviei a planilha conforme ele pediu e com uma sugestão que ele aceitou e incluiu na tabela, "com quem a vítima mora". Não sei se é um dado relevante, mas ao analisar os casos podemos identificar se o morar sozinho/acompanhado de pais, irmãos/irmãs, companheiros/companheiras tem alguma influência na quantidade / forma de assassinato.

No dia 04/10/2014, recebi a resposta de Luiz, informando que poderia começar a preencher a planilha com os dados de 2014, os quais ainda estão no arquivo em forma de reportagens. Sugeri que transcrevesse para a tabela apenas os três primeiros casos de 2014, para que ele avaliasse se estava tudo certo, ao mesmo tempo em que me pediu muita atenção ao fazer as transcrições, pois as informações devem estar corretas, de acordo com as reportagens. Sugeri também que fizesse uma pesquisa na internet com os nomes das vítimas e ou assassinos, a fim de encontrar algum dado novo referente ao ocorrido.

No dia 11/10/2014 enviei a planilha com os dados solicitados, exceto com o item cor, pois como nas reportagens não fazem referência a cor da vítima, nem do assassino, deixei essa coluna em branco. No dia 13/10/2014, Luiz me respondeu e pediu que enviasse para ele a planilha a cada dez casos transcritos e, sobre a cor, sugeri que tente identificar pelas fotos.

Apesar do estágio à distância, sinto que ele está atento, pois, mesmo viajando, vem mantendo contato regularmente e me orientando. Acho que isso faz com que eu crie uma rotina para não me distanciar do trabalho, o qual tem sido um grande aprendizado.



### **DIÁRIO DE CAMPO V** **24/10/2014**

Continuo com a atividade, de inserir na planilha do Excel os casos de assassinatos da população LGBT de 2014. Já preenchi os dados até setembro, faltando apenas outubro. Enviei a planilha para Luiz no dia 23/10/2014, estou aguardando um novo contato. Agora vou me ater em buscar nome por nome de vítima e/ou assassino, e tentar levantar mais dados, principalmente do assassino, para ver como está o acompanhamento dos casos. Terei que descobrir uma maneira de como buscar essas informações, pois as informações nos sites de notícias são repetitivas e muito vagas.

Percebo que, na maioria das vezes, ou quase sempre, os crimes não são relacionados à homofobia, sendo apenas mais um crime. Quero dizer que, por não se configurar crime de homofobia, entra na estatística, que já é alta, como mais um crime “comum”. Ressalto que não estou desmerecendo os demais crimes, mas, se fosse tratado na sua especificidade, esses crimes teriam um acompanhamento diferenciado, com um banco de dados específico, facilitando, eu creio, a punição dos culpados, e a tipificação de crime de ódio.

### **DIÁRIO DE CAMPO VI** **07/11/2014**

Enviei a planilha para Luiz no dia 23/10/2014, e fiquei aguardando retorno. No dia 27/10/2014, recebi um e-mail de Luiz perguntando como estava o trabalho, respondi informando que já havia enviado a tabela com todos os casos de 2014 até o mês de setembro, faltando incluir os de outubro e que reenviaria. Como não recebi resposta, no dia 31/10/2014, enviei outro e-mail perguntando se ele havia recebido, também não obtive resposta. No dia 03/11/2014 ele me enviou um e-mail dizendo que “a tabela está bem”, e me lembrando que combinamos de fazer o preenchimento das tabelas dos anos anteriores, 2011, 2012 e 2013. Respondi que estava no trabalho e assim que retornasse daria continuidade.

Aproveitei a oportunidade para falar sobre a apresentação do pôster na Semana de Gênero e Diversidade, ele gostou da ideia. Percebi pela resposta que Luiz pretende participar da confecção/elaboração do pôster. Fiquei de enviar o resumo posteriormente, pois estava sem o título. Pedi ajuda ao professor Felipe o qual me orientou com a sugestão de um título.

No dia 05/11/2014 na aula de Políticas Públicas III da professora Mariângela, tivemos a presença de Paulett Furacão, a primeira transexual a assumir um cargo no governo da Bahia. Desde 2012 ela assumiu o cargo de coordenadora do núcleo LGBT da Superintendência de Apoio e Defesa aos Direitos Humanos da Secretaria da Justiça, Cidadania e Direitos Humanos da Bahia (SJCDH). Ela falou sobre as dificuldades que enfrenta à frente do núcleo, mas também falou dos avanços conquistados ao longo desses dois anos. A sua presença, faz parte do projeto de final da disciplina, onde quatro grupos apresentarão quatro segmentos onde a Política Pública se faz presente, são eles: LGBT, Juventude, População Negra e Mulher Rural. A ideia é que os representantes façam uma apresentação sobre o seu segmento durante a elaboração do trabalho em grupo. O produto final é um texto escrito e a apresentação para os demais grupos.

**DIÁRIO DE CAMPO VII**  
**21/11/2014**

Concluí o preenchimento da planilha com os dados dos assassinatos da população LGBT de outubro de 2014 e enviei para Luiz Mott no dia 13/11/2014, quarta-feira, às 14:58hs. Felizmente, pelo menos aqui na Bahia, até esta data não foi registrado, de acordo com o site “*Quem a homotransfobia matou hoje?*” nenhum caso de assassinato da população em estudo. Isso não significa que melhorou, mas é como se houvesse uma “trégua” no nosso estado. Por outro lado, no dia 27/10/2014, em Santa Cruz do Capibaribe, Pernambuco Amós Antônio dos Santos foi morto a pedradas, e seu corpo abandonado nos fundos de um sítio, apenas de meias e cueca, coberto com galhos. Seu rosto estava totalmente desfigurado. Amós tinha 32 anos, e pela foto parecia ser branco. Não é fácil olhar para a imagem (FIGURA 6). Fico me perguntando o que leva um ser humano agir de forma tão cruel? Em alguns momentos tem sido difícil fazer esse trabalho, pois a forma como essas pessoas são mortas indica que seus assassinos se acham no direito não só de matar, mas também de mutilar / deformar, ou seja, trata o outro como objeto.

Outro caso que me chamou a atenção, foi o assassinato de uma professora, Cleude Alves Pereira, lésbica, segundo a matéria, negra, tinha 48 anos, cabelo curto, preto alisado, natural de Itabuna, mas residia em Teixeira de Freitas, foi morta por estrangulamento. Trabalhava no município há 22 anos e atualmente lecionava no Colégio Manoel Cardoso Neto. Ela foi encontrada morta na cozinha da sua residência, na Rua Dois Irmãos, bairro São Lourenço, com o corpo seminu, por uma amiga que desconfiou do portão aberto com a chave no cadeado e o cachorro latindo muito. O curioso desse caso, é que algumas pessoas “anônimas” se posicionaram questionando o fato da matéria afirmar que a professora era lésbica.

Anônimo 20 de outubro de 2014 21:21: “*Sobre a informação de Cleude ser Homossexual não é verídica, fui um grande amigo dela e ela sei que não é verdade. A mídia quer ligar os crimes e colocar como se o sujeito a matou por ela ser homossexual, peço que corrijam a matéria. Não sou homofóbico, respeito a escolha de cada um mas neste caso essa informação não condiz com a realidade. Desde já agradeço.*”

Anônimo21 de outubro de 2014 11:06: “*Por favor peço que respeite a dor que a família esta sentindo e retire a informação que não é verídica; que ela era homossexual! Não é porque aconteceu com outras pessoas homossexuais que agora a desculpa da polícia vai dizer que o assassinato da professora Cleude em Teixeira de Freitas é a mesma coisa! Conhecemos ela e sabemos que isso não é verdade! Peço que retifique a matéria, caso não, vai ser tomada as devidas providencias!!! Tiraram a vida de uma pessoa que era maravilhosa, alegre, feliz, amável, linda uma pessoa querida por todos familiares e amigos. Porque meu DEUS tanta maldade ela não merecia, ter morrido dessa forma! Mais quem fez isso vai pagar, pode ter certeza, DEUS é justo e vai mostrar os culpados que fizeram essa barbaridade. Que a justiça seja feita por DEUS e pelas leis do homem, o mais rápido possível esse caso não pode ficar impuni”!!!* A reflexão que faço dos depoimentos dessas pessoas é que, ao verbalizarem a importância da não associação da professora com o fato dela ser homossexual, tentam justificar que a morte da mesma não está relacionada com a sua sexualidade, ao mesmo tempo em que demonstram que pertencer a esse grupo é algo negativo.

Ainda na Bahia, em Itabela, outra professora foi morta. Arlinda Santos Ferreira foi assassinada a pedrada em plena via pública, na rua da Torre, bairro Ubirajara Brito, próximo ao centro da cidade, no dia 16/10/2014, quando foi encontrada por populares ainda estava agonizando. Recebeu os primeiros socorros no local, mas morreu a caminho do Hospital Frei Ricardo, em Itabela. Ela tinha 37 anos, parda, cabelo curto castanho cacheado. Ao lado do corpo foi encontrada uma pedra com vestígios de sangue, possivelmente instrumento do crime, segundo a polícia.

Abaixo destaco um trecho da reportagem, do site [www.teixeiranews.com.br](http://www.teixeiranews.com.br), que merece uma reflexão: “A desconfiança de homofobia, dada à opção de homossexual assumida pela professora, está praticamente descartada e a hipótese mais trabalhada pela polícia é de crime passionai. Crime praticado por paixão doentia, quando a pessoa perde o controle de suas ações, cometido por pessoa dominadora, e sem o domínio de suas emoções, que mata por ciúme, sentimento de traição ou vingança.” De acordo com o delegado Hermano Costa, o ex-namorado de uma mulher com quem Arlinda teria um envolvimento amoroso, não estaria aceitando os novos relacionamentos da ex-companheira. Esse homem, suspeito de ter cometido o assassinato, está sendo procurado. Geralmente, quando essas situações ocorrem entre casais héteros, a vítima é a ex-namorada/ex-esposa, e não o seu parceiro. Porque neste caso foi o contrário?

**Figura 6** – Homem é morto a pedradas na zona rural de Santa Cruz do Capibaribe.



**Fonte:** Dados do site “Quem a homotransfobia matou hoje?” (QUEM... 2014).

### DIÁRIO DE CAMPO VIII 28/11/2014

Luiz Mott me enviou um e-mail no dia 14/11/2014, sexta feira, ou seja, no dia seguinte, após ter enviado para ele a planilha com os dados dos assassinatos LGBT de 2014, mas, como estava no trabalho e a internet não estava boa, só consegui ver no dia 17/11/2014, segunda feira. Neste e-mail ele informava que em Fortaleza, foi criado um site no Google Maps. “Serviço de pesquisa e visualização de mapas e imagens de satélite da Terra gratuito na web fornecido e desenvolvido pela empresa estadunidense Google”, cujo título é “Mapa da Homofobia, Lesbofobia e Transfobia em Fortaleza”. O site é interessante, pois ao se clicar no marcador indicando um determinado local, aparece uma descrição suscita do fato tipo: *Condomínio Jardim Aldeota (Homofobia Institucional) A síndica proibia jogos de futebol protagonizado por mulheres lésbicas; Ponte dos Ingleses (Homofobia Institucional) O guarda da Ponte*

*Metálica constrangeu e tentou expulsar um casal de lésbicas por se beijar, Biblioteca do Campus do Porangabuçu – UFC (Homofobia Institucional) O funcionário da biblioteca interpelou duas meninas, que se comportavam na biblioteca como um casal faria, e questionou "que libertinagem é essa?", e solicitou que elas se retirassem; Avenida José Bastos, Na noite de 11 de janeiro, a transex Cecília Marahouse conhecida por seus shows e frequente presença em boates gays do Ceará foi covardemente assassinada com 6 tiros próximo a Avenida José Bastos, na periferia de Fortaleza.*

Cecilia era ainda notadamente conhecida pela comunidade LGBT por atuar como acompanhante profissional. Percebi que o site não se restringe a relatar só os casos de assassinatos, mas expõe os casos de homofobia institucionalizada, em que as pessoas que cometem a "agressão", fazem sem nenhum constrangimento, pois acham que estão agindo corretamente.

Luiz, perguntou se teria condições de fazer um mapa desse tipo, com os dados da Bahia. Fiquei empolgada e ao mesmo tempo apavorada, pois achei que seria difícil, uma vez que teria que pesquisar como fazer, apesar dele informar que eu poderia entrar em contato com a pessoa que fez, e pedir ajuda. Por outro lado, fiquei pensando se daria tempo, pois pensei em apresentar na Semana de Gênero e Diversidade, além de ainda ter que concluir as tabelas de assassinatos de 2013, 2012 e 2011. Mas respondi que teria condições de fazer. Acho que minha preocupação me impediu de demonstrar entusiasmo com o achado de Luiz, que viu grandes possibilidades para o nosso trabalho segundo o e-mail enviado para mim no dia 14/11/2014. *"Sonia, olha que trabalho interessante, você seria capaz de fazer um desses pra Bahia em geral e pra Salvador em particular, ficaria ótimo para a apresentação de seu trabalho. Se tiver dificuldade, tente entrar em contato com o autor, elogie e diga que é minha orientanda."* Minha resposta enviada no dia 17/11/2014: *"Luiz, boa noite. A internet não estava muito boa, por isso só vi o e-mail hoje. Vou começar a fazer e se tiver dificuldade entro em contato com o autor"*. Depois que enviei esse email, fiquei mal comigo mesma e resolvi enviar outro, no mesmo dia. *"Fiquei impressionada com a criatividade do autor. Para os registros dos assassinatos será interessante, pois a visualização dos casos será muito rápida"*, não sei se resolveu, mas tentei.

Continuando com os registros dos assassinatos LGBT 2014, percebi que no dia 13/11/2014 às 14:58hs, quando enviei o último e-mail informando que até aquela data não havia registro de assassinato LGBT aqui na Bahia, na realidade havia ocorrido um triplo assassinato na cidade de Santa Brígida na Bahia no dia 12/11/2014, mas só foi divulgado no dia 13/11/2014 por volta das 20:00hs. Enquanto conversavam próximo à Igreja de São Pedro, três gays foram abordados por dois rapazes que passaram em uma moto Bros Preta, e atiraram contra eles. As vítimas são: José Filho do Nascimento, 24 anos, pardo; Alessandro Santos de Souza Junior, conhecido como "Juninho", pardo, a idade não foi informada e José Antônio Pereira da Silva, 34 anos, professor, não foi possível identificar a cor, pois dos três é o único que não aparece sozinho na foto, dificultando a identificação.

No dia 18/11/2014, recebi um e-mail do professor Felipe, sobre mais um caso de suicídio. O e-mail é uma mensagem, do facebook, escrita pela professora Joana Maria Pedro, para o professor Igor Queiroz, seu ex-aluno. *"Igor Queiroz foi um dos mais inteligentes estudantes que já conheci. Mais de uma vez, quando eu lia seus textos, só tive elogios a fazer. Não sei o que fez esta pessoa tão inteligente, competente, gentil, com um coração imenso querer nos abandonar. Respeito sua decisão, sei que não é fácil viver neste mundo cheio de homofobia, cheio de agressões. Tudo que tenho a dizer é que todos e todas nós perdemos um historiador muito importante. Perdemos uma pessoa inteligente que teria muito mais a contribuir."*

*Como é que nossa sociedade pode prescindir de pessoas como o Igor, como podemos desperdiçar gente preciosa como ele? O que mais precisamos fazer para que todas as pessoas sejam respeitadas pelo que são, pelo que querem e podem fazer por todos e todas nós?*

*Eu não quero entender, me nego a entender o preconceito, a agressão que é feita todos os dias, de maneira aberta e velada. Igor, você não quis mais ficar, mas nós que ficamos com toda esta saudade, continuaremos cada vez mais a lutar para que ninguém queira ir embora por causa destas agressões e deste desrespeito.” Igor Henrique Lopes de Queiroz faleceu no dia 17/11/2014, era branco, cabelos pretos ondulados, não foi informada a idade, doutorando da Pós-Graduação em História e pesquisador do Laboratório de Estudos de Gênero e História, faleceu no dia 17/11/2014. Trecho da sua dissertação de Mestrado/Doutorado, enviado por outra professora: “A todas/os as/os militantes, vivas/os ou não, que lutaram por anos a fio por mais segurança, igualdade, justiça. Ao sangue derramado de dezenas de anônimas/os, muitas/os das/os quais essa pesquisa, infelizmente, sequer permitiu captar fragmentos de suas vidas. Dedico a todas/os vocês esse trabalho.”(...).*

Um crime que teve repercussão nacional foi o assassinato de Marcus Vinicius Macêdo de Souza, de 19 anos, branco, cabelos lisos, morto a facadas no Parque do Ibirapuera em São Paulo, no dia 16/11/2014 (FIGURA 7). Ele estava com os amigos e ao se afastar para urinar foi atacado. Foi encontrado com duas facadas e morreu no hospital.

Tenho observado que alguns casos onde a vítima possui nível superior, geralmente branca e gay, tomam uma proporção maior e são divulgados em outras mídias, como televisão e jornais de grande circulação, além daquelas citadas no site “*Quem a homotransfobia matou hoje?*”, cuja repercussão é limitada, já que atinge o público do local onde ocorreu o fato. Devido à dimensão que são dados a esses casos, existe uma pressão maior no sentido de se identificar os culpados. Já nos casos onde a vítima é negra (FIGURA 8), com baixo nível de escolaridade, e/ou profissional do sexo, não se observa o mesmo nível de divulgação, nem o empenho das autoridades em resolver os casos. Outro dado relevante é o fato de como são divulgadas as imagens das vítimas. Vale a pena refletirmos sobre essas questões.

**Figura 7** – A facadas, gay é assassinado no Parque do Ibirapuera.

A facadas, gay é assassinado no Parque do Ibirapuera

... 16/11/2014, by Redação



Um jovem de 19 anos estava com os amigos quando se afastou do grupo para urinar e foi atacado; caso é investigado por delegacia de crimes de intolerância

Por Redação

Em mais um episódio de aparente motivações homofóbicas, um jovem gay foi assassinado dentro do Parque do Ibirapuera. Marcos Vinicius de Souza estava com um grupo de amigos no parque, na madrugada deste domingo (16), quando se afastou para urinar e foi atacado. Ele foi encontrado ferido com duas facadas e morreu no hospital.

De acordo com amigos que estavam no local, um homem teria visto uma luta corporal e os avisou. “Ele viu ele tendo uma luta corporal com um cara que estava com uma faca. Ele correu e foi falar com o povo. E lá como todo mundo conhecia o Vini, já começaram a gritar ‘Guilherme, Janaina, Bruno. É o Vini! É o Vini!’ E a gente saiu correndo e foi para essa área do mato. Aí começamos a procurar e a gente não achava. Procuramos, procuramos. Aí ele gritou”, relataram os colegas à rádio CBN.

<http://spressosp.com.br/...>

**Fonte:** Dados do site “*Quem a homotransfobia matou hoje?*” (QUEM... 2014).



**Figura 6** – Corpo de travesti é encontrado em igarapé na BR-364.



**Fonte:** Dados do site “*Quem a homotransfobia matou hoje?*” (QUEM... 2014).

### DIÁRIO DE CAMPO IX 05/12/2014

No dia 17/11/2014, enviei para Darlane Andrade, da Comissão Organizadora da I Semana de Gênero e Diversidade, o resumo sobre Assassinatos LGBT 2014, que estou organizando em uma tabela, como atividade do Estágio Supervisionado em Gênero e Diversidade I, sob a supervisão de Luiz Mott, antropólogo, historiador e pesquisador, e um dos mais conhecidos ativistas brasileiros em favor dos direitos civis LGBT, como pré-requisito para apresentação de pôster no Seminário da I Semana de Gênero e Diversidade que acontecerá de 02 a 04/12/2014 na UFBA. No dia 18/11/2014, Luiz me enviou um e-mail, sugerindo algumas alterações no resumo. Entrei em pânico, pois já tinha enviado para Darlane e não sabia se podia modificar. Ele achou que estava muito repetitivo o nome do site “*Quem a homotransfobia matou hoje?*”, sugeriu também que a sigla LGBT, fosse colocada por extenso apenas no início do texto e ao longo deste só a sigla. Também deu uma sugestão para o final do resumo. Ressaltar a importância que os dados servem para identificar a regularidade e tendências desses homicídios, para que sirva de alerta para a comunidade LGBT evitar situações de risco, além de instigar o poder público para que criem políticas públicas que garantam a segurança pública dessa população. Resolvi arriscar, fiz as alterações e reenviei para Darlane, no dia 21/11/2014. No dia 22/11/2014 ela me respondeu enviando o resumo e a carta de aceite. Fiquei feliz com a oportunidade. Então comecei a correr para concluir as tabelas, pois no mesmo e-mail que Luiz enviou sugerindo alteração no resumo ele também escreveu: “*Cadê a tabela dos demais anos? Depois tem de sistematizar cada item. Sugiro que veja as tabelas e gráficos do relatório de assassinatos de 2013 no site e faça o mesmo para os dados da Bahia. Qual foi o total de assassinatos nesses anos? Adiante logo as tabelas e a sistematização para termos tempo de corrigir e interpretar.*” Ou seja, esses últimos dias tem sido só correria.

Atualizei a tabela de 2014, ou seja, computei os casos ocorridos até o dia 16/11/2014 e no dia 23/11/2014, reenviei juntamente com a tabela de 2013. Dei início ao preenchimento dos dados de assassinatos LGBT de 2012, porém é mais demorado já que, só encontrei os dados em forma de texto, onde estão listados todos os casos ocorridos no Brasil em 2012, com as respectivas reportagens. A ordem cronológica ajuda um pouco, mas mesmo assim, demanda muito tempo, já que tenho que olhar caso a caso e separando os da Bahia em ordem cronológica. Existe uma tabela com os casos de assassinatos LGBT de 2012, mas as informações são superficiais, então tenho que recorrer ao arquivo que está em forma de Word. Ainda não consegui concluir.

Ao longo dos dias venho pesquisando como fazer o mapa, similar ao enviado por Luiz via e-mail, onde ele informa que em Fortaleza, foi criado um site no *Google Maps*, que é um serviço de pesquisa e visualização de mapas e imagens de satélite da Terra, gratuito na web, fornecido e desenvolvido pela empresa estadunidense Google, cujo título é “Mapa da Homofobia, Lesbofobia e Transfobia em Fortaleza”. O site é interessante, pois ao se clicar no marcador indicando um determinado local, aparece uma descrição suscita do fato tipo: *Condomínio Jardim Aldeota (Homofobia Institucional)*. A síndica proibia jogos de futebol protagonizado por mulheres lésbicas. Finalmente ontem 27/11/2014, descobrir como se faz para escrever no Google Maps. Agora vou tentar fazer o nosso, pelo menos com os dados de 2014. Gostaria de concluir para apresentar na I Semana de Gênero e Diversidade.

Também preciso dar conta do pôster, que será apresentado na semana de Gênero e Diversidade, pois até o momento ainda não coloquei nada no papel, está tudo na cabeça. São 01:47 do dia 27/11/2014, estou extremamente cansada, pois estou no computador por mais de 10 horas seguidas. Porém ainda tem alguns casos que preciso destacar, pois chamaram minha atenção pelo tipo de arma usada. Foi o caso do padre, Francisco Carlos de Souza, 50 anos, negro, Capelão do Santuário Maria Rainha no Stiep, morto por dois rapazes, no dia 05/10/2014, a golpes de chuço, arma artesanal confeccionada com pedaços de metal. O outro ocorreu no dia 20/09/2013, na rua Amparo do Tororó, em que a vítima Nivacil de Godoy Dias “Zeca” de 50 anos, morreu por empalamento, método antigo de tortura no qual era inserido objetos, no umbigo, vagina ou ânus do indivíduo torturando-o até a morte, neste caso específico, foi introduzido um pedaço de madeira no ânus da vítima.

Há algum tempo não me sentiria à vontade para relatar tais casos, mas percebo que isso deve ser divulgado, para tomarmos consciência do que um ser humano é capaz de fazer com seu semelhante, apenas porque não o aceita como ele é. Fico me perguntando, que direito temos sobre o outro? O que nos leva a pensar/achar que podemos dizer o que é certo ou errado para o outro, somos diferentes e isso basta para termos autonomia. Quando nos colocamos em determinada posição, não respeitando os outros é como se fossemos “perfeitos” e “melhores”, mas sabemos que não é bem assim.

## DIÁRIO DE CAMPO X 19/12/2014

Após a aprovação do resumo para apresentar o pôster, foi só correria, pois ainda ia descobrir como fazer um pôster. Foi uma tarefa desafiadora, pois dediquei bastante tempo nesse processo. Enquanto tentava fazer o pôster, continuei com a compilação dos dados, para finalizar a tabela de 2013, com os dados dos assassinatos LGBT na Bahia, porém percebi que não conseguia avançar em nenhuma das duas atividades. Então resolvi parar com o preenchimento da tabela e só me dedicar à elaboração do pôster. Pesquisei em vários sites como elaborar um pôster, pedi ajuda às colegas e aos poucos ele foi ganhando forma. A semana que antecedeu a Semana de Gênero e Diversidade de 02 a 04/12/2014, evento idealizado/organizado/preparado pelos professores Felipe Bruno e Mariângela Nascimento, ambos do Curso do Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade da UFBA. A semana foi de ansiedade e expectativa, pois seria o primeiro trabalho apresentado em um evento.

A proposta do evento foi dar visibilidade ao curso, ao mesmo tempo em que proporcionou aos alunos, não só do nosso curso, mas de outras áreas que fazem disciplinas da grade do curso de Gênero e Diversidade em apresentar projetos de pesquisas, monografias, produtos do estágio supervisionado, ou seja, foi um evento pensado para os alunos. Apesar de algumas semanas antes o professor Felipe, nos mostrar como elaborar/fazer um pôster, ainda assim foi difícil. Comecei a sistematizar os dados do ano de 2014, que seriam objeto do meu produto. Identifiquei em um gráfico o número de mortos em cada mês do ano, a faixa etária, profissões, número de mortos por cidade, perfil do assassino (idade, cor, profissão), além de identificar se o assassinato ocorreu na rua ou em casa, e se o assassino foi identificado e preso. Basicamente esses foram os dados usados na elaboração do pôster.

A parte difícil foi inserir todos os dados, cabeçalho, título, resumo, de forma organizada e compreensível para quem olhasse. Consegui arrumar tudo em uma folha e meia de papel ofício. Mais uma vez contei com a ajuda de terceiros, dessa vez o esposo de Débora, minha colega de curso, o qual conseguiu arrumar tudo em uma folha de papel ofício e fez o trabalho de finalização. Quando vi o banner pronto, me senti aliviada e orgulhosa por ter conseguido, mesmo perdendo a noite. Vencida essa etapa, viria a que talvez parecesse mais difícil, a apresentação do pôster. Como será? Resolvi não me angustiar e esperar. No primeiro dia do evento 02/12, um dia antes da apresentação do pôster, fui pega de surpresa por uma colega do curso de Biologia, que apresentou um trabalho sobre a presença da mulher negra nas eleições 2014, com uma pergunta simples, mas que na hora não respondi, "qual o número de mortos, LGBT, na Bahia em 2014" Simplesmente me "deu um branco" e eu não soube responder. Percebi depois disso que já que estou trabalhando com números deve ter sempre em mente algumas informações chave, pois essa talvez seja a pergunta que mais vou ouvir. Não gostei de ter passado pela experiência!

Só tive oportunidade de participar do evento no primeiro dia 02/12. Pela minha escala de trabalho não poderia participar nos dias 03 e 04, porém negociei previamente, com meu supervisor, a folga para esses dois dias, mas por motivo de doença de um colega, tive que vir trabalhar antes do combinado. Esse episódio aparentemente irrelevante culminou em uma situação de desconforto e inquietação para mim. Dia 04 seria o dia da apresentação de Luiz Mott, meu Supervisor de Estágio, daí o motivo de ter solicitado a folga. No dia 03 pela manhã, recebi uma ligação do trabalho informando sobre a possibilidade de ir trabalhar naquele dia, informei que tinha um compromisso, porém o supervisor informou que não estava encontrando ninguém, até porque o turno de trabalho era meu. Então informei que precisava apresentar o trabalho e depois iria, naquela mesma noite. Ao chegar à faculdade comuniquei ao professor Felipe o ocorrido, e ele me alertou para o fato de que Luiz não gostaria que eu faltasse à sua apresentação. Expliquei que se tratava de um caso de doença e teria que ir trabalhar. Ele pediu que eu comunicasse a Luiz, mas não tive tempo hábil, pois ainda tinha que chegar em casa e arrumar a mala para viajar naquela noite. Alguns dias depois recebi um e-mail de Luiz com o título "estágio incompleto",



no qual ele cobrava as tabelas dos anos de 2013, 2012 e 2011, e as sistematizações, e dizia que o estágio não é só preencher tabela, ao mesmo tempo em que Felipe também me enviou um e-mail, dizendo que eu fizesse as tarefas que o supervisor de estágio vem me pedido há muito tempo. Foram dois e-mails que me deixaram bastante triste pois não vi motivo para tal.

Durante esses meses enviei dados para Luiz e fiquei sem resposta durante muito tempo, tendo que enviar um e-mail só perguntando se ele viu a tabela que enviei. Se demorei para finalizar o trabalho é porque, assim como a maioria de nós, eu também trabalho, sou dona de casa, mas estudar para mim é fundamental, pois faço isso com prazer. Agora são 03:15 da manhã e estou aqui no trabalho, terminando de digitar o diário para enviar para minha filha, juntamente com o memorial e o diagnóstico, além dos outros diários e anexos que deixei impressos em casa para ela juntar tudo e levar para o NEIM mais tarde.

Para finalizar, enviei para Luiz, no dia 13 ou 14 as tabelas de 2013 e 2012 com a sistematização, e informei que ia dar uma parada, pois precisava concluir os trabalhos de final de semestre, mas que até o final da semana enviaria a última tabela e sistematização de 2011, até o momento não obtive resposta.